

ALEX SILVA MESSIAS

**FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NAS
REDES SOCIAIS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE-MS**

2018

ALEX SILVA MESSIAS

**FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NAS
REDES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação –
Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade
Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Psicologia, área de concentração:
Psicologia da Saúde, sob a orientação do Professor Dr.
Márcio Luís Costa.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE-MS**

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

M585f Messias, Alex Silva

Fundamentalismo religioso nas redes sociais / Alex
Silva Messias; orientador Márcio Luís Costa.-- 2018.
137 f.; 2018

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica Dom
Bosco, Campo Grande, 2018

1. Fundamentalismo religioso. 2. Fundamentalismo islâmico.
3. Religião e sociedade. 4. Redes sociais on-line.
I.Costa, Márcio Luís. II. Título.

CDD: 297.09

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Luís Costa – UCDB
(Orientador)

Profa. Dra. Angela Elizabeth Lapa Coêlho - (UNIPÊ)
Examinadora externa

Profa. Dra. Heloísa Bruna Grubits Freire– UCDB
Examinadora interna

Campo Grande - MS, ____ de _____ de 2018.

Na atualidade se constata muitos “fundamentalismos seculares - políticos, filosóficos, estéticos e mesmo culinários (como no caso de alguns vegetarianos) ou atléticos (como na fidelidade a um determinado time esportivo)” Peter Berger.

Às pessoas que se empenham na vivencia de uma fé madura, a tal ponto de respeitar e
conviver com o diferente.

AGRADECIMENTOS

O processo de redigir os agradecimentos é uma tomada de consciência empírica de perceber que não chegamos ao conhecimento sozinho. Minha primeira gratidão a Deus, que em cada pesquisa que tenho realizado é como se descortinasse pequenos *flash's* do véu de Sua beleza e sabedoria.

Gratidão ao corpo docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, de maneira particular ao professor Dr. Marcio Luís Costa que se fez presença amiga e fonte expansal de conhecimento. Gratidão também aos colegas discentes que através das sugestões e críticas ao projeto de pesquisa, troca de bibliografias, incentivo à publicações e participação em eventos científicos, se revelaram como ajuda mútua e estímulo na instigante aventura de busca pelo conhecimento.

À Arquidiocese Metropolitana de Campo Grande, por dispensar-me de algumas atribuições clericais, favorecendo que eu dispusesse de tempo suficiente para dedicar-me à pesquisa científica. A Professora Dra. Joyce Alves (UEL), por sua revisão ortográfica e apoio à minha vida acadêmica.

À minha mãe, Sra. Terezinha Silva Sobrinho e meu irmão André Silva Messias, que foram tão atenciosos, compreensivos e sempre me surpreenderam com um abraço e cafezinho durante as longas horas que procurei dedicar-me às leituras e redação dessa dissertação. Enfim, minha gratidão a todos que acreditam na vivência da fé madura, mas que não se nega ao diálogo e respeito ao diferente de sua crença religiosa.

Resumo Geral da Dissertação

O presente estudo trata do tema do fundamentalismo religioso que tem se alastrado de maneira rápida, vigorosa e complexa, transitando dos templos às redes sociais, sendo praticamente impossível quantificar e mensurar seu alcance na atualidade. O objetivo dessa dissertação é assinalar as implicações das postagens de fundamentalismo religioso cristão e islâmico no Facebook. Na parte teórica foi utilizada a revisão narrativa e a coleta e análise das postagens foram realizadas na forma de estudo caso com a metodologia utilizada para pesquisas na internet, denominada de ferramentais de acesso e análise de conteúdo. Durante um mês foram monitoradas duas *fanpages* com *prints* diários: *Padre Paulo Ricardo* e *Lei islâmica em ação*. Utilizou-se como recurso aplicativo, a Ferramenta de Captura do Windows, na modalidade de captura retangular, para recortar somente as postagens e, em seguida, os comentários foram selecionados a partir das categorias de indignação e invalidação. O estudo mostrou que tanto o fundamentalismo religioso como as redes sociais “vieram para ficar” e que, independentemente se Deus e Alá existem ou não, os fundamentalismos em questão têm demonstrado seu vigor e, no Facebook, têm alcançado dimensões universais. Os usuários se implicam nas discussões das postagens tipificadas como fundamentalistas, usando os recursos de curtir, compartilhar e, principalmente, de comentar. Os comentários às postagens revelam a tonalidade emocional da implicação, na medida que se realizam de forma agressiva e com apelativos à violência, usando expressões desqualificadoras, tais como: “criaturas”, “olhos do mal”, “demônio”, “arder”, “fogo”, “ranger de dentes”, “merda”, “idiota” “nojento” e “nomes de parlamentares”.

Palavras-chave: Fundamentalismo religioso, cristianismo, islamismo e Facebook.

Abstract

This study is about the subject religious fundamentalism that has spread in a fast, vigorous and complex way, transiting from temples to social media, so that it is practically impossible to quantify and measure its reach nowadays. The purpose of this dissertation is distinguish the implications of christian and islamic religious fundamentalism posts on Facebook. In the theoretical part, it was used the narrative revision, and the collection and posts analysis were done as study case with methodology used for internet researches, called tools access and content analysis. During a month, two fanpages were monitored with diary prints: *Priest Paulo Ricardo and Islamic Law in action*. It was used as application resource the Windows Capture Tool, in the rectangular capture mode, to cut out only the posts, and then the comments were selected through the indignation and invalidation categories. The study showed that both religious fundamentalism and social network “came to stay” and regardless whether God and Allah exist or not, the fundamentalisms in question have shown their vigor, and, on Facebook, they have reached universal dimensions. The users involve themselves in posts discussions typified as fundamentalists using the resources of like, share and, mostly, comment. The posts comments reveal the emotional tone of implication, in that as they are performed in an aggressively way and appealing to violence, using disqualifying expressions such as: “creatures”, “eyes of evil”, “demon”, “to burn”, “fire”, “grinding teeth”, “shit”, “idiot.”, “disgusting” and “parliamentarians names”.

Keywords: religious fundamentalism, christianity, islam and Facebook.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.

Reações da *fanpage Padre Paulo Ricardo* no Facebook, entre 1º a 31 de janeiro de 2018... 104

Gráfico 2.

Palavras recorrentes nos comentários da *fanpage Padre Paulo Ricardo* no Facebook, entre 1º a 31 de janeiro de 2018..... **Erro! Indicador não definido.** 104

Gráfico 3.

Palavras recorrentes nos comentários da *fanpage Eu decidi esperar* no Facebook, entre 1º a 31 de janeiro de 2018..... 112

Gráfico 4.

Reações a *fanpage, Lei Islâmica, em Ação* no Facebook, entre 1º a 31 de janeiro de 2018 **Erro! Indicador não definido.** 114

Gráfico 4.

Palavras recorrentes nos comentários da *fanpage Lei Islâmica em Ação* no Facebook entre 1º a 31 de janeiro de 2018..... 114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.

Relação entre linguagem textual dos Sites de Redes Sociais e marcadores conversacionais ..88

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1.

Postagem capturada da fanpage *Padre Paulo Ricardo* no Facebook, no dia 01/01/2018..... 105

Imagem 2.

Comentário de *Usuário 1.*, em fanpage *Padre Paulo Ricardo* no Facebook em postagem da *Imagem 1.* 106

Imagem 3.

Comentário da Usuária 2. 108

Imagem 4.

Comentário da Usuária 3. 109

Imagem 5.

Comentário do *Usuário 4.* 110

Imagem 6.

Comentário da *Usuária 5.* 110

Imagem 7.

Postagem capturada a partir de postagem da fanpage *Lei Islâmica em Ação* no Facebook... 115

Imagem 8.

Comentário do *Usuário 6.* 116

Imagem 9.

Comentário do *Usuário 7.* 117

Imagem 10.

Comentário do *Usuário 8.* 118

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
Referências.....	26
FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO: UM FENÔMENO TIPIFICÁVEL?	28
Introdução.....	29
Origem do Fundamentalismo Religioso	29
Atualidade do Fundamentalismo Religioso	37
Tipificação do Fundamentalismo Religioso	42
Religioso-Xenofobista.....	42
Político-religioso	43
Religioso-científico	46
Considerações Finais.....	49
Referências.....	51
FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO CRISTÃO E ISLÂMICO: TENDÊNCIAS SOCIOPOLÍTICAS.....	53
Introdução.....	54
O Fenômeno Social do Fundamentalismo Religioso	55
Fundamentalismo Cristão-Protestante	57
Fundamentalismo Cristão Católico	63
Fundamentalismo Religioso Islâmico	65
Tendências Sócio-Políticas do Fundamentalismo Cristão e Islâmico	68
Considerações Finais.....	71
Referências.....	73
REDES SOCIAIS: FORMAS DE APROPRIAÇÃO	75
Introdução.....	76
Formas de Apropriação das Redes Sociais na Atualidade	77
Dos Templos Religiosos às Redes Sociais	82
O “Curtir”, “Compartilhar” e “Comentar” no Facebook: Uma Análise	86
Considerações Finais.....	92
Referências.....	94
FUNDAMENTALISMO CRISTÃO E ISLÂMICO NO FACEBOOK: ANÁLISE DE ALGUMAS POSTAGENS	97
Fundamentalismo Cristão e Islâmico no Facebook: Análise de Algumas Postagens.....	98
Introdução.....	98
Método.....	99

Análise e Discussão.....	103
Considerações finais.....	118
Referências.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
Referências.....	129
REFERÊNCIAS	130

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerações Iniciais

O mundo hoje se relaciona e se comunica massivamente por meio da *Internet*, de modo que, em questão de milésimos de segundo é possível estabelecer contato com uma pessoa ou com milhões de pessoas em qualquer lugar do planeta, desde que haja conexão. Assim, navegando pelas redes sociais, facilmente se encontra postagens das mais diversas origens sobre temas políticos, religiosos, econômicos, educacionais, culturais, etc., inclusive aquelas com conotações altamente polarizadas. Essas postagens despertaram o interesse pelo tema do fundamentalismo religioso e a forma como ele reverbera nas redes sociais e, provavelmente, na vida das pessoas, uma vez que as redes sociais se tornam uma espécie de “arena” de discussões apreciativas, corroborativas, pejorativas, indignativas e até mesmo agressivas.

Isso é possível porque os usuários das redes sociais tornam-se produtores e difusores de formação e informação e não somente receptores e espectadores, despertando sensações, sentimentos e respostas em pessoas e grupos. Trata-se de uma realidade complexa que supera fronteiras geográficas entre o *aqui* e o *lá*, operando em tempo real e espaço contíguo. Se por um lado as redes sociais promovem o diálogo e a inclusão, por outro, também podem se tornar arenas de chamadas apelativas que podem incitar à violência.

Como sacerdote Católico Apostólico Romano a mais de nove anos, fui implicado pela temática do fundamentalismo religioso ao perceber que algumas homilias, documentos eclesiais e posturas religiosas tanto de viés conservador quanto progressista, facilmente transitavam “do templo para as redes sociais”, amplificando sua repercussão e gerando reações das mais variadas e inusitadas possíveis. Ao observar esse fenômeno no interior da minha própria comunidade eclesial, busquei na literatura algumas explicações e para minha surpresa, encontrei Karen Armstrong, referência matricial no assunto, afirmando: “o fundamentalismo não vai desaparecer. . . os acontecimentos dos últimos anos indicam a persistência de um estado

de guerra latente entre conservadores e liberais que às vezes emerge de maneira assustadora.” (2017, p. 481).

Para mostrar a relevância acadêmica do estudo, foi realizada uma pesquisa do estado da questão que proporcionou os seguintes resultados: com o descritor “fundamentalismo religioso”, no dia 28 de junho de 2017 encontramos nos indexadores de produção científica os seguintes resultados: a) na página da plataforma Scielo, 03 artigos, e na plataforma Redalyc, 01 artigo; b) na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no dia 30 de junho de 2017, encontramos 06 teses e 10 dissertações; c) no catálogo de teses e dissertações da CAPES, com acesso no dia 07 de julho de 2017, encontramos 04 teses e 14 dissertações.

Em todos os indexadores acima citados, agora com os descritores “fundamentalismo religioso e redes sociais”, no dia 28 de junho de 2017, não foi encontrado nenhum trabalho. Esse resultado confirma o que dizem Libório e Guimarães (2015, p. 235): “Encontramos poucos subsídios sobre a temática, especialmente no Brasil, o que torna evidente ser ela um campo fértil de pesquisa no campo epistemológico...”.

Justamente daí surgiu o interesse de estudar como os fundamentalistas religiosos têm expandido seu discurso para fora dos *templos*, pois “o ciberespaço e a convergência digital tornaram-se, de forma crescente e complexa, campo em que as religiões e os fenômenos religiosos expressam modos de pertencer, credos religiosos e políticos.” (Silveira, 2014, p. 23).

Inicialmente o termo fundamentalismo religioso foi pretensamente positivo, pois designava um tipo específico de pessoa religiosa que se definia como *fiel* aos fundamentos de sua religião ou religiosidade (Lima, 2011). Não obstante essa pretensão, os usos mais recentes e sua propagação midiática são em sua maioria negativos, principalmente depois dos atentados do dia 11 de setembro de 2001 às duas torres do *World Trade Center* em Nova Iorque. Tanto se fala em fundamentalismo religioso que esse termo já está inflacionado, trazendo consigo uma carga negativa e uma conotação pejorativa, tal que o fundamentalista seria uma pessoa ou grupo

fanático, sectário, intolerante, conservador, autoritário, totalitário e, na maioria das vezes, são os *outros* e nunca *eu*.

Trata-se de um alto nível de idealização que faz o sujeito crer-se imune a qualquer interrogação e dispensado da convivência com o diferente. Nessa direção, o fundamentalismo vai se tornando não somente uma atitude religiosa, mas uma militância altamente ideológica, tanto em nível pessoal como coletivo. Entre os vários tipos de fundamentalismos, existem os mais abertos a interferências externas que comportariam mudanças de seus pontos de vista, chamados de *open-mind*, e os mais fechados, chamados de *closed-mind*, que não acatariam outras fontes para o seu saber que não seja o texto sagrado (no caso dos cristãos, a Bíblia e, no caso dos muçulmanos, o Alcorão), ou ainda algum outro discurso autoritativo erigido como fundamento (Lima, 2011). Nessa esteira, o fundamentalismo religioso pode ser abordado sob duas vertentes: (a) fenômeno pretensamente positivo (“fiel aos fundamentos de sua religiosidade”), que se enquadra no grupo *open-mind*; (b) fenômeno negativo e pejorativo (aliado a atentado terrorista) que não dialoga com o diferente, típico do grupo *closed-mind*.

Assim, a presente pesquisa investiga a segunda vertente, por entender que o fundamentalismo religioso promove a intolerância com o diferente, sua negação e supressão. Por se tratar de um estudo interdisciplinar, visitamos vários autores de projeção internacional, entre os quais destacamos: Karen Armstrong, Peter Berger, Zygmunt Bauman e Manuel Castells. Embora se tenha pouca produção acadêmica nacional sobre fundamentalismo religioso e redes sociais, recorreremos às contribuições de Zwinglio Dias, Brenda Carranza, Emerson Sena da Silveira, Jair Araújo de Lima, Raquel Recuero, Luiz Alencar Libório e Valtemir Ramos Guimarães.

Se por um lado como aponta Armstrong, “o fundamentalismo religioso não vai desaparecer”, por outro, as redes sociais também vieram para ficar e acredita ser pouco provável sua reversibilidade. Na verdade, trata-se de uma realidade complexa e que talvez o *continuum*,

isto é, a continuidade entre a vida *off-line* e *on-line*, seja a mais assertiva, a tal ponto que ambos os mundos, *off-line* e *on-line*, se tornam a mesma coisa, coexistem e fundem-se, com rasa ou nenhuma distinção, podendo implicar a esfera pública e privada dos seus usuários, o que torna relevante “... pensar como a conversação em rede está alterando o modo como nos comunicamos, o que dizemos, o que fazemos e o que pensamos.” (Recuero, 2012, p. 3) e talvez alterando o estilo de vida e afetando o bem-estar geral.

Disso decorre que, dependendo da maneira como o usuário se apropria das redes sociais, ele poderá ser beneficiado ou prejudicado em seu bem-estar psíquico, como os efeitos deletérios, as implicações da Web 3.0, as provocações dos *haters* e a questão do *Fake News*, pois ao se construir um grupo na rede social, “...de alguma forma também o sujeito é construído.” (Meneses & Sarriera, 2005, p. 60).

Se por um lado quando as pessoas buscam as redes sociais com o intento de comunicação e interação, por outro elas não se contentam em ter um *amigo* virtual, desejam ter milhares. Esse desejo pode intensificar tanto que às vezes se transforma em uma competição e/ou uma obrigação, para saber quem tem mais amigos. Trata-se de um capital social ou moeda de troca, isto é, o desejo pelo reconhecimento público pode intensificar tanto, que para estar vivo é necessário expor publicamente a evidência dessa vida em fotos e vídeos, numa espécie de *eu te curto hoje e você me curte amanhã*. Nesse sentido Bauman (2008) aponta que quando a qualidade de um relacionamento se torna decepcionante, as pessoas procuram redimir o sofrimento na quantidade.

Com isso, o presente estudo pretende se enquadrar no âmbito das ciências humanas e, principalmente, no campo da psicologia social, por se tratar de uma análise mais contextual sobre o fundamentalismo religioso nas redes sociais, procurando argumentar de diferentes modos como os usuários são impactados, uma vez que é “. . . o aspecto da interação entre as

pessoas e seu ambiente social, pequeno ou grande, que contribui para o compartilhamento social de comportamentos e experiências, e o sentido dado a ambos.” (Spink & Spink, 2015, p. 686).

Diante da diversidade de correntes de pensamento, aspectos doutrinários, tendências sócio-políticas e até mesmo compreensões discordantes entre fieis de uma mesma religião, notamos duas bases mais recorrentes aonde assentam o fundamentalismo religioso cristão e islâmico: “. . . a tendência à exclusividade e a necessidade de se auto definir em oposição a alguém ou a algo.” (Pace, 1990, p. 14). O fato é que ambas as tendências, salvaguardadas suas diferenças, continuam angariando prosélitos e militantes para combater tudo e todos que ameaçam suas crenças, principalmente, quando se atribui ao outro, o diferente de si, a figura do mal por meio de discursos de demonização.

Nessa rolagem, Silveira (2017) alerta que se é uma certeza, por que a necessidade de constante afirmação e de campanha contra outros comportamentos com a finalidade de submeter, dominar e até mesmo eliminá-los? Os ditos fundamentalistas religiosos estariam cientes das verdadeiras bases que têm *ancorado* algumas práticas que fogem do uso da razão ou da instrumentalização da religião para empreitadas políticas e terroristas?

Disso decorre que estudar o fundamentalismo religioso na perspectiva de fenômeno social, se torna relevante, pois os fundamentalistas se voltam “ ... para a construção de uma noção não só de autonomia e liberdade, mas de ordem social e política.” (Castells, 1999, p. 39). Diante destas questões-problemas, o nosso estudo pretende discutir se o fundamentalismo religioso cristão e islâmico compromete as relações de alteridade, tema relevante ao campo da psicologia social.

Para tanto, o objetivo geral desta dissertação é assinalar as possíveis implicações das postagens de fundamentalismo religioso cristão e islâmico no Facebook nas posturas reativas de seus usuários. Em seguida buscaremos alcançar os seguintes objetivos específicos: (a) levantar e discutir a compreensão de fundamentalismo religioso na sua relação de alteridade e

diferenças, entre os principais pensadores do assunto; (b) analisar o fundamentalismo religioso na *arena das redes sociais* e assinalar suas implicações na vida público-privada das pessoas; (c) apontar a necessidade de aprofundar as implicações das postagens do Fundamentalismo religioso no bem-estar psíquico dos usuários do Facebook.

Trata-se de um estudo que no primeiro momento abordará tanto a origem e desdobramentos dos fenômenos do fundamentalismo religioso e das redes sociais, como também a perspectiva que compreenda o “...duplo ‘sujeito-objeto’ (religião e *Internet*) interpolado, interposicionado e entreposicionado” (Silveira & Avellar, 2014, p. 23). Essa perspectiva decorre numa particularidade do nosso estudo, pois diante da fluidez e velocidade da internet, o fundamentalismo religioso nas redes sociais se constitui um “sujeito-objeto”, não permitindo uma análise separada e estática de ambos os fenômenos. Para tanto, o presente estudo se constituirá como relatório na modalidade de quatro artigos. No primeiro momento que compreende do primeiro ao terceiro artigo, faremos uso do método de revisão bibliográfica narrativa, com o intuito de visitar múltiplos autores que discorrem sobre o fundamentalismo religioso e as redes sociais, descortinando assim, diversas possibilidades de abordagem da temática em questão.

No segundo momento, que corresponde ao quarto artigo, será apontado como ambos os fenômenos estão operando na atualidade a partir do estudo de caso com análise documental de algumas reações provenientes de *fanpages* do Facebook com conteúdo de fundamentalismo religioso cristão e islâmico.

Para a organização, estratégia de coleta e análise de dados, seguiremos os procedimentos metodológicos descritos pelas autoras Fragoso, Recuero e Amaral, no livro *Métodos para pesquisa na Internet* (2011). Resumidamente, tal organização pode ser dividida em dois momentos: no primeiro a abordagem dos ferramentais de pesquisa para estudo da religião na *Internet*; e, no segundo, a análise de conteúdo para o tratamento epistemológico dos

comentários oriundos das postagens do Facebook com conotações de fundamentalismos religiosos, cristão e islâmico. Com base nisso, optamos por um estudo de caso a partir de duas *fanpages* do Facebook: *Padre Paulo Ricardo* e *Lei Islâmica em Ação*.

O critério de escolha da primeira, de orientação cristã, se deve ao fato de que o Brasil é considerado um país majoritariamente cristão. Na esfera do islamismo, foi escolhida a *fanpage* brasileira *Lei Islâmica em Ação* pelo fato de, muito embora, se trata de uma religião de predominância no oriente médio, norte da África e Ásia-pacífico, nos últimos anos tem avançado para o ocidente e, razoavelmente, no Brasil¹. Por se tratar de uma rede social, e as *fanpages* são páginas abertas, isto é, de domínio público, a presente pesquisa não precisou ser submetida ao comitê de ética. Deste modo, todas as postagens foram recolhidas diariamente, entre os dias 1º e 31 de janeiro de 2018. Utilizamos como recurso aplicativo, a Ferramenta de Captura do Windows, na modalidade de captura retangular, para recortar somente as postagens e, em seguida, salvá-las numa pasta com o respectivo nome da *fanpage* e, dentro desta, organizados por data e horário de captura.

Cientes da complexidade e até mesmo da dificuldade de tipificação que envolve o fenômeno do fundamentalismo religioso de vertente *closed-mind*, após a conclusão do monitoramento, foram selecionadas as postagens especificamente envolvidas em polêmicas relacionadas ao Fundamentalismo Religioso cristão e islâmico. Como estratégia de organização dos dados para posterior análise, utilizamos as categorias indignação e invalidação para identificar as postagens mais próximas àquilo que se designa como fundamentalismo religioso-xenofobista e religioso-político, que nos permitirão analisar com maior precisão as implicações do fundamentalismo religioso na vida dos usuários do Facebook.

¹ Torna-se relevante estudar o fundamentalismo religioso islâmico a partir da tríplice fronteira: Brasil, Argentina e Paraguai, porque a zona de livre comércio, com isenção ou redução de impostos, atrai uma população maciça de comerciantes árabes, que na sua maioria são islâmicos: “...os Estados Unidos aliam terrorismo ao fundamentalismo islâmico, (...) a região da Tríplice Fronteira é tida como provável ameaça, isto porque a presença árabe na região é de mais de vinte mil pessoas.” (Bonome, 2009, p. 100).

De antemão, assinalamos que o fundamentalismo religioso não se esgota nessa tipificação, mas trata-se aqui de uma tentativa de reuni-los em torno dos tipos em que a produção acadêmica mais tem se debruçado nos últimos anos e, possivelmente, os mais emergentes na atualidade. Também não é nossa pretensão aprofundar o estudo do cristianismo, do islamismo e das redes sociais, mas reunir os conhecimentos necessários para a compreensão do fundamentalismo religioso na atualidade e, principalmente, no Facebook.

Assim o primeiro artigo da nossa dissertação, vai tratar da migração do fundamentalismo religioso da esfera religiosa cristão-protestante à um fenômeno social abrangente, complexo e vigoroso. Mesmo com a negação dos fundamentalistas *closed-mind* de dialogarem e conviverem com o diferente e a subjacente dificuldade de uma tipificação do próprio fenômeno, o referido artigo discorre uma possível tipificação dos fundamentalismos mais emergentes na atualidade: religiosa-xenofobista, religioso-político, e religioso-científico, visando analisar sua inserção e atuação nos diversos aspectos da vida público-privada das pessoas.

O segundo artigo visa discutir com alguns autores que tratam a temática do fundamentalismo religioso cristão e islâmico, desde as circunstâncias comuns que o fizeram emergir como fenômeno social, passando pelo seu processo de estruturação e atuação, até suas tendências atuais de viés sócio-político. Encontramos algumas mudanças como de movimento religioso para a ideologia acirrada, do relativismo para o fundamentalismo, da postura de fiel para militância convicta, do *ad intra* da religião para demandas *ad extra* e ocupações políticas. Disso decorre que, quando se identifica e transfere qualquer responsabilidade pessoal e histórica para as forças externas, como o processo de demonização do outro, entendido como pessoa e/ou instituição, não podemos negar que esse processo alcança dimensões de problema social.

Após analisar a emigração do fundamentalismo religioso da esfera cristã-protestante para um fenômeno social complexo e abrangente, chegando a atingir viés sócio-político com

angariamento não somente de novos prosélitos, mas se necessário de destemidos militantes, o terceiro artigo almeja visitar alguns autores que abordam as diversas formas de apropriação das redes sociais. Deste modo, torna-se possível acenar o itinerário que alguns grupos de fundamentalistas religiosos têm percorrido *dos templos às redes sociais*, procurando compreender as significações mais profundas do simples *curtir*, *compartilhar* e *comentar* do Facebook. O referido artigo é relevante no conjunto dessa dissertação porque, dependendo da forma de apropriação que o usuário estabelece com as redes sociais será definida sua participação no exercício ou não da cidadania, respeito ou não à liberdade religiosa, ou, em última análise, como será constituída a relação de alteridade no cotidiano da vida na atualidade.

No último artigo, tentaremos analisar, discutir e apontar as implicações das postagens de fundamentalismo religioso cristão e islâmico no Facebook. O referido estudo aponta que os fundamentalistas religiosos cristãos e islâmicos, salvaguardadas suas diferenças históricas e doutrinárias, apresentam significativa oposição à modernidade, mas têm se apropriado dos seus recursos, como a imprensa e as redes sociais.

Parece que suas pretensões são de legitimação e universalidade que permite ações de indignação e invalidação de toda diferença, fazendo medrar o terrorismo psicológico e religioso. Para nossa surpresa, na relação fundamentalismo religioso e redes sociais, praticamente as palavras Deus e Alá, não aparecem, curiosamente a palavra demônio e outras palavras de cunho político foram mais recorrentes. O que isso quer dizer?

Em tempo, asseguramos que não nos sentimos suficientemente aptos para discutir um tema tão polêmico e inflamado como o fundamentalismo religioso. A preocupação aumenta quando nosso estudo de caso será realizado num ciberespaço caracterizado pela velocidade de ideias, rotatividade de usuários, formação e informação, tanto local como mundial. No nosso estudo de caso, as fronteiras entre os usuários do Facebook, seus protagonistas, consumidores e espectadores, são cada vez mais móveis e flexíveis. No entanto, nos desafiamos a buscar

instrumental teórico e metodológico para ao menos ensaiar uma discussão sobre essa temática e, quem sabe, descortinar propostas de reflexões sobre como tem acontecido ou como seria mais saudável nossa *relação com o diferente* e nossa *relação com o ciberespaço*, tão caras e necessárias na atualidade.

Referências

- Armstrong, K. (2017). *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. (H. Feist, Trad.). São Paulo: Companhia de bolso.
- Bauman, Z. (2008). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.) (2º ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bonome, J. R. (2009). *Fundamentalismo religioso e terrorismo político*. Goiania, GO: Editora UCG.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para Internet* (1º ed). Porto Alegre: Sulina.
- Libório, L. A., & Guimarães, V. R. (2015). Influências psicossociais e religiosas do fundamentalismo bíblico na saúde integral dos adeptos de uma Igreja. *PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, 6(12), 217–236. <https://doi.org/10.25247/paralellus.2015.v6n12.pp.217-236>
- Lima, J. A. (2011). Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno. *Revista Crônos UFRN*, 12(1), 90–104.
- Meneses, M. P. R., & Sarriera, J. C. (2005). Redes sociais na investigação psicossocial. *Revista Aletheia*, 1(21), 53–67.
- Pace, E. (1990). *Il regime della verità: il fondamentalismo religioso contemporaneo*. Bologna: Società editrice il Mulino.
- Recuero, R. (2012). As redes sociais na Internet e a Conversação em Rede. *CISECO*, 1, 1–4.
- Silveira, E. J. S. da. (2014). Tradicionalismo católico no ciberespaço: juventude, política e espiritualidade. *Revista Ciências da Religião, História e Sociedade*, 12(2), 20–42.
- Silveira, E. J. S. da. (2017). Hermenêutica trágica da intolerância religiosa: algumas notas teóricas. *Revista Labirinto*, 26(17), 141–162.

- Silveira, E. J. S. da, & Avellar, V. L. (2014). Questões metodológicas da pesquisa sobre religião na internet. In Silveira, E. J. S. da, & Avellar, V. L. (Orgs.). *Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivências em Ciências da Religião* (p. 15-48). São Paulo (SP): Loyola.
- Spink, M. J. P., & Spink, P. K. (2015). A Psicologia Social na atualidade. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: rumos e percursos* (2º ed, p. 679–700). Rio de Janeiro: NAU Editora.

FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO: UM FENÔMENO TIPIFICÁVEL?

Fundamentalismo Religioso: um Fenômeno Tipificável?

Introdução

O presente artigo, de revisão bibliográfica narrativa, tem por objetivo visitar alguns autores que escreveram sobre o fenômeno do fundamentalismo religioso, a fim de construir aproximações que permitam acenar para uma possível tipificação desse fenômeno. Isso porque, trata-se de uma temática que desafia qualquer tentativa de quantificá-la ou mensurar seu alcance. No entanto, ao discorrer sobre a origem do fundamentalismo religioso e suas diversas dimensões, será possível discutir as possíveis implicações nas relações de alteridade na vida das pessoas.

Diante da complexidade e abrangência que envolve o fundamentalismo religioso de vertente *closed-mind*, dentro e fora do universo religioso, tentaremos discorrer uma possível tipificação, que nos permitirá analisar com maior precisão sua apropriação e atuação nos diversos aspectos da vida público-privada das pessoas, a saber: religioso-xenofobista, religioso-político e religioso-científico. Para tanto, será necessário trazer à discussão além da própria literatura pesquisada, alguns exemplos de acontecimentos nacionais e internacionais, na tentativa de reuni-los em torno dos tipos em que a produção acadêmica mais tem se debruçado e, possivelmente, os mais emergentes na atualidade.

Origem do Fundamentalismo Religioso

O fundamentalismo enquanto fenômeno social tem sido objeto de pesquisa nas últimas décadas (Armstrong, 2017; Beer & Pondé, 2013; I. P. Oro, 1996; Paine, 2010). Embora sua origem se encontre no ambiente religioso de cunho cristão-protestante, sua abrangência na contemporaneidade ultrapassa tal ambiente, ocupando espaços na política, na economia, nas questões de gênero, entre outros. Deste modo, o fundamentalismo religioso acaba por carregar consigo um traço fortemente ideológico, com atitudes fanáticas, indisposição a secularização, negação da modernidade e até mesmo se utilizando, em alguns casos, de práticas agressivas.

Na verdade, há uma necessidade de que o termo fundamentalismo seja usado no plural, porque existem diferentes fundamentalismos, pelo que se torna relevante estudar e tipificar o fundamentalismo religioso dentro e fora do ambiente religioso.

Paine (2010) constata que um dos primeiros expoentes da atitude que iria ser denominado de fundamentalismo protestante foi Dwight Moody (1837-1899). Ele teria dado origem ao costume de colocar Bíblias nas cabeceiras das camas de hotéis. No entanto, foi no contexto protestante dos Estados Unidos da América, precisamente na *Niagara Bible Conference* – 1878/79 – que o termo *fundamentalismo* foi usado pela primeira vez em referência aos elementos fundamentais da fé cristã:

O movimento fundamentalista remonta à Conferência Bíblica de Niágara, logo sendo elaborados os "cinco pontos" considerados fundamentais (o nascimento virginal de Jesus, sua ressurreição corpórea, a inerrância das Escrituras, a teoria substitucionária da expiação, e a iminente volta de Cristo). O rótulo "fundamentalista" foi cunhado por Curtis Lee Laws, batista, redator do *Watchman-Examiner*, em 1920. (Reily, 1993, p. 305)

As discussões que permeavam a pauta da *Niagara Bible Conference* e a transição do século XIX para o XX consistiam na luta da teologia protestante ortodoxa para defender a inerrância e a infalibilidade da Bíblia, livro sagrado dos cristãos, contra a teologia europeia, que tinha assimilado algumas conquistas da ciência moderna, como o darwinismo e a crítica bíblica. A ortodoxia protestante compreendia que os adversários dos fundamentalistas eram os herdeiros do iluminismo que entendiam a fé somente a partir da esfera racional e que seria muito difícil conceber qualquer verdade que não fosse factual ou científica, isto é, o *mythos* tinha ceder ao *logos*. Temia-se que a negação da inerrância e da infalibilidade da Bíblia destruiriam a estrutura constitutiva do cristianismo, não deixando *pedra sobre pedra*.

Vale considerar que, até 1517 o cristianismo era a religião homogênea da Cristandade Medieval. No entanto, com a Reforma Protestante daquele ano, houve um desdobramento que desencadeou o nascimento do Protestantismo e a instituição da Igreja Católica Apostólica Romana, concomitantemente. O Protestantismo, por sua vez, abriu um amplo leque de novas e variadas denominações cristãs, o que desafia qualquer tentativa de quantificação.

Nesse amplo leque que se abriu, temos os evangélicos, os pentecostais, os neopentecostais, além daqueles que não se enquadram em nenhuma dessas denominações. E, embora se tenha configurado essa heterogeneidade, é possível assinalar certo ordenamento centrado na Bíblia, na doutrina e na autoridade do líder religioso. Assim esse ordenamento pode ser o ponto em comum para as diversas denominações cristãs, incluindo o catolicismo.

Com isso, o fundamentalismo religioso surgiu como a afirmação da tradição ortodoxa contra as interpretações críticas provenientes da modernidade. No entanto, essa discussão da literalidade e interpretação da Bíblia, remonta à filosofia e teologia clássica: “Essa forma de “literalismo” fundamentalista é antiga. Os Pais da Igreja já conheciam os debates entre os partidários da letra e os partidários de uma hermenêutica mais leve, como Santo Agostinho.” (Eco, 2000, pp. 15–16).

Um dado curioso é que, até o final da década de 1950, não figurava entrada para a palavra *fundamentalismo* no dicionário *Oxford English*. Ela só se tornou de uso comum a partir da década de 1960 e *fundamentalist* apareceu apenas na edição de 1989². Esta última inclusão, todavia, não era provocada por desdobramentos do cristianismo, mas por acontecimentos políticos ligados ao mundo islâmico, como por exemplo, a revolução iraniana de 1979.

Segundo Lima (2011), independente da religião, o termo fundamentalismo inicialmente designava um tipo específico de religioso que se definiu como fundamentalista numa

²Cf.: Oxford. (1989). **English Dictionary** (2nd ed.). London: Oxford University Press.

apropriação positiva do termo, ou seja: aquele que se enxerga como *fiel* aos fundamentos de sua religiosidade. Portanto, o primeiro sentido histórico do termo foi pretensamente positivo.

Nessa esteira, Paine (2010) conclui que, diante da ameaça do cientificismo ateu e da modernidade, apesar do *Syllabus* de Pio IX³ e do Juramento de Pio X⁴, e de correntes tradicionalistas ainda presentes, atualmente em alguns grupos ou até cismáticos, a Igreja Católica compreende que o depósito da sua fé não muda em sua essência, mas o entendimento pode evoluir e expandir no decorrer dos séculos, por se tratar de uma realidade viva e orgânica. Tal posição, aliada à avaliação mais positiva do papel da filosofia na obra teológica, pretendeu isentar o catolicismo da etiqueta de fundamentalista.

Um dado curioso é o fato de que os próprios fundamentalistas protestantes criticam a Igreja Católica por esta não ser fundamentalista (Paine, 2010). Esta questão aponta para a necessidade de discutir o fundamentalismo religioso desde perspectivas mais amplas, como um fenômeno que vai se afastando de suas origens e se transformando em expressão de posições endurecidas e recrudescidas, seja no campo religioso, social, político, econômico ou na articulação de dois ou mais desses campos.

Nessa perspectiva chama a atenção acontecimentos como os dos anos de 1978 e 1979, quando o Aiatolá Ruhollah Musavi Khomeini⁵ derrubou o Xá Muhammad Reza Pahlevi⁶, em nome de Alá e Maomé, amparado pelo Alcorão, livro sagrado do islamismo, instaurando um

³ Conjunto de 80 proposições promulgadas pelo Papa Pio IX em 1864, condenando os principais erros da modernidade: protestantismo, maçonaria, liberdade de consciência e de culto, separação entre a Igreja e Estado, educação leiga, civilização moderna, entre outros.

⁴ Consistia na fidelidade à doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana e obediência a sua hierarquia. Padres, superiores de ordens religiosas, confessores e professores de seminários, deveriam jurar quando assumiam qualquer ministério ou ofício.

⁵ Do árabe *ayatollah*, significa: sinal de Alá na Terra. Alto título da hierarquia religiosa entre os Xiitas com poder de garantir que as leis estejam de acordo com o *Sharia* (lei islâmica). Mesmo o Irã sendo considerada uma república, com eleição presidencial e parlamento, na prática, o país é comandado pela figura do Aiatolá.

⁶ Da antiga Pérsia, *Shah*, significa rei. Título ou nomeação atribuída aos soberanos do Irã. O Xá Reza Pahlevi, foi o último que governou o Irã, antes da revolução iraniana de 1979.

regime político clerical e estabelecendo um regime teocrático e totalitário de Estado e de governo.

Segundo Armstrong (2017), nesse período o Irã passava por uma fase turbulenta de miséria e influência estrangeira. O Aiatolá Khomeini afirmava que só Deus tinha o poder de legislar e que os Xiitas não deveriam obedecer ao Xá Muhammad Reza Pahlevi, que comprometia a identidade do Islã, por firmar relações calorosas com o ocidente, a tal ponto que o termo *ocidentoxicação* tornou-se recorrente na época para descrever o dilema no qual viviam os iranianos, envenenados e contaminados pelo ocidente.

A revolução Iraniana foi o acontecimento que pela primeira vez atraiu a atenção do mundo para o potencial fundamentalista (...) Para numerosos secularistas Khomeini e o Irã representavam tudo que a religião tinha de errado – e até mesmo de mau – principalmente porque a Revolução revelou o ódio de muitos iranianos pelo Ocidente em geral e pelos Estados Unidos em particular. (Armstrong, 2017, pp. 376–401)

Após quinze anos da Revolução Iraniana, em 1994, no leste e sul do Afeganistão e no Paquistão, surge o Talibã. Grupo que ficou conhecido por seu posicionamento extremista e radical em relação aos textos islâmicos, incluindo proibição da cultura ocidental e a obrigação ao uso da *burka* pelas mulheres. Em 1996, o grupo conseguiu força suficiente para invadir a capital Cabul e assumir o governo do Afeganistão até em 2001, quando aconteceu a invasão de tropas ocidentais. Apesar de ter sido destituído do governo formal, o Talibã continua sendo influente, utilizando táticas de guerrilha e ataques terroristas.

Segundo Peter Marsden (2001), o principal líder talibã foi Mohammed Omar, um influente jihadista que foi morto em 2013 após liderar o grupo por aproximadamente duas décadas. Ainda se falando de liderança, é relevante considerar que quando expulso de alguns

países, Osama Bin Laden, um dos fundadores da Al Qaeda⁷, foi acolhido pelo Talibã no Afeganistão, que apesar de ideologias distintas, os dois grupos se imbricaram e se ajudam com logística, armas e recursos financeiros.

A *Al Qaeda* passou a ser conhecida mundialmente após o maior atentado terrorista da história, o *11 de setembro* de 2001, que totalizou aproximadamente 3.000 mortes de pessoas de mais de 70 países e 6.000 feridos. Na ocasião, 19 integrantes desse grupo sequestraram quatro aviões comerciais nos Estados Unidos, sendo que dois aviões foram lançados contra os prédios mais altos de Nova York, as torres gêmeas do *World Trade Center*. O terceiro avião foi lançado contra o Pentágono, sede do Departamento de Defesa estadunidense em Washington, e o quarto em um campo próximo a Pittsburgh, no estado da Pensilvânia. Após esses atentados, houve uma intervenção de tropas estadunidenses e britânicas em solo afegão. Cabul foi bombardeada e os campos de treinamento da *Al Qaeda*, destruídos.

Atualmente, a Al Qaeda possui bases em vários países como a Somália, Argélia, Líbia e Chade, e suas ações terroristas ocorrem em nações ocidentais e em países muçulmanos que apoiam os Estados Unidos, como, a Arábia Saudita, a Turquia e a Indonésia. Segundo os dados da *Global Terrorism Database*⁸, de janeiro a dezembro de 2016, 34.623 pessoas morreram vítimas de ataques. O autodeclarado Estado Islâmico (EI) que começou como um ataque militar contra o regime Talibã no Afeganistão se ampliou para a Guerra do Iraque, tornando-o, por sua vez, a milícia terrorista mais ativa em nível mundial, reconhecendo e/ou reivindicando um total de 1.430 ataques terroristas.

Na mesma plataforma de dados, Erin Miller, diretora de programas da *Global Terrorism Database - GTD*, afirma que a soma dos atentados terroristas fatais no Ocidente representou

⁷Proveniente do árabe, significa “a base”. Foi criada por Osama Bin Laden, em 1989, como uma organização radical islâmica de atuação internacional.

⁸O Global Terrorism Database (GTD) é um banco de dados de código aberto que inclui informações sobre eventos terroristas em todo o mundo de 1970 a 2016. Cf.: <https://www.start.umd.edu/gtd/>

somente 2,5% de todos os que cumpriram os seguintes requisitos: motivações políticas, sociais ou religiosas; concebido para gerar o maior potencial de estragos; não ter acontecido durante guerras internacionalmente reconhecidas: “ ... uma pequena minoria dos ataques que vemos. Obviamente, acabam recebendo muita atenção porque são atípicos e viram manchetes, enquanto que o Oriente Médio é esquecido.” (GTD, 2016).

Nesse sentido, diante da origem protestante do termo *fundamentalismo* e sua inevitável popularização, principalmente no ocidente, após os atentados de 11 de setembro de 2001, como então conceituá-lo?

Oro (1996), numa busca por definições, considera que as representações midiáticas do fundamentalismo religioso não somente foram, mas ainda são estigmáticas. Fixadoras de um modo arbitrário de compreensão e interpretação do outro, essas representações são estereotípicas, isto é, portadoras de uma intenção comunicativa que instiga à demonização do outro. O referido autor conclui que a conceituação não é tão simples como parece, mas apresenta algumas características:

A necessidade de um conceito claro de fundamentalismo é urgente. Como se constata, nos últimos anos o termo fundamentalismo vem sendo prodigamente empregado em situações variadíssimas, tanto no campo religioso como no político. Fundamentalismo aparece, às vezes, como sinônimo de conservadorismo, sectarismo e fanatismo; como movimento ou corrente amarrados a modelos culturais religiosos do passado, fechados aos valores do mundo moderno e até mesmo às ciências. (...) Fundamentalista seria o fanático, o sectário, o intolerante, o conservador, o autoritário, o totalitário... e sempre são os "outros". Por causa disso, até os clássicos representantes desse movimento no protestantismo de hoje preferem o título de evangélico-conservador ao de fundamentalista. (I. P. Oro, 1996, p. 23)

Portanto, segundo o autor, parece ser um tanto distorcido atribuir o termo fundamentalismo aos movimentos religiosos que não sejam os protestantes que lhe deram origem, tampouco atribuí-lo a movimentos políticos, econômicos, sociais e ideológicos. Porém, sua utilização midiática já consagrou significado e sentido para o termo fundamentalismo, dentro e fora do fenômeno religioso.

Armstrong (2017) ressalta que os fundamentalistas acreditam que estão combatendo forças que ameaçam seus valores mais sagrados. Por isso constituem um movimento que se consolida no século XX contra a hegemonia secular e uma forma de reconduzir Deus ao campo da política, da cultura, do qual havia sido banido pelos ideais da modernidade:

(...) No final do século XIX havia judeus, cristãos e muçulmanos que acreditavam que sua fé corria o risco de desaparecer (...) Alguns se afastaram da sociedade moderna e criaram instituições militantes que lhes serviriam de baluarte e refúgio; alguns planejaram uma contra-ofensiva; outros começaram a construir uma contracultura e um discurso próprios para fazer frente à tendência secularistas da modernidade. No início do século XX uma nova postura defensiva levaria à primeira manifestação evidente da combativa religiosidade que hoje chamamos de fundamentalismo. (Armstrong, 2017, p. 231)

Ainda nessa esteira, Brenda Carranza, chega a afirmar que os fundamentalistas veem o mundo a partir de duas abordagens: “... sagrado-profano, bem-mal, certo-errado, levando a excluir física e/ou simbolicamente a todo aquele que ameace essa compreensão ou não pense e sinta dessa maneira.” (2009, p. 151). Trata-se de um dualismo que imprime uma concepção de vida em indivíduos e grupos que não aceitam a tolerância, nem o respeito pelo diferente, podendo inclusive recorrer ao discurso agressivo e a práticas violentas para fazer valer suas crenças.

De *Niagara Bible Conference* de 1878, passando pelo ataque às torres do *World Trade Center*, em 2001, e as 34.623 pessoas que morreram em 2016 vítimas de ataques terroristas, segundo os dados da Global Terrorism Database alertam o mundo de que a questão do fundamentalismo religioso ainda não foi resolvida. Parece-nos emergir uma compreensão de fundamentalismo religioso como fenômeno social que intenta oferecer segurança ontológica àqueles que se sentem ameaçados em relação às verdades nas quais acreditam.

Atualidade do Fundamentalismo Religioso

Discutir o tema do fundamentalismo religioso na atualidade é complexo, uma vez, que é comum encontrar os sujeitos dispersos e submersos em diversos grupos e instituições de *lógicas*, não somente concorrentes como também contraditórias. Isso ocorre de tal maneira que os sujeitos são ou podem ser adeptos de uma religião e, ao mesmo tempo, adeptos de outros vários grupos de adesão difusa.

Segundo Silveira (2017), é possível afirmar que a crença, base do fundamentalismo religioso, tende a permanecer quando uma pessoa ou grupo muda de uma compreensão para outra. Ou seja, quando uma pessoa que era fundamentalista cristão torna-se um ateu, o ato de crer permanece com o mesmo sentido e estrutura. Trata-se de um alto nível de abstração que faz o sujeito imune a qualquer interrogação advinda das diversas realidades sociais, culturais, econômicas e políticas, nas quais os crentes, ateus ou religiosos fundamentalistas, estão imersos.

Nessa direção, o fundamentalismo não é somente um movimento religioso, mas se trata de uma atitude pessoal e coletiva. Das diversas experiências lógicas, conflitantes ou em disputa, os sujeitos adotam uma concepção de *fundamentalismo* como uma *modalidade grupal* (Lane, 1994) que defende e mantém uma forma de apego incondicional a um texto ou discurso, sagrado ou não, assumido, tudo isso de maneira tácita ou explícita, como algo sagrado, infalível e verdadeiro.

Contudo, entre os vários tipos de fundamentalismos, existem os mais abertos a interferências externas que comportariam mudanças de seus pontos de vista, chamados de *open-mind*, e os mais fechados, chamados de *closed-mind*, que não acatariam outras fontes para o seu saber que não seja o texto sagrado (no caso dos cristãos, a bíblia e, no caso dos muçumanos, o Alcorão), ou ainda algum outro discurso autoritativo erigido como fundamento (Lima, 2011).

Deste modo, o presente estudo tem um interesse especial pelo grupo *closed-mind*, no entanto apresenta a subjacente conotação positiva que alguns autores atribuem ao fenômeno do fundamentalismo religioso. São os casos do filósofo francês Ernest Gellner ao afirmar que “... o fundamentalismo é útil para a sociedade” (as cited in Lima, 2011, p. 91), e do polonês Zigmunt Bauman (1998), ao assimilar que, em tempos chamados por ele de pós-modernos, a segurança ontológica desapareceu e foi substituída pela ansiedade existencial – liberdades, riscos, incertezas:

O fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias das escolhas. Aí a pessoa encontra, finalmente, a autoridade indubitavelmente suprema, uma autoridade para acabar com todas as outras autoridades. A pessoa sabe para onde olhar quando as decisões da vida devem ser tomadas, nas questões grandes e pequenas, e sabe que, olhando para ali, ela faz a coisa certa, sendo evitado, desse modo, o pavor de correr risco. (Bauman, 1998, p. 228)

Nesta esteira, o filósofo brasileiro Luiz Felipe Pondé (Beer & Pondé, 2013), afirma que o fundamentalismo religioso é, sem dúvida, um fenômeno que desperta grande interesse na sociedade atual, ocupando tantas discussões políticas e religiosas e assumindo com frequência uma conotação pejorativa. No entanto, em outros registros como, por exemplo, nas comunidades que se dizem fundamentalistas, esta perspectiva é apontada como a única maneira de sobrevivência.

Talvez seja relevante trazer à discussão o que, diferentemente de Gellner (as cited in Lima, 2011), Bauman (1998) e Beer e Pondé (2013), afirmam os autores Libório e Guimarães (2015) ao relatarem que os impactos psicossociais do fundamentalismo religioso, do ponto de vista psíquico e ideológico, podem contribuir com uma consciência alienada e preconceituosa. Essas consequências seriam também a raiz primeira de julgamentos superficiais e da intolerância com o diferente. Os mesmos autores citam o frade holandês Carlos Mesters (2007 as cited in Libório & Guimarães, 2015) para enumerar algumas consequências do fundamentalismo religioso:

Guerras no presente e no passado nasceram e continuam nascendo de interpretações fundamentalistas dos textos sagrados, tanto da Bíblia como do Alcorão; (...) O fundamentalismo cristão levou à Inquisição, às excomunhões e à morte de muitas pessoas na fogueira com mais de 50 mil aniquilados; a política do *apartheid*, na África do Sul, era baseado numa leitura fundamentalista da Bíblia; o fundamentalismo mulçumano leva jovens a se transformarem em bombas vivas para matarem inocentes em atentados terroristas suicidas; Bin Laden e a Al Qaeda mataram tantas pessoas inocentes pelo mundo, especialmente as das duas torres gêmeas de Nova Iorque; o nascente Estado Islâmico (ISIS) está degolando todos os infiéis (os não islâmicos) que não se converterem em massa ao Islamismo. (Mesters 2007 as cited in Libório & Guimarães, 2015, p. 228)

Com isso, é possível afirmar que o fundamentalismo *closed mind* implica a relação de alteridade e convivência com o diferente, principalmente, quando se abordada a visão pessimista do tempo presente e do mundo, instigando que o fim está próximo, fazendo medrar o terrorismo psicológico e religioso. Os autores Pace e Stefani, advertem que o “ ... fundamentalismo convida, sem o dizer, a uma forma de suicídio do pensamento. Coloca na vida

uma falsa certeza, pois confunde, inconscientemente, as limitações humanas da mensagem bíblica com a substância divina dessa mensagem.” (2000, p. 185).

Também no Brasil aconteceram casos talvez menos danosos, mas curiosos e preocupantes, evidenciando que a ação missionária de diversos grupos pentecostais e neopentecostais se revestiram menos de características propriamente teológicas e mais de aspectos *contra-católicos*. Isso desencadeou diversos conflitos ora velados ora declarados, produzindo o que Ribeiro (2013) chama de *violência simbólica*.

Esse tipo de violência pode transitar facilmente da esfera simbólica para a *militância* religiosa. Como exemplo, podemos citar, entre outros, três casos: o *chute na santa*, o *vandalismo de Umari*, e a polêmica envolvendo o líder pentecostal Silas Malafaia e uma empresa de cosméticos às vésperas da Parada Gay, ocorrida em São Paulo em junho de 2015.

O *chute da santa* aconteceu no dia 12 de outubro de 1995, feriado nacional no Brasil, data em que os católicos celebram Nossa Senhora Aparecida. O bispo da Igreja Universal no Reino de Deus, Sérgio Von Helde com transmissão pela TV Record, chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida⁹. O *vandalismo de Umari* aconteceu em 2009 quando Maria Leite Araújo, senhora que se dizia evangélica, de posse de um paralelepípedo invadiu a Igreja Católica de Umari (a 405 km de Fortaleza - CE) e destruiu 18 imagens sacras, sendo três delas do século XVIII e sete quadros da Via-Sacra¹⁰.

Sobre a polêmica envolvendo o líder pentecostal Silas Malafaia, o fato ocorreu no ano de 2015, quando se aproximava o dia do evento anual da Parada Gay, na cidade de São Paulo. A situação partiu de uma propaganda comercial da empresa de cosméticos o *Boticário*, no qual se apresentavam casais heterossexuais e homoafetivos presenteando-se dentro do contexto do dia dos namorados. Malafaia estimulou um *boicote evangélico* contra a marca, mas, para a

⁹Cf.: <https://oglobo.globo.com/cultura/o-chute-na-santa-20412463> Acesso em: 07 jun. 2015.

¹⁰Cf.: <http://noticias.gospelmais.com.br/evangelica-invade-igreja-catolica-e-destroiu-18imagens-e-7-quadros.html>, Acesso em: 01 jan. 2017.

surpresa do líder religioso, o boicote desencadeou efeito contrário, pois levou muitas pessoas a tomarem a referida marca de cosméticos como uma bandeira de luta contra a intolerância¹¹.

Além dos exemplos citados acima, e ainda na tentativa de descrever a vigor do fundamentalismo religioso na atualidade, Karen Armstrong afirma:

(...) Os fundamentalistas não hesitam em fuzilar devotos no interior de uma mesquita, matar médicos e enfermeiras que trabalham em clínicas de aborto, assassinar seus presidentes e até derrubar um governo forte. . . Democracia, pluralismo, tolerância religiosa, paz internacional, liberdade de expressão, separação entre Igreja e Estado – nada disso lhes interessa. (Armstrong, 2017, p. 9)

Vale ainda ressaltar que o fundamentalismo não é necessariamente sinônimo de ignorância ou arcaísmo. Em certo sentido, esses grupos são conservadores que se adaptam às demandas seculares e com frequência vemos que seus membros comungam com outros fundamentalismos econômicos, culturais, étnicos, angariando camadas vulneráveis a radicalismos sociais (Carranza, 2009). A situação é tão emergente que, no ano de 2013, Joseph Ratzinger, o atual papa emérito Bento XVI, chama de *patologias* da religião, os fundamentalismos, e os excessos da razão técnica, de terrorismo. Ele estima que a razão deva ser lembrada de seus limites de se aprender uma capacidade de escuta com relação às grandes tradições religiosas da humanidade (Clauret, 2013).

Diante de toda complexidade e até mesmo certa dificuldade de mensurar o alcance do fundamentalismo religioso dentro e fora da esfera religiosa, uma vez que “... seu conteúdo real, experiências, opiniões, histórias e teorias são tão diversas que desafiam qualquer tentativa de síntese.” (Castells, 1999, p. 29), é que fizemos do título desse artigo, uma pergunta: O Fundamentalismo Religioso é um fenômeno tipificável? Numa busca por resposta, no próximo

¹¹ O caso foi amplamente noticiado, como se constata no portal gospel *GospelPrime*. Cf.: <http://noticias.gospelprime.com.br/ganhando-boicote-boticao/> Acesso em: 07 jun. 2015.

tópico tentaremos reunir em três matizes os fundamentalismos mais recorrentes na literatura e, possivelmente, os mais preocupantes na atualidade.

Tipificação do Fundamentalismo Religioso

Segundo Pace e Stefani (2000), da origem do termo à atualidade, percebe-se que o fundamentalismo religioso partindo da esfera religiosa cristã-protestante, se tornou um fenômeno social abrangente, complexo e vigoroso, com um discurso capaz de fazer valer seus valores e ideologia. O fundamentalista não é somente uma pessoa religiosa, mas um sujeito disposto a reagir contra a presumível perda de valores, à tolerância laxista da moralidade, à fragilização do papel tradicional da família e às tantas *heresias civis*, como a igualdade de gênero, corrupção política, legalização do aborto, entre outros.

Diante dessa complexidade que envolve o fenômeno do fundamentalismo religioso de vertente *closed-mind* tentaremos discorrer uma possível tipificação, que nos permitirá analisar com maior precisão sua inserção e atuação nos diversos aspectos da vida público-privada das pessoas, a saber: religioso-xenofobista, religioso-político e religioso-científico.

Religioso-Xenofobista

Trata-se de uma tipificação mais recorrente, e talvez a mais agressiva, porque vê no outro diferente do eu, o próprio demônio que deve ser combatido e exterminado. Essa tipificação é encontrada tanto no interior dos próprios grupos fundamentalistas – *ad intra* –, como para fora dos seus grupos – *ad extra*. O primeiro caso acontece quando alguns fundamentalistas limitam a experiência religiosa ao aspecto puramente racional, identificando a fé com dogmas e dados demonstrados pela razão, desconsiderando a mitologia e a religiosidade da experiência religiosa. Nesse sentido o outro se torna não somente o *diferente*, o estrangeiro, o estranho, mas alguém ou algo que de alguma maneira constitui uma ameaça à crença creditada.

Na década de 80, a explosão dos pentecostais, mais dados ao *mythos* e às emoções, revelava que nem todos estavam encantados com o racionalismo científico da modernidade. No entanto, eram tratados com hostilidade por aqueles que não compartilhavam dessa experiência: “... outros fundamentalistas acusaram os pentecostais de superstição e fanatismo, chegando mesmo a definir o movimento como o ‘último vômito de Satã.’” (Armstrong, 2017, p. 251).

O segundo caso do fundamentalismo religioso-xenofobista, o *ad extra*, é possível discorrê-lo e exemplificá-lo a partir dos protestantes fundamentalistas dos Estados Unidos da América, que se entendem como cultura WASP. Composta por brancos, anglo-saxões e protestantes, se compreendem no imaginário religioso como “o povo escolhido por Deus” para anunciar a verdade ao mundo, levando-os a acreditarem, ainda hoje, que os ideais americanos implicam na promoção dos interesses de todo o mundo.

Essa questão é tão notória, que o discurso do então presidente dos Estados Unidos, Georg W. Bush, após os atentados de *11 de setembro* de 2001, foi marcado exatamente por um fundamentalismo religioso-xenofobista, utilizando da justificativa religiosa para desencadear sua política de combate ao terrorismo, projetou nos terroristas (o outro) o próprio demônio que deveria ser extirpado. Em contrapartida os terroristas se utilizavam da justificativa religiosa do fundamentalismo islâmico, baseado no Corão, para desencadear e justificar sua empreitada terrorista, através da *Jihad*, a guerra santa. Assim, nota-se que tanto nos casos *ad intra* como *ad extra* é possível identificar características do fundamentalismo religioso-xenofobista de teor *closed-mind*, em que o outro, seja ele pessoa e/ou instituição pode receber ações de supressão de toda diferença, alcançando até mesmo o predicado demoníaco.

Político-religioso

Bonome (2009) afirma que nos cinco continentes é possível encontrar justificativas religiosas fundamentalistas para empreitadas terroristas. No entanto, o mais curioso e alarmante é que os atentados, geralmente têm fundamentações políticas na sua concretização. Os Estados

Unidos da América, por exemplo, podem utilizar de discursos fundamentalistas para sua interferência na soberania de outros países, justificando assim, sua espionagem ou presença de bases militares, como no caso da tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina. No Paraguai há uma base estadunidense que se presume “espionar” as usinas hidrelétricas, reservas de minérios, de gás, de petróleo e, principalmente, colocando em risco o Aquífero Guaraní, com 37.000 quilômetros cúbicos de água. O que não se pode ignorar é que está prevista uma crise de abastecimento de água para a metade da população mundial em 2025.

Também existe em *Ciudad del Este*, no Paraguai, a denúncia de um financiamento, por parte dos comerciantes, ao terrorismo, com envio de dinheiro para o Hezbollah¹², para que o partido legalmente constituído no Líbano supra as necessidades das vítimas do conflito com Israel:

(...) a região da Tríplice Fronteira (com cerca de 30% de comerciantes árabes) é tida como provável ameaça, isto porque a presença árabe na região é de mais de vinte mil pessoas. Desses imigrantes muçulmanos a maioria é fundamentalista xiita e outra parte é sunita. . .se relacionarem com o Hezbollah, Hamas, Al Qaeda e o Jihad egípcio. (Bonome, 2009, pp. 100–101)

Toda essa espionagem e ação político-partidária possuem fortíssimo “amparo religioso”: A ética protestante justificando em nome de Deus a supremacia norte-americana como um povo eleito; a ética católica se ocupando da opção preferencial pelos excluídos, e o Alcorão como base para a construção da *Jihad* com luta armada contra os infiéis e inimigos do Islã.

¹² Do árabe que significa “Partido de Deus”. Trata-se de uma força islâmica xiita, semelhante ao exército. Surgiu como milícia em 1982 e aos poucos se organizou como grupo político com sede no Líbano.

Ainda em nível internacional, Brenda Carranza (2009) assinala que países como o Sudão, a Turquia, a Índia e o Afeganistão, Israel, Jordânia, Egito, Marrocos, Paquistão e Estados Unidos, entre outros, respondem por uma significativa influência fundamentalista nos parlamentos, assembleias e brotes de guerras civis. Nesse sentido, não é tanto o fundamentalismo religioso que gera terrorismo, mas é o terrorismo que se justifica pelo discurso fundamentalista.

No Brasil, Vaggione (2005) descreve que dada a histórica influência da Igreja Católica Apostólica Romana e a recente inserção no cenário político de outras igrejas, na maioria dos casos, o fundamentalismo religioso cristão tem logrado que seus reclamos fossem traduzidos em políticas públicas e leis de Estado. Os temas mais recorrentes são a defesa do modelo de família natural, oposição à igualdade de gênero e questões relativas ao aborto.

Segundo Souza e Barbosa (2016), a partir da década de 90, os evangélicos principalmente das igrejas Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus, Internacional da Graça de Deus, Batista Renovada e Metodista, intervêm abertamente no sistema político do Brasil. Essa intervenção ocorre por meio da partidarização e candidatura de figuras religiosas para cargos do legislativo e do executivo municipal, estadual e nacional, bem como, por meio do apoio político de líderes evangélicos, até candidatos que não estão diretamente ligados aos seus movimentos religiosos.

A Igreja Católica, por sua vez, não promove a composição de uma “bancada católica”, mas tem considerável atuação por meio da Conferência Nacional de Bispos de Brasil[CNBB], com sede em Brasília, que acompanha, discute e/ou repudia, por meio de notas públicas, as pautas do palácio do Planalto e do Congresso Nacional, principalmente aquelas sobre temas relevantes que afetam a compreensão do catolicismo.

Frente as demandas apresentadas pelo fundamentalismo religioso-político, a psicóloga Tatiana Lionço (2017), recorda que no Brasil, durante o pleito eleitoral do ano de 2014 os

Conselhos Regionais de Psicologia emitiram uma carta à população brasileira afirmando a necessidade do debate democrático por parte dos partidos e candidatos, “ ... sem apelo a argumentos que promovem ideologias fundamentalistas, comprometendo a dignidade de diversos grupos sociais a partir de polarizações morais em torno da agenda de direitos humanos.” (Lionço, 2017, pp. 219–220).

Notamos que os casos elencados neste tópico exemplificam a atuação dos fundamentalistas *closed-mind*, recorrendo ao ordenamento jurídico-constitucional, como viés de uma possível reversão do Estado Laico e como forma de sancionar seus discursos religiosos.

Religioso-científico

Segundo Brenda Carranza (2009), o fundamentalismo científico diz respeito à relação entre a verdade e a ciência. As imposições de certos procedimentos tornam-se simplesmente a única forma de conhecimento científico da realidade, tal que, somente os saberes provenientes da racionalidade e calculabilidade são validados. A autora enfatiza ainda que “na ciência pela ciência” a imolação da subjetividade, em nome do exclusivo avanço tecnológico, levou a condenar como superstição outras formas de saberes.

Nesta perspectiva Armstrong (2017), recorda que nossos ancestrais tinham duas maneiras de conceber o mundo: o *mythos* e o *logos*. O *mythos* não era racional, pois suas narrativas não demandavam demonstrações empíricas. Oferecia o contexto que dava sentido e valor à vida. Já o *logos* era o pensamento racional, científico e pragmático que favorecia o bom desempenho na atuação no mundo. Facilmente se percebia que cada qual tinha sua função e dependiam um do outro para não empobrecer.

Embora o *logos* possa alcançar grandes descobertas científicas e tornar as coisas mais eficientes, não consegue aliviar a dor ou o sofrimento da existência humana e não cabe a ele responder questões profundas acerca do sentido da vida e sua transcendência. Essas demandas, portanto, cabem ao *mythos* e ao culto. Como exemplo clássico desse “esquecimento” da

importância da relação entre *mythos* e *logos*, temos o conhecido Positivismo¹³ que se converteu praticamente na religião da ciência, nele os métodos de experimentação seriam a única palavra sobre o fazer científico.

Após o astrônomo Nicolau Copérnico (1473-1543) afirmar que a terra e outros planetas, em vez de situar-se no centro do universo, giravam ao redor do sol, e que depois Galileu Galilei (1564-1642), que verificou empiricamente essa afirmação por meio de um telescópio produzido por ele mesmo, foi lançado a dúvida, pois provou que a terra aparentemente estática no relato mítico, na verdade se movia.

Numa rolagem de pensadores, é perceptível averiguar como a ciência moderna começava a desacreditar do *mythos*. Francis Bacon (1561-1626), afirmava que o único conhecimento válido é aquele aferido pela ciência empírica, proveniente dos nossos cinco sentidos. Neste caso, a filosofia, a teologia, a metafísica, a arte e a mitologia eram supersticiosas, uma vez que não eram possíveis de verificação empírica.

Na Inglaterra, Isaac Newton (1642-1727), sintetizou as descobertas de seus predecessores através do uso rigoroso dos métodos científicos da experimentação e da dedução. Newton definiu a gravidade como uma força que sustenta todo o cosmo coeso, no entanto, não admitia outras formas de saber mais intuitiva, alegando que a mitologia e o mistério eram modos primitivos e bárbaros de pensamento.

O alemão Immanuel Kant (1724-1804), afirmou em sua obra, *Crítica da razão pura* de 1781, que as pessoas deveriam ter a coragem de procurar a verdade por elas mesmas, sem a intervenção e sansão de autoridades e igrejas. Charles Darwin (1809-1892), em sua obra *A origem das espécies* de 1859 discorre sua teoria afirmando que os seres vegetais, animais e humanos, não surgiram inteiramente como relata o livro do Gênesis, na Bíblia, mas se

¹³Sistema filosófico criado por Auguste Comte (1798-1857) de ordenamento das ciências experimentais em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas.

desenvolveram pouco a pouco, por meio de um longo processo de adaptação evolutiva ao meio ambiente:

(...) Copérnico havia tirado a humanidade do centro do cosmo; Descartes e Kant afastaram o homem do mundo físico; e agora Darwin sugeria que não passamos de animais. Não fomos especialmente criados por Deus, mas evoluímos como todo o resto. Na verdade, parecia não haver lugar para Deus no processo da criação e o mundo não tinha propósito divino. (Armstrong, 2017, p. 137)

Com o iluminismo e o avanço do pensamento moderno, tanto a ciência quanto os fundamentalistas buscaram consolidar suas convicções. Num embate caloroso entre *mythos* e *logos*, tentou-se sobrepor um sobre o outro, não se preocupando com a necessária complementaridade que ambos oferecem para o sentido da humanidade e do mundo. Até hoje percebemos uma linha tênue de discussão e, em alguns casos, polêmicas acirradas entre ciência e religião.

Outro exemplo típico do fundamentalismo religioso-científico é apresentado por Boudon & Bourricaud (1993) que, ao se referirem ao durkheimianismo e ao marxismo ortodoxos, os definem como uma “seita sociológica”, na qual, os devotos deste ou daquele ídolo reconstroem toda a história da sociologia como se ela constituísse de uma sucessão bem ordenada de etapas. Esta postura de “seita” dessas correntes seria uma espécie de fundamentalismo, isto é, apego a um conjunto de obras de um fundador disciplinador tido por infalível.

A partir dos exemplos citados, notamos que o fundamentalismo religioso-científico pode operar em duas vertentes. A primeira se dá na sobreposição do *mythos* sob o *logos* ou vice-versa; a segunda em penhorar que determinadas teorias do pensamento científico sejam as únicas maneiras legítimas de alcançar o conhecimento verdadeiro, tão difundido no meio

universitário aonde são formados os novos profissionais da sociedade. Em ambas as posturas são averiguados fundamentalismo de teor *closed-mind*.

Deste modo, acreditamos que, através da tipificação: religioso-xenofobista, religioso-político e religioso-científico, seja possível averiguar como o fundamentalismo religioso é vigoroso e operante na atualidade. Este potencial pode gerar diversos comportamentos, inclusive agressivos e hostis, principalmente quando assumem uma postura de afirmação radical de um princípio para além de toda dúvida e possibilidade de diálogo, chegando à ações de supressão de toda diferença. Talvez aqui seja pertinente a condição de possibilidade, repensar como cada eu se vê como construção histórica, pois, nem sempre os outros modos de olhar a realidade são levados em consideração.

Considerações Finais

O fenômeno social do fundamentalismo religioso de teor *closed-mind* tem se alastrado de maneira rápida, vigorosa e complexa, com eleição de categorias de fechamento, intolerância e até mesmo de incitação à violência. Isso denota o quanto é difícil e praticamente impossível quantificar e mensurar as implicações do fundamentalismo religioso nas relações de alteridade, no entanto, a tipificação religioso-xenofobista, religioso-político e religioso-científico, destaca os tipos mais recorrentes na literatura e, possivelmente, os mais emergentes na atualidade.

O presente estudo não realizou um aprofundamento com estudo de caso dos fundamentalismos religioso-xenofobista, religioso-político e religioso-científico, o que abre possibilidades de pesquisas futuras sobre os fundamentalismos aqui apresentados a modo de tipificação. O mundo continua com sucessivas mudanças e facilmente encontramos pessoas em constante luta contra o mundo vigente e vendo-se obrigadas a reafirmar suas crenças religiosas que foram concebidas em contextos e sociedades diversas da atualidade.

Disso decorre algumas perguntas: Se o fundamentalismo religioso é uma certeza, por que a necessidade de negação e supressão do diferente? Será que de fato, os ditos

fundamentalistas religiosos, estão cientes das verdadeiras bases que têm “ancorado” algumas práticas que fogem do uso da razão ou da instrumentalização da religião para empreitadas políticas, ideológicas e até mesmo terroristas?

As discussões aqui discurridas apontam o convite de revisitar o outro, deixando o outro ser outro, com o esforço ético de superar a postura de afirmação radical de um princípio religioso para além de toda dúvida, com pretensões de legitimação e universalidade que desemboca em ações de supressão de toda diferença, não permitindo a hermenêutica e convivência com o diferente, tão caras e necessárias na atualidade.

Referências

- Armstrong, K. (2017). *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. (H. Feist, Trad.). São Paulo: Companhia de bolso.
- Bauman, Z. (1998). *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Beer, P. A. de C., & Pondé, L. F. de C. e S. (2013). O Nome-Do-Pai no Fundamentalismo Religioso: Uma reflexão psicanalítica. *Último Andar*, 2(22), 47–62.
- Bonome, J. R. (2009). *Fundamentalismo religioso e terrorismo político*. Goiania, GO: Editora UCG.
- Boudon, R., Bourricaud, F., Andrade, R. de C., Cohn, G., Alcoforado, M. L. G., & Ártico, D. (1993). *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Atica.
- Carranza, B. (2009). O Brasil, fundamentalista? *Revista Encontros Teológicos*, 52(1), 147–166.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.
- Clauret, B. (2013). Crítica da Cultura: na época da secularização vive-se o silêncio de Deus na cultura, mas as tradições religiosas ainda podem ter muito a dizer no espaço público. *Revista Cult*, 177(16), 36–37.
- Eco, U. (2000). Definições léxicas. In F. Barret-Ducrocq, E. Jacobina (Trad.), *A Intolerância* (1º ed). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Lane, S. T. M. (1994). A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In W. Codo (Org.). *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 10–19). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Libório, L. A., & Guimarães, V. R. (2015). Influências psicossociais e religiosas do fundamentalismo bíblico na saúde integral dos adeptos de uma Igreja. *PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, 6(12), 217–236. <https://doi.org/10.25247/paralellus.2015.v6n12.pp.217-236>
- Lima, J. A. (2011). Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno. *Revista Crônos UFRN*, 12(1), 90–104.

- Lionço, T. (2017). Psicologia, Democracia e Laicidade em Tempos de Fundamentalismo Religioso no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(spe), 208–223.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703160002017>
- Marsden, P. (2001). *Os talibãs: guerra e religião no Afeganistão*. Lisboa, PRT: Saraiva.
- Oro, I. P. (1996). *O Outro e o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo, SP: Paulus.
- Pace, E., & Stefani, P. (2000). *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Brescia: Ed. Queriniana.
- Paine, S. R. (2010). Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso (Atheist Fundamentalism against Religious Fundamentalism). *HORIZONTE*, 8(18).
<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2010v8n18p9>
- Reily, D. A. (1993). *História documental do protestantismo no Brasil* (2a ed. rev. pelo autor). São Paulo: ASTE.
- Ribeiro, C. O. (2013). Um Olhar sobre o Atual Cenário Religioso Brasileiro: Possibilidades e Limites para o Pluralismo. *Estudos de Religião*, 27(2), 53–71.
<https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v27n2p53-71>
- Silveira, E. J. S. da. (2017). Hermenêutica trágica da intolerância religiosa: algumas notas teóricas. *Revista Labirinto*, 26(17), 141–162.
- Souza, A. S. de, & Barbosa, W. do V. (2016). Iniquidade ou elã neo fundamentalista? Considerações sobre religião e política no Brasil. *Revista Numen: Estudos e pesquisa da religião*, 19(2), 113–140.
- Vaggione, J. M. (2005). Família(s) y religión(s). *Revista Conciência latino-americana*, 14(12).

**FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO CRISTÃO E ISLÂMICO:
TENDÊNCIAS SOCIOPOLÍTICAS**

Fundamentalismo Religioso Cristão e Islâmico: Tendências Sociopolíticas

Introdução

Ao discorrer sobre o fundamentalismo religioso, percebemos que existe uma significativa e ampla complexidade ou para não dizer, confusão, em torno do tema. A partir da década de 70, os fundamentalistas organizados em grupos ou movimentos se multiplicaram rapidamente e abrangeram diferentes segmentos sociais, pois “ ... quando se fala em fundamentalismo, é no fundamentalismo religioso que se pensa. Há, porém, outras formas de fundamentalismo: o fundamentalismo político, o fundamentalismo cultural, o fundamentalismo econômico, por exemplo”. (Borges, 2009, p. 28).

Diante da complexidade do tema, o presente estudo tem por objetivo analisar as tendências sócio-políticas do fundamentalismo religioso cristão e islâmico, o que não significa que possivelmente em outras religiões como, por exemplo, o hinduísmo, budismo e o judaísmo “ ... sejam menos importantes ou tenham menor inclinação ao fundamentalismo. ” (Castells, 1999, p. 28).

Escolhemos o fundamentalismo cristão e islâmico, porque possivelmente esses foram os germes e a inspiração dos demais fundamentalismos provenientes na modernidade, pois, não podemos negar que a secularização “ ... deixa de se pautar em verdades unívocas transcendentais para considerar a multiplicidade discursiva como fundamento das práticas sociais.” (Lionço, 2017, p. 211).

O presente estudo se caracteriza como pesquisa de revisão bibliográfica narrativa que visitará alguns autores que tratam a temática, em três momentos. No primeiro, descreveremos as condições de possibilidade que fizeram emergir o fenômeno social do fundamentalismo religioso; na sequência, o processo de estruturação e de atuação do fundamentalismo religioso no cristianismo e no islamismo; no terceiro momento, será possível discutir algumas tendências atuais de viés sócio-político em ambos os fundamentalismos.

O Fenômeno Social do Fundamentalismo Religioso

O fenômeno social do fundamentalismo religioso está relacionado à teoria da secularização que marcou as décadas de 50 e 60, tendo por princípio a afirmação da racionalidade e certa intimidação das experiências religiosas na esfera pública, que até então lhe serviam de fundamento. Tratava-se de uma sobreposição do *logos* sobre o *mythos*, negando a possível complementaridade de ambos para a compreensão do sentido da vida e do mundo.

O racionalismo científico, fonte do poder e do sucesso ocidentais, desacreditara o mito e proclamara-se o único meio de se chegar à verdade. A razão não podia, porém, debater as questões essenciais; tal debate nunca foi da competência do *logos*. (Armstrong, 2017, pp. 190–191)

Nesta esteira, Oro (1996) chega à afirmar que a emancipação da razão é tamanha para o progresso das forças produtivas, da democracia, da liberdade, da saúde e da riqueza, que nem mesmo o Deus da tradição judaico-cristã conseguiria cumprir sua promessa de vida longa e feliz sobre a terra. O que o mundo pode oferecer e a razão explicar está fora da necessidade de qualquer submissão ou fundamento religioso. Não se trata propriamente do desaparecimento da religião, mas do seu descolamento da esfera pública (centro e praças das pequenas e grandes cidades), para a esfera privada, casa e recôndito da consciência (Weber, 1991).

No entanto, se com o racionalismo científico e a secularização, a religião que era para ser sucumbida à esfera privada, nas últimas décadas não só tem se fortalecido, mas também retornado como tendência sócio-política:

(...) No final da década de 1970, os fundamentalistas começaram a rebelar-se contra essa hegemonia do secularismo e a esforçar-se para tirar a religião de sua posição secundária e recolocá-la no centro do palco. . . A religião voltou a ser uma forja que nenhum governo pode ignorar impunemente. (Armstrong, 2017, p. 10)

Para estes, não há meio termo, independente de quem sejam, seus inimigos são sempre os “outros” que não compartilham de seus ideais e/ou crenças religiosas. Moltmann (1992) relata que, não obstante ao vigoroso retorno da questão religiosa, sob uma perspectiva fundamentalista, conforme apontado por Armstrong (2017), foram almejadas algumas tentativas de diálogo e possível convivência com a “razão e o secularismo” por parte do cristianismo e do islamismo.

Como exemplo dessas tentativas, citamos a realização do Concílio Vaticano II, por parte do catolicismo, realizado nos anos de 1962 a 1965. Mas, até hoje existem grupos de resistência e negação do referido Concílio¹⁴. Também, nos anos setenta, em países de maioria islâmica ocorreram tentativas de modernização, no entanto, alguns grupos fundamentalistas “re-islamizaram” a política, a escola e a cultura para restabelecer o totalitarismo do Corão, como foi o caso do Irã.

Segundo Moltmann (1992), os tidos fundamentalistas não reagem propriamente às crises oriundas do racionalismo científico e do secularismo, mas às crises que essas concepções de vida e de mundo provocam à sua comunidade de fé, nos seus valores e convicções básicas. Armstrong descreve algumas dessas mudanças:

Ao mesmo tempo em que proclamou o homem como medida de todas as coisas e nos liberou da humilhante dependência de uma divindade transcendente, nossa visão de mundo racional também revelou nossa fragilidade, nossa vulnerabilidade, nossa indignidade. (Armstrong, 2017, p. 487)

No desenrolar da história, parece que após o secularismo, a modernidade passou a transitar do relativismo ao fundamentalismo, enquanto que no primeiro pode reinar o excesso de dúvida, no fundamentalismo se dá a ausência da dúvida e do diálogo. Não suportando a

¹⁴ É o maior encontro das autoridades da Igreja Católica Apostólica Romana, podendo ou não convidar peritos das diversas áreas do conhecimento. É presidido e sancionado pelo papa, para deliberar sobre questões de fé, liturgia, costumes ou doutrina.

secularização do Estado, o chamado *Estado Laico*, busca restabelecer o Estado confessional e homogêneo, como meio de resgatar e preservar suas identidades tradicionais. Trata-se de um combate entre o bem e o mal e, esse último, pode ser personificado no outro, numa pessoa que simplesmente pensa diferente ou nas novas vertentes da compreensão social, conforme apontam Pace e Stefani:

A ideia de defesa e de afirmação da verdade absoluta, contida num livro sagrado, alimenta a visão apocalíptica do combate final entre o bem e o mal, interpretando uma necessidade social emergente entre os indivíduos: o medo de perder as próprias raízes, de perder a identidade coletiva. O mal assume diferentes máscaras: o pluralismo democrático, o secularismo, o comunismo, o ocidente capitalista, o Estado moderno eticamente neutro e por aí adiante. (2000, p. 22)

É curioso que os fundamentalistas rejeitam alguns aspectos da cosmovisão moderna, como o pluralismo, o racionalismo científico, o secularismo, mas se beneficiam e se apropriam dos instrumentos técnicos provenientes da modernidade, como a própria impressão da Bíblia e os meios de comunicação. Diante desse cenário aonde os fundamentalistas negam a modernidade e, simultaneamente, se apropriam de alguns de seus recursos, é que se perceberá a crise humana de fragilidade e vulnerabilidade, sendo possível discorrer sobre as tendências sócio-políticas que tem acalorado os fundamentalismos cristão e islâmico. No próximo tópico caracterizaremos, mesmo que sumariamente, o fundamentalismo religioso cristão, nas denominações protestante e católica e, na sequência, o fundamentalismo islâmico.

Fundamentalismo Cristão-Protestante

Até 1517 o cristianismo era a religião homogênea da Cristandade Medieval. No entanto, com a Reforma Protestante¹⁵ daquele ano, houve um desdobramento que desencadeou o

¹⁵ A Reforma Protestante foi liderada por Martinho Lutero, que publicou suas 95 teses em 31 de outubro de 1517, protestando em frente à igreja do Castelo de Wittenberg, contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica Romana.

nascimento do Protestantismo e a instituição da Igreja Católica Apostólica Romana, concomitantemente. O Protestantismo, por sua vez, abriu um amplo leque de novas e variadas denominações cristãs, o que desafia qualquer tentativa de quantificação.

Nesse amplo leque que se abriu, temos os evangélicos, os pentecostais, os neopentecostais, além daqueles que não se enquadram em nenhuma dessas denominações. E, embora se tenha configurado essa heterogeneidade, é possível assinalar certo ordenamento centrado na Bíblia, na doutrina e na autoridade do líder religioso. Assim esse ordenamento pode ser o ponto em comum para as diversas denominações cristãs, incluindo o catolicismo.

Foi nessa perspectiva que Martinho Lutero (1483-1556), João Calvino (1509-1564) e Huldrych Zwingli (1484-1531) reportaram-se às fontes da tradição bíblica na tentativa de buscar respostas às suas indagações. Centralizaram a soberania absoluta de Deus e tiveram de recriar seu universo religioso, recorrendo em alguns casos a medidas extremas e até mesmo de agressividade para que sua religião pudesse falar ao mundo: “... sabiam ser intransigentes com quem se opusesse a seus ensinamentos: Lutero achava que se devia queimar os livros ‘heréticos’; Calvino e Zwingli estavam dispostos a matar os dissidentes.” (Armstrong, 2017, p. 100).

Somente após três séculos da reforma protestante (1517), que o fundamentalismo religioso, enquanto grupo e militância, surgirá no interior do conservadorismo protestante no século XIX. Na segunda metade daquele século, a sociedade avançara no progresso tecnológico e na evolução das ciências. Com a industrialização e a mentalidade pluralista de um lado, e o advento da exegese bíblica histórico-crítico do outro, tanto na Europa como nos Estados Unidos, estes se tornaram ingredientes decisivos no terreno em que viria se consolidar o fundamentalismo protestante.

Segundo os autores Pace e Stefani (2000) a palavra fundamentalismo é oriunda da Conferência Bíblica do Niágara [EUA], realizada entre os anos de 1878-1879, culminando com

um documento final que fixou cinco proposições inegociáveis: (a) inerrância verbal da Bíblia; (b) a divindade de Jesus Cristo; (c) o nascimento virginal de Maria; (d) teoria substitutiva da redenção; (e) ressurreição corpórea de Cristo como seu retorno no fim dos tempos. No entanto, a interpretação literal da Bíblia e o retorno iminente de Jesus, se tornaram as proposições que mais caracterizaria o fundamentalismo protestante.

A Bíblia se torna no conservadorismo protestante a fonte única do conhecimento de Deus, tal que, “... Igreja e mundo passam a depender, conseqüentemente, da interpretação literal do texto bíblico. Qualquer alternativa deve, obrigatoriamente, traduzir a intenção de negação, ou mesmo destruição, da revelação divina e da civilização cristã.” (Velasques Filho, 1990, pp. 117–118). Já o retorno iminente de Jesus Cristo, também conhecido por milenarismo, tendo por base teórica o capítulo 20 do livro bíblico do Apocalipse ganhou força no século XIX, dando origem inclusive a vários movimentos religiosos como os Mórmons, os Adventistas e as Testemunhas de Jeová.

No entanto, foi entre os anos de 1910 e 1915 que o fenômeno do fundamentalismo protestante alcançou sua maior expressão. Neste período, foi publicada uma série de 12 panfletos denominada: *The Fundamentals*, que foram produzidos por teólogos conservadores que difundiam a “verdadeira doutrina” com a pretensão de um retorno aos fundamentos do protestantismo. Cerca de 3 milhões de cada panfleto foi distribuído gratuitamente nos Estados Unidos da América. Esse projeto foi patrocinado pelos milionários do petróleo Lyman e Milton Stewart, que já em 1908 havia fundado o *Bible College* de Los Angeles com o propósito de investir contra o secularismo e o racionalismo científico que ameaçava o protestantismo. Essa publicação se revestiu de tanto simbolismo, que posteriormente os próprios fundamentalistas protestantes o viam como o início de seu movimento. (Armstrong, 2017).

A postura do fundamentalista protestante tinha como objetivo a afirmação radical e literal da tradição bíblica contra as interpretações críticas provenientes da modernidade. Como

exemplo dessa postura podemos citar entre outros, a cultura WASP dos Estados Unidos da América, composta por brancos, anglo-saxões e protestantes, que se compreendia como “o povo escolhido por Deus”, descrito na bíblia, para anunciar a verdade ao mundo, levando-os a acreditarem que os ideais americanos deveriam incidir nos interesses mundiais.

Por isso estimulam que seus adeptos devem alcançar cargos políticos e públicos para salvaguardar uma sociedade baseada nas normas bíblicas. Veem nestes cargos não somente uma questão de administração pública, mas sim a batalha entre as forças do bem e do mal. Temem a aniquilação e procuram fortalecer sua identidade através da retomada de certas doutrinas do passado. (Armstrong, 2017).

Numa vertente mais “contra católicos”, os fundamentalistas protestantes também afirmavam que os santos da Igreja Católica e suas relíquias eram ídolos; a Eucaristia era apenas um símbolo e a Missa uma simples comemoração e não o memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, conforme entendia a teologia católica. Deviam apresentar-se sozinhos diante de Deus, portando apenas a Bíblia, pois a leitura silenciosa e solitária ajudaria a libertar das formas tradicionais de interpretação e de censura do catolicismo. Segundo Carranza (2015), por meio da teologia da prosperidade e da ética do trabalho capitalista, assimilavam uma cosmovisão teológica onde é possível estabelecer uma relação de troca ou desafio com Deus que será confirmada no crescimento econômico do fiel.

Após meio século de efervescência do fundamentalismo religioso, no final da II Guerra mundial em 1945, os fundamentalistas protestantes se sentiam a margem e praticamente insignificantes no decurso da sociedade. Tinham contra-atacado a modernidade que os derrotara. Tal cenário se tornou ainda mais inflamado na década de 1960, quando, principalmente os Estados Unidos da América consentia a permissiva cultura jovem, a revolução sexual, a defesa de direitos iguais para homossexuais, negros e mulheres, demandas essas que abalavam os olhos e ouvidos dos fundamentalistas.

Justamente diante de uma “aparente derrota”, é possível averiguar que na verdade, os fundamentalistas protestantes estavam na eminência da elaboração de uma contracultura defensiva. Após a década de 80, emerge o fenômeno do neofundamentalismo protestante. Tratava-se de uma nova vertente ou ampliação do seu próprio fundamentalismo, com a vontade generalizada de ter uma experiência direta com o sagrado e sentir nas mãos a força do sagrado. Uma experiência pessoal desse tipo seria o afago dos medos que assolavam aquela época. Assim, o que fazer?

Numa tentativa de resposta, Pace afirma: “ ... o neofundamentalismo representa a tentativa de fazer reviver uma comunidade de sentimentos religiosos e políticos no tempo do individualismo exacerbado. E o faz usando a mídia e os instrumentos de pressão política.” (1990, p. 43). Nesse sentido, Armstrong (2017) apresenta alguns dados que demonstram o vigor do retorno dos fundamentalistas protestantes, não somente atrelados às questões da inerrância bíblica e do milenarismo, mas agora com tendências sócio-políticas:

(...) a existência de aproximadamente 1300 emissoras de rádio e televisão evangélicas, com uma audiência de cerca de 130 milhões de pessoas e lucros estimados entre 500 milhões e alguns “bilhões” de dólares. Como declarou o destacado fundamentalista Pat Robertson durante as eleições de 1980: “temos votos suficientes para governar esse país”. (Armstrong, 2017, p. 360)

Se no início do fundamentalismo protestante havia a preocupação com a doutrina bíblica, agora os neofundamentalistas chegaram dispostos a instaurar a essência da religiosidade primitiva que ultrapassa as formulações de um credo. Seu discurso religioso não era propriamente o *logos*, embora se ancorava nos textos bíblicos, mas parecia que uma nova ordem surgia em seus cultos, onde o *mythos* encontrava seu espaço:

(...) homens e mulheres falavam línguas desconhecidas, entravam em transe, caíam em êxtase, levitavam, sentiam o corpo rir de indizível alegria, viam raios de luz,

esparramavam-se no chão, derrubados pelo que parecia o peso do louvor a Deus.
(Armstrong, 2017, p. 249)

Nesse sentido, Cunha (2007) assinala que a chamada cultura gospel pode ser entendida como desdobramento desse novo momento, aonde a música ganha destaque por mediatizar a comunicabilidade religiosa. A música também constituiria um elemento catalizador de sentimentos unido à gestualidade, tais como os olhos fechados, as expressões faciais chorosas, a cabeça jogada para trás e os braços levantados. Sobre o tema, Brenda Carranza, afirma:

(...) nos points, de sábados à noite, centenas de jovens rezam, dançam, cantam, namoram e aliviam, em tons românticos suas aflições cotidianas nas Cristotecas e Barzinhos de Jesus. Embalados nesse clima de aparente secularidade, multiplicam-se as exortações morais nas quais os jovens são desafiados a manter-se “puros e castos”, perante uma sociedade onde o “inimigo” está prestes a os seduzir para o mal. (2015, pp. 79–80)

Ainda nessa esteira, Sofiati (2012), aponta que essa cultura seria a tentativa de recolonizar a religião que a cultura ocidental tinha perdido com o secularismo. Por isso, os neofundamentalistas entendiam que se não reagissem, talvez não houvesse outra geração de cristãos.

Segundo Oro (1996), no Brasil, os neofundamentalistas têm oferecido uma vitrina farta e variada. Isso porque, nas décadas de 80 e 90, verificou-se uma multiplicação de “seitas” e de templos em território nacional. Parlamentares federais ligados, principalmente às igrejas pentecostais, articulavam-se em vista de uma ação política mais intensa a serviço dos seus interesses, atuando no Congresso Nacional através da “Bancada Evangélica”.

Numa perspectiva geral, podemos apontar que o fundamentalismo cristão protestante está povoado de diversas correntes e movimentos. Distintos entre si, mas se fortalecem para apregoar suas demandas religiosas, políticas, e, em alguns casos, contra católicos. Por um lado, apresentam tendências pós-modernas, como a utilização dos canais de comunicação e, por

outro, tendências totalitárias e universais, como a negação da própria modernidade e a questão da cultura WASP. Por meio da política, da economia, de escolas, dos programas de rádio e televisão, utilizam tanto a instrução moral quanto da acadêmica para a formação de cristãos protestantes tão fervorosos e, se preciso convictos militantes para combater a secularização da vida americana e do mundo.

Fundamentalismo Cristão Católico

Nos últimos anos percebemos certo fundamentalismo no catolicismo, até por que esta comunidade está longe de ser um todo homogêneo. Existem diferentes e divergentes compreensões da doutrina, da liturgia e de correntes de pensamento da fé católica. Libanio (1984) afirma que muitos autores ao falar do fundamentalismo católico, referem-se principalmente ao movimento em torno do bispo francês Monsenhor Marcel Lefebvre, que acabou em cisma, principalmente por sua discordância nas questões litúrgicas, que negava os novos ritos advindos do Concílio Vaticano II (1962-1965) e assumia o Concílio de Trento (1543-1563), como modelo por excelência de Igreja Católica Apostólica Romana.

Numa rolagem de autores, Locke constata que a “ ... Igreja católica experimentou um reflorescimento do fundamentalismo depois do Concílio Vaticano II” (1992, p. 330), pois existem grupos ou movimentos que tentam de todas as maneiras “inibir a resposta dos católicos aos problemas sociais, obscurecer a imagem de esperança e abertura da Igreja conciliar e enfrentar uns contra outros setores da Igreja.” (Locke, 1992, p. 331).

Numa perspectiva diferente à de Locke, encontramos Ricardo Franco (1992) descrevendo que existem movimentos na Igreja Católica que têm apenas “simpatia” por ideias fundamentalistas, mas que depois do Concilio Vaticano II, exceto o caso do Monsenhor Lefebvre e outros casos isolados, não se poderia falar de fundamentalismo religioso no interior do catolicismo.

Há autores, como Daniel Alexander (1991), que compara o integrismo católico como o mais próximo do que se poderia denominar de fundamentalismo protestante. Ambos surgiram na modernidade e se opõem aos próprios movimentos modernistas. O Integrismo designa a corrente de católicos antimodernos e antiprotestantes que aparece na Europa e nos Estados Unidos da América, principalmente, após a Encíclica *Pascendi dominici gregis* – Sobre as doutrinas modernistas (1907) do Papa Pio X, que não concordavam com a separação entre Igreja e Estado. Lutavam com afinco para ocupar o campo social que o catolicismo havia perdido com o secularismo. Os adeptos do integrismo se declaravam antiseclaristas, até mesmo de forma ofensiva.

Vejamos algumas características recorrentes no fundamentalismo cristão católico:

1) Traição ao Vaticano II e retorno à Tradição. . . 2) A centralização do poder corroendo a colegialidade. . . 3) A repressão à reflexão teológica. . . 4) Apoio aos novos movimentos. . . Opus Dei.. . Comunhão e Libertação, Neocatecumenato, Schonstadt, Focolares e Movimento Emanuel.. . cuja preocupação principal é defender a instituição, expandir a Igreja ao Leste e ter algumas práticas assistencialistas em relação aos pobres. (Oro, 1996, pp. 42–44)

Nesta esteira podemos adicionar outros discursos e posturas totalitárias e universais como: pouca abertura à modernidade, ênfase na doutrina católica e mitigada abertura ao ecumenismo, infalibilidade papal, punição e/ou excomunhão à teólogos que não são fiéis ao magistério da Igreja, ressurgimento do clericalismo, uso das vestes clericais em tempo integral, não ordenação de mulheres e homens casados, proibição de preservativos e anticoncepcionais, proibição do sexo antes do casamento, Código do Direito Canônico e Catecismo universal nivelando todas as dioceses do mundo.

Numa análise das características do fundamentalismo cristão católico, nota-se a relevância do seu texto sagrado, a Bíblia, mas também se averigua sua ancoragem no magistério

eclesial, principalmente nos textos dos Concílios de Trento, Vaticano I e Vaticano II. Constatase um conglomerado de grupos e movimentos, que vai desde os adeptos ao *logos* como o integrismo, movimento Lefebvre, Opus Dei, Focolares, Arautos do Evangelho, Toca de Assis, até os mais dados ao *mythos* como a Renovação Carismática Católica, Comunidade Canção Nova, Shalom, entre outros. Pode-se dizer que a maioria dos autores católicos reconhecem as posições conservadoras e reacionárias de alguns grupos e movimentos, mas rejeitam-lhes a definição de fundamentalistas.

Fundamentalismo Religioso Islâmico

O Islamismo é uma religião que tem por texto sagrado o Alcorão, revelado pelo Profeta Maomé (570-632) aos árabes, como seu verdadeiro e único fundamento. O Alcorão reza que o primeiro dever de uma pessoa que adere ao islamismo, consiste na promoção de uma sociedade justa e igualitária, onde os pobres sejam tratados com respeito. Isso demanda uma *jihad*, guerra, que significa luta ou esforço em todas as frentes: espiritual, política, social, pessoal, militar e econômica.

A partir deste livro, os muçulmanos organizam sua vida religiosa, moral e política, a partir dos cinco pilares:

(...) pronunciar a *shehadah* (uma breve declaração de fé no Deus único e no Profeta Maomé), rezar cinco vezes por dia, pagar um tributo (*zakat*) para garantir a justa distribuição de riqueza na comunidade, observar o jejum do Ramadã, lembrando as privações sofridas pelos pobres, e fazer a peregrinação (*haji*) a Meca, se as circunstâncias lhe permitirem. (Armstrong, 2017, p. 64)

Segundo Castells (1999), como não tem um líder comum, o vínculo dos seguidores do islamismo, se dá por uma comunidade de fieis, em que todos são iguais em sua submissão perante Alá. Embora a primazia dos princípios do islamismo seja preceituada pelo Alcorão e comum a todos os muçulmanos, existem diferentes e múltiplas interpretações teológicas e

corânicas. Para a maioria dos mulçumanos a *Sharia*, lei sagrada, não significa uma ordem rígida, inflexível, que desemboque numa “guerra santa”. Já para uma minoria, a mesma palavra pode significar guerra e combate aos infiéis a Alá. O verdadeiro significado dependerá de quem a interpreta.

Nasr (1990) afirma que, com frequência, é utilizado as expressões sunita e xiita como se fossem duas correntes radicais, fundamentalistas e opostas, quando na verdade são as duas principais correntes de interpretação do Alcorão que não se diferem em matéria de crença. Os sunitas, que constitui o grupo majoritário, regem todos os passos de sua vida pelas palavras e práticas do profeta Maomé. Como este não deixou sucessor, entende que cabe à comunidade escolher o seu Califa, um líder temporal e espiritual, de forma democrática, insistindo no consenso da opinião e salvaguardando que a comunidade é infalível, mas não o seu líder.

Já os xiitas, que constitui o grupo minoritário, compreendem que o Imame (líder) deveria ser descendente linear de Maomé ou dos seus familiares. Com a morte de Maomé (632d.C.), os xiitas só reconhecem como autêntico Imame, o quarto Califa, Ali ibn Abi Talib, por que era primo e genro de Maomé. Designado por seu predecessor, o Imame transmitia um conhecimento secreto da verdade divina, era um guia espiritual infalível e juiz perfeito. Sua função é governar a comunidade islâmica. (Armstrong, 2017)

Ainda segundo Armstrong (2017), em 874 com a morte do undécimo Imame, a descendência chegara ao fim. O que fazer? Procuram no Alcorão um “Imame Escondido” que o mundo não poderia conhecer. Fora da história, do tempo e do espaço, paradoxalmente, tornou-se a presença mais forte entre os xiitas do que seus predecessores que tradicionalmente viviam em Medina ou Samarra.

Aqui talvez é onde se aloja uma das vertentes mais caras ao fundamentalismo islâmico, pois nessa compreensão, todo governo se torna ilegítimo, por que manipula as verdadeiras prerrogativas do Imame Escondido. Os xiitas aceitam apenas a autoridade dos Ulemás, que

gozando de profunda espiritualidade e domínio da lei corânica, passam a representar o Imame Escondido.

Essa conduta moral de compreender todo governo ilegítimo leva os fundamentalistas a defender o princípio absoluto da autoridade no seu líder religioso, desencadeando um forte dogmatismo e imposição de estilos coletivos de vida: “...De dominado pela angústia da morte passa-se então a seu senhor. O poder pode aparecer como bênção de imortalidade: na embriaguez do poder aninha-se a ilusão de matar a morte.” (Borges, 20009, p. 27).

Parece que a violência religiosa tem um viés de construção de poder que eterniza seus seguidores, ampliando assim, seu poder espiritual e contestação ao inimigo, mesmo que seja necessário recorrer a sua destruição para reprimir atos ímpios, tal que “. . .milhares de prisões, mutilações e execuções pelos mais diversos motivos...fecharam o círculo da lógica fundamentalista no Irã.” (Castells, 1999, p. 34).

Notamos que aos poucos, o islamismo foi compreendo que a busca de um mundo melhor “. . . muda de tom e passa do domínio secular para o religioso.” (Kepel, 1992, p. 30). Disso decorre que o mundo sem a sociedade islâmica não passava de uma *jahiliyya*, uma espécie de barbárie e ignorância. O verdadeiro muçulmano deveria romper com o mundo atual e lutar para destruir a *jahiliyya* e construir o Estado islâmico sobre as ruínas da modernidade:

(...) a reislamização se desenvolve principalmente a partir *de baixo*, do esquadramento da sociedade civil pela rede de mesquitas e pelas associações pietistas, (...) transformando a humanidade em comunidade islâmica. (Kepel, 1992, pp. 36–62)

Das duas iniciais vertentes de interpretação do Alcorão, *sunita* e *xiita*, Pace (1990) aponta existência de dois movimentos fundamentalistas no islamismo: a tradição *sunita* e a tradição *xiita* iraniana. O primeiro surgiu em 1928, organizada pelo professor Hassan Al-Banna. Entendia que o remédio contra a corrupção dos costumes produzidos pela ocidentoxicação, seria

a promoção de uma campanha de educação em massa, tendo por fundamento, o Alcorão. O líder incentivava a canalização das energias da fé para metas políticas, passando da renovação dos corações para uma reforma integral da sociedade e do Estado, assumindo formas de organização rígidas, secretas e agressivas, compreendendo que a Europa e os Estados Unidos são obras de Satanás. Eis o lema deste grupo: o Alcorão é a nossa Constituição!

Já o segundo grupo, o *xiita* iraniano, compreende que o Imame Escondido é um líder infalível e detentor da verdade, tal que, sua sentença é como se fosse do próprio Profeta. Almeja “. . .um modelo de sociedade política que encontra o seu fundamento numa ordem superior, divina, metafísica.” (Pace & Stefani, 2000, pp. 57–58). O Aiatolá Ruhollah Musavi Khomeini¹⁶, foi um dos maiores líderes da tradição xiita do Irã. É possível que nos dois grupos existam a inconformidade com a modernidade e com o secularismo, portadora de uma “pureza original”.

A partir de Armstrong (2017), podemos resumir que de maneira geral, os fundamentalistas do Islamismo atuam em duas vertentes. Primeiro, abominam o secularismo da sociedade ocidental, não admitem separações entre religião e política, Islã e Estado. Segundo aspiram ver suas sociedades governadas de acordo com a *Shariah*, a lei sagrada do Islã, tendo, por exemplo, o Estado do Irã.

Tendências Sócio-Políticas do Fundamentalismo Cristão e Islâmico

Diante da diversidade de correntes de pensamento, aspectos doutrinários, tendências sócio-políticas e até mesmo compreensões discordantes entre correligionários de uma mesma religião, notamos duas bases mais recorrentes aonde assentam o fundamentalismo religioso cristão e islâmico: “. . .a tendência à exclusividade e a necessidade de se auto definir em oposição a alguém ou a algo.” (Pace, 1990, p. 14).

¹⁶ Do árabe, *ayatollah* significa: sinal de Alá na Terra. Alto título da hierarquia religiosa entre os islâmicos xiitas e têm o poder de controlar a legislação do país, com o intuito de garantir que as leis estejam de acordo com o *Sharia*. Mesmo o Irã sendo considerada uma república, com eleição presidencial e parlamento, na prática, o país é comandado pela figura do Aiatolá. O mais importante Aiatolá da história islâmica foi Ruhollah Musavi Khomeini.

Na primeira postura é possível averiguar que a crença de fé para além de toda dúvida, ou crítica, determina de maneira indiscutível a pertença a um mesmo grupo que une e fortalece sua identidade, facilitando a mobilização coletiva e a obediência a um líder carismático, que passa a ser concebido como portador da verdade absoluta. Na segunda, em nome dessa verdade absoluta, surge a necessidade de opor-se a alguém ou a algo, como forma de prevenção contra uma possível ameaça à integridade da verdade compreendida e vivenciada.

Por isso, é próprio do fundamentalismo gerar dependência em relação ao seu líder, que vai reproduzindo em seus adeptos mudança de comportamento acordes às suas categorias interpretativas e valorativas, crivadas de estereótipos do agrado das pessoas que o seguem. É como se do líder, emanasse uma força transcendental tão poderosa que seria impossível não tentar segui-lo fielmente. Como exemplos desses líderes, salvaguardadas as diferenças, podemos citar o Martinho Lutero no Protestantismo, o Papa Francisco no cristianismo e o Aiatolá Khomeini no Islamismo: “ ... sob a orientação de seus líderes carismáticos, refinam o "fundamental" a fim de elaborar uma ideologia que fornece aos fiéis um plano de ação. (Armstrong, 2017, p. 11).

Notamos ainda que os fundamentalistas têm em comum o anseio de retornar ao que consideram ser as fontes e/ou fundamentos de suas respectivas religiões, em contrapartida à modernidade, principalmente, pelas descobertas e teorias científicas que muitas vezes contradizem a verdade mítica de seus livros sagrados. A postura de sobrepor o *logos* sob o *mythos* e vice-versa pode provocar uma incessante militância de extremistas que não hesitam em sacrificar a vida, a sua e a de outros, em atos que acreditam praticar em nome de Deus ou de Alá.

Nesta altura uma pergunta se torna relevante: haveria uma circunstância em comum que permita compreender o surgimento do fundamentalismo religioso cristão e islâmico? Notamos que ambos foram gerados e nutridos por sociedades em crise. Aonde perpassam crises

econômicas, religiosas, políticas e culturais, haverá maior fertilidade para a instalação desse tipo de fundamentalismo, com o desejo de suprir o vazio deixado pela crise por meio de laços profundos e resistentes, com a promessa de alcançar a sobrevivência e a redenção.

Bauman (1998), aponta que a permeabilidade, o movimento irregular, a falta e, simultaneamente, a necessidade de solidez, desemboca em dois movimentos fundamentais e contraditórios: movimento de mudança e movimento de conservação. Assim, o fundamentalismo religioso, refloresce como uma maneira de superar a insegurança de viver em um terreno movediço e pela busca de certezas duráveis e consistentes, diante de um mundo onde tudo é transitório e se transforma rapidamente.

Nessa esteira, Dias acrescenta que os fundamentalistas nunca foram majoritários, mas também não deixaram de “. . . estabelecer nichos operacionais (...) ocupar postos de influência nas estruturas de comunicação de massa e organizar lobbies para exercitar a pressão política sobre legisladores e autoridades do executivo. ” (Z. M. Dias, 2008, p. 6).

A partir das contribuições de Pace (1990), Oro (1996), Bauman (1998), Dias (2008), Armstrong (2017) é possível observar que o fundamentalismo religioso cristão e islâmico, apresentam uns mais outros menos, as seguintes características: possuem livros sagrados ou textos autoritativos e o seguem de maneira literal; sua origem está relacionada a um período de crise sociocultural; possuem como estrutura, na relação líder e fiéis, uma influência autoritária e totalitária; desenvolvem nos seus adeptos forte sentido identitário e pertença ao grupo; caracterizem-se por um antagonismo contra algo ou alguém que pensam diferente de suas convicções, chegando a nominá-los de inimigo ou demônio.

Disso decorre uma tendência sócio-política no interior dos fundamentalismos cristão e islâmico. Ambos não operam somente no plano individual e sim no coletivo, pois segundo suas compreensões, as instituições da sociedade, o governo, a mídia, são controlados por pessoas ou projetos que ameaçam a crença rezada, compreendida e incorporada, por isso, “a luta deve ser

intensificada, bem como firmados os acordos necessários com a política institucional, por que o tempo urge.” (Castells, 1999, p. 41).

Considerações Finais

Será que na atualidade ainda tem sentido estudar as tendências sócio-políticas do fundamentalismo religioso cristão e islâmico? Nada mais ilusório do que pensar que o século XXI será menos religioso. Notamos que tanto sua estruturação como sua operacionalidade têm revelado a revitalização da religião.

De maneira vigorosa, tanto o fundamentalismo cristão como islâmico continuam angariando prosélitos e formando militantes. O primeiro ora investe na possibilidade de demonstrar o seu *mythos* como conhecimento científico e absoluto para conquistar maior aceitação frente à modernidade e ao racionalismo científico, ora abrindo mão de explicações racionais, promove culto e celebrações regadas às emoções. Já o fundamentalismo islâmico, independentemente de sua vertente sunita ou xiita, procuram transformar seu *mythos* em ideologia de Estado.

Com isso, é possível averiguar certas tendências e trânsitos, como mudança de movimento religioso para ideologia acirrada, da postura de fiel para militante convicto, do *ad intra* da religião para demandas *ad extra*, dos altares e púlpitos para as redes sociais e ocupações políticas.

Diante desse cenário, uma questão que emerge com maior preocupação é o processo de demonização do outro, aonde facilmente os fundamentalistas podem disseminar a construção demoníaca no imaginário coletivo, consolidar a necessidade de se dirigir às origens da própria religião e transferir qualquer responsabilidade pessoal e histórica para as forças externas.

Quando se identifica a morada do demônio no outro, como por exemplo, nas igrejas e imagens sacras dos cristãos, nas mesquitas e símbolos islâmicos, nas religiões afrobrasileiras, na Política, nos parlamentares, no Estado, não podemos negar que esse processo alcança

dimensões de problema social. Por isso, não podemos abdicar a relevância das religiões no mundo atual, mas também não podemos subestimar sua força de mobilização para a promoção de radicalismos hostis que incidem à violência ou na construção da civilização do amor e da paz, tão cara ao cristianismo e a islamismo.

Por isso, como o presente artigo se dedicou somente a revisão bibliográfica narrativa e não apresentou o contributo da religião para vivência madura do Estado democrático de direito, bem como, não apresentou exemplos que elucidam os Projetos de Lei de Estado que foram ancorados no fundamentalismo religioso, recomenda-se aprofundar o estudo das tendências sócio-políticas do fundamentalismo religioso cristão e islâmico, envolvendo fundamentalistas e parlamentares, no intento de descortinar itinerários de tolerância e diálogo para o convívio social, pois ambas religiões perdem sua beleza e sentido, quando se transformam numa teologia de exclusão e de incitação à violência.

Referências

- Alexander, D. (1991). El fundamentalismo es un Integrismo? *Revista Religiones Latino-americanas*, 1(1), 87–104.
- Armstrong, K. (2017). *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. (H. Feist, Trad.). São Paulo: Companhia de bolso.
- Bauman, Z. (1998). *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Borges, A. (2009). *Religião e diálogo inter-religioso*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-0496-1>
- Carranza, B. (2015). Cristianismo pentecostal: nova face da Igreja católica. In A. da S. Moreira & P. L. Trombetta (Orgs.), *O pentecostalismo globalizado* (pp. 70–93). Goiânia: Editora da PUC Goiás.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.
- Cunha, M. do N. (2007). *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Dias, Z. M. (2008). Fundamentalismo: O delírio dos amedrontados - Anotações socio-teológicas sobre uma atitude religiosa. *Tempo e Presença*, 3(13), 1–6.
- Franco, R. (1992). Verdad o Libertad? *Revista Selecciones de Teología*, 1(124), 332–338.
- Kepel, G. (1992). *A revanche de Deus*. São Paulo, SP: Siciliano.
- Libanio, J. B. (1984). *A volta à Grande Disciplina* (2nd ed). São Paulo (SP): Loyola.
- Lionço, T. (2017). Psicologia, Democracia e Laicidade em Tempos de Fundamentalismo Religioso no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(spe), 208–223.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703160002017>
- Locke, J. K. (1992). Reflexiones sobre el fenómeno del fundamentalismo: Some Reflexions on the Phenomenon of Fundamentalism. *Revista Selecciones de Teologia*, 31(124), 326–331.

- Moltman, J. (1992). Fundamentalismo e modernidade. *Concilium*, 1(241), 141–148.
- Nasr, S. H. (1990). O significado espiritual da Jihad. In R. S. Bartolho & A. E. Campos (Orgs.), *Islã: O credo é a conduta* (pp. 269–326). Rio de Janeiro (RJ): Iser & Imago.
- Oro, I. P. (1996). *O Outro e o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo, SP: Paulus.
- Pace, E. (1990). *Il regime della verità: il fondamentalismo religioso contemporaneo*. Bologna: Società editrice il Mulino.
- Pace, E., & Stefani, P. (2000). *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Brescia: Ed. Queriniana.
- Sofiati, F. M. (2012). *Religião e Juventude, os novos carismáticos* (2º ed). São Paulo, SP: Ideias & Letras; FAPESP.
- Velasques Filho, P. (1990). O nascimento do ‘Racismo’ confessional: raízes do Conservadorismo protestante e do Fundamentalismo. In A. G. Mendonça & P. Velasques Filho (Orgs.), *Introdução ao Protestantismo no Brasil* (pp. 111–131). São Paulo, SP: Edições Loyola ; Ciências da Religião.
- Weber, M. (1991). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva* (Vol. 1). Brasília, DF: UnB.

Redes Sociais: Formas de Apropriação

Introdução

Na atualidade as redes sociais se tornaram um fenômeno social de grande envergadura, fazendo-se presente na vida cotidiana de muitas pessoas ao redor do mundo. Essas redes facilitam o acesso de qualquer pessoa, com um custo muito baixo, à comunicação massiva de ideias e de crenças culturais, políticas, sociais, religiosas e etc. Por meio da criação de um *perfil* na rede social, por exemplo, o usuário pode incluir-se em diversos grupos e acessar conteúdos de diferentes culturas e sociedades, recebendo e exercendo influências em um ambiente de difícil controle.

Trata-se de uma realidade complexa que supera fronteiras geográficas entre o “aqui” e o “lá”, que opera em tempo real. Se por um lado as redes sociais promovem benefícios aos seus usuários, como o diálogo e a inclusão, por outro, também podem apresentar prejuízos, como os efeitos deletérios, as provocações dos *haters* e a questão do *Fake News*. Nas relações entre as pessoas, os conteúdos compartilhados na rede podem variar de tons, do mais suave ao mais agressivo, representando simultaneamente, diversas formas de apropriação por parte do usuário.

A partir do método bibliográfico narrativo, o presente estudo tem por objetivo compreender como as redes sociais podem influenciar o comportamento individual e social das pessoas, no que diz respeito às questões do ciberespaço, do real e do virtual, da interação social e do individualismo, do diálogo e da intolerância, numa interface com o fundamentalismo religioso. Tudo isso sem a pretensão de chegar a cabo dessas possibilidades, mas de acenar as possíveis implicações no bem-estar psíquico dos usuários.

Assim, no primeiro momento visitaremos alguns autores da produção acadêmica sob a perspectiva dos recursos e ameaças que as redes sociais podem oferecer aos seus usuários. No segundo, ventilaremos uma discussão sobre o itinerário que alguns grupos de fundamentalistas religiosos têm percorrido “dos templos às redes sociais”, discorrendo as possíveis implicações

nas vidas dos usuários que emergem dessa emigração. Por último, dentre as muitas redes sociais disponíveis no ciberespaço, selecionamos uma delas, o Facebook, maior rede social do Brasil na atualidade, no intuito de compreender as significações mais profundas do simples *curtir*, *compartilhar* e *comentar*.

Formas de Apropriação das Redes Sociais na Atualidade

Nas redes sociais percebemos que, de alguma maneira, adentramos a um *cyber*, um espaço, que é também *espaço público* e, talvez, o mais público dos espaços. Não obstante, os usuários operarem como indivíduo autônomo e livre, no ciberespaço é possível também ver esse espaço como um espaço público de alteridades (Arendt, 2010); sobretudo considerando as interações que acontecem e marcam os indivíduos que se movem nesse espaço.

O conceito de ciberespaço foi empregado pela primeira vez pelo escritor norte-americano de ficção científica Willian Gibson, em sua obra *Neuromancer*, publicada em 1984. Para ele, ciberespaço é uma esfera cuja estrutura não física ou territorial é composta por um conjunto de redes de computadores responsável por possibilitar uma intensa circulação de informações: “ (...) Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não-espaço da mente, aglomerados e constelações de dados.” (Gibson, 2008, p. 69).

Quinze anos depois, encontramos as contribuições de Pierre Lévy (2010), não somente alargando o conceito de ciberespaço, como explicando o neologismo cibercultura, como um desdobramento do ciberespaço: “ ... conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (Levy, 2010, p. 17).

Nessa esteira, aquilo que Pierre Levy, na sua perspectiva antropológica chama de *Cibercultura*, Manuel Castells denomina de *Sociedade em Rede*, título da sua principal obra, publicada em 2009. Castells compreende que as forças que modulam a sociedade em rede

provêm da economia, da cultura, da sociedade e da tecnologia. Trata-se de tensões que surgem de acordo com as demandas ou inovações e que vão se ajustando ao modo de viver. Por último, segundo Rojo e Barbosa (2015), temos a *Web 3.0*, também denominada Web Semântica, com a finalidade de interligar e tornar perceptível o significado das palavras, tanto à humanos quanto às máquinas. Trata-se de uma “inteligência” que antecipa aquilo que o usuário gosta ou detesta, suas necessidades e seus interesses, de forma a oferecer conteúdo, serviços e mercadorias em tempo real.

Com isso, diferente do que imperava até o século XX, em que a televisão, o rádio, o jornal e as revistas se constituíam um modelo massivo, concentrando a produção nas mãos de uma minoria que detinha o poder de veiculação sobre uma maioria consumidora; atualmente, nota-se que os usuários não apenas consomem, mas produzem, difundem, questionam, transformam e compartilham informações em escala global como nunca antes se havia averiguado. Vale considerar que o conceito de rede social recua ao passado, para uma época anterior à invenção da *Internet* ou do próprio computador pessoal [PC]. As redes sociais *on-line* apenas oferecem novas maneiras de se comunicar: do hábito de enviar cartas, passamos ao costume de telefonar; depois vieram as mensagens de texto via celular [SMS] e os e-mails. (Powel, 2010).

Segundo Meneses & Sarriera (2005), as redes sociais se encontram em duas perspectivas. Na primeira se observa especialmente o aspecto estrutural das redes, utilizando um referencial metodológico gráfico e quantitativo. Já na segunda é abordada a própria funcionalidade e vínculos que são gerados nas redes sociais, geralmente realizada mediante metodologias qualitativas, ganhando relevância a interação e as inter-relações dos nós, isto é, a denominação de cada elemento que participa e é percebido como membro de uma rede, pois da mesma maneira como existem redes (interações) propiciadoras da saúde, também pode existir redes perturbadoras ao bem-estar psíquico dos usuários.

Com o surgimento dos sites de rede social, a exemplo das mais populares no Brasil, o Facebook (<http://www.facebook.com>), MySpace (<http://www.myspace.com>), Twiter (<http://www.twiter.com>) e Whatsapp (www.whatsapp.com), dentre outros, as redes sociais se tornaram ainda mais relevantes e notórias, pois proporcionam conversações que permanecem no ciberespaço, tornando-as buscáveis e replicáveis independentemente da presença *on-line* dos seus usuários. Dessa maneira, as conversações tomam outra dimensão e são facilmente reproduzidas por outros usuários, grupos ou redes, tornando-as mais públicas, modeladoras e amplificadoras de opiniões de forma síncrona e assíncrona no ciberespaço.

Por comunicação síncrona se entende aquela que se estabelece, normalmente, em um único espaço, onde as interações podem ocorrer em uma identidade temporal próxima, semelhante à conversa *cara a cara*. Já a assíncrona, é aquela comunicação que acontece em um ou mais espaços, onde as interações ocorrem em uma identidade temporal alargada, podendo ocorrer em vários espaços simultaneamente, ou seja, uma pessoa pode assumir várias identidades. (Recuero, 2009).

Numa outra perspectiva, encontramos a obra *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* (E. O. dos Santos & Porto, 2014), afirmando que no ciberespaço já não tem sentido a separação entre o real e o virtual, pois se trata de um *continuum* onde diferentes tecnologias coexistem no universo das interações. Nessa perspectiva, Lévy & Neves afirmam que “. . . ao se virtualizar, o corpo se multiplica. Criamos para nós mesmos organismos virtuais que enriquecem nosso universo sensível sem nos impor a dor.” (1996, p. 33). Também, alguns estudos recentes de psicologia apontam que o usuário das redes sociais:

(...) é convidado a passar ao outro lado da tela e a interagir com modelos digitais ao mesmo tempo que a realidade é ampliada pelos dispositivos eletrônicos que passam a fazer parte do cotidiano, como os celulares, as câmeras e os computadores, que estão interligados, que se comunicam entre si e que nos remetem aos ambientes virtuais. (...)

permite que as vivências, os sentidos e os significados sejam compartilhados por meio de narrativas e de recursos audiovisuais. (Rosa, Santos, & Faleiros, 2016, p. 270)

No entanto, nota-se que as redes sociais são por vezes acusadas de contribuírem com o isolamento dos seus usuários, mitigando o famoso jargão do contato *cara a cara*. Nessa temática, a investigação epistemológica aponta divergentes concepções, citamos apenas duas:

A maior parte das vezes os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contactos e são social e politicamente mais activos do que os não utilizadores. Além disso, quanto mais usam a Internet, mais se envolvem, simultaneamente, em interacções, face a face, em todos os domínios das suas vidas. (Castells, 2005, p. 23)

Diferente de Castells, Bauman (2008) assegura que as redes sociais podem influenciar as pessoas a deixar de se relacionarem *cara a cara*, por que as conexões virtuais são efêmeras, transitórias, fluidas, descartáveis, instáveis, cambiantes e fúteis. Essas conexões também passam a servir de padrão para os outros tipos de interações, tal que, o modo de se conectar virtualmente se estende para o presencial, minimizando a intimidade, o afeto e os vínculos.

Não obstante as controvérsias acadêmicas, o fato é que as redes sociais vieram para ficar e acredita-se pouco provável sua reversibilidade. Na verdade, trata-se de uma realidade complexa e de que talvez o *continuum*, isto é, a continuidade entre a vida *off-line* e *on-line*, seja a mais assertiva, a tal ponto que ambos os mundos (*off-line* e *on-line*) se tornam a mesma coisa, coexistem e fundem-se, sem qualquer distinção, é a “...perda da distinção entre o ‘aqui’ e o ‘lá’, fusão de fronteiras e outros fenômenos.” (Silveira, 2014, p. 22).

Ainda nesse quesito, é relevante considerar que a produção acadêmica tem demonstrado que no passado o ingresso dos usuários nas redes sociais se deve por pessoas que não se conheciam, formando comunidades de interesses, para além de sua localização geográfica e conhecimento prévio, perfaziam o percurso *on-line* para *off-line*. Atualmente, os usuários estabelecem preferencialmente relação com pessoas que fazem parte previamente do seu mundo

off-line, ainda que naturalmente estejam solícitos a novos contatos. Essa tendência atual contrasta a proposição de que a *Internet* permite aos seus usuários apresentarem “eus” *on-line* diferentes dos “eus” *off-line*, conforme assinala os autores: Byam, Turkle, Mckenna e Bargh (E. O. dos Santos & Porto, 2014, p. 31).

Numa abordagem divergente, encontramos Recuero (as cited on Barifouse, 2016), numa entrevista à BBC, discutindo que o anonimato pode ser um incentivo à publicação de opiniões radicais, discursos de ódio e à propagação de diversos tipos de preconceito. Na mesma entrevista, o engenheiro turco Orkut Büyükkökten (2016) afirma que se o usuário não tem “. . . uma opção para expressar uma opinião impopular sem medo de represália, os usuários acabam criando outras contas com identidades falsas que entopem o sistema.” (Barifouse, 2016).

Por isso, “. . . é preciso pensar como a conversação em rede está alterando o modo como nos comunicamos, o que dizemos, o que fazemos e o que pensamos. . .” (Recuero, 2012, p. 1). Nas diversas formas de apropriação das redes sociais, observamos que se por um lado as redes sociais revelam o desejo das pessoas de comunicação e interação, por outro elas não se contentam mais em ter um “amigo” virtual, desejam ter milhares. Trata-se de uma espécie de capital social, isto é, o desejo pode intensificar tanto que às vezes se transforma numa competição e/ou numa obrigação, para saber quem tem mais amigos. Parece que não basta apenas viver, é necessário dizer o que se vive em fotos, selfies e vídeos, numa espécie de *eu te curto hoje e você me curte amanhã*. Novamente Bauman (2008) aponta que quando a qualidade de um relacionamento se torna decepcionante, as pessoas procuram redimir o sofrimento na quantidade.

Nessa esteira, Meneses & Sarriera (2005), observam a mútua influência existente entre a rede social como um todo e cada membro que dela participa. Suas pesquisas concluíram que quando um adolescente é inserido numa rede social que promova o consumo de drogas ilícitas,

essa rede pode influenciá-lo a iniciar o consumo, como também, aqueles que já são consumidores podem se incluírem num mesmo grupo, pois de alguma maneira, a pertença ao grupo pode criar padrões de comportamento e de relacionamento. Os autores advertem que ao se construir um grupo na rede social, “. . . de alguma forma também o sujeito é construído.” (p. 60).

Com isso, dependendo da maneira como o usuário se apropria dessas redes sociais é que ele poderá ser beneficiado ou prejudicado através dos seus efeitos deletérios, como a possibilidade da conexão compulsiva, gasto de tempo excessivo na web, considerar o mundo sem internet desinteressante, irritabilidade, ansiedade, menores níveis de atividade física, entre outros. (Moromizato et al., 2017).

Diante dos diversos temas que são arrolados na tela das redes sociais, percebemos certa apropriação dos fundamentalistas religiosos para pulverizar suas crenças, angariar prosélitos e até mesmo, reunir possíveis militantes para suas tendências sócio-políticas, pois conforme Armstrong “o fundamentalismo não vai desaparecer. . . os acontecimentos dos últimos anos indicam a persistência de um estado de guerra latente entre conservadores e liberais que às vezes emerge de maneira assustadora.” (2017, p. 481). Disso decorre a necessidade de buscar compreender como está acontecendo essa apropriação e como pode implicar a vida de seus adeptos e usuários.

Dos Templos Religiosos às Redes Sociais

Numa busca por autores e obras que interagem religião e redes sociais, encontramos a pesquisa de Carletti (2016), apontando que os poucos estudos nesse campo teórico se resumem aos processos de construção de metodologias. Afirma também, que no Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus foi pioneira na inserção nos meios de comunicação e, em seguida, nas redes sociais, afastando-se do protestantismo histórico e fornecendo elementos audiovisuais que inovaram sua interação com o fiel. Mais adiante foi a vez do catolicismo, principalmente através

do documento publicado em 2009 pelo então, Papa Bento XVI, em que reconheceu a *Internet* como um continente digital, na qual precisa ser evangelizado.

Diante da complexidade que envolve a temática da religião e o subjacente fundamentalismo religioso que dela pode emergir, partimos da abordagem que entre os vários tipos de fundamentalismos, existem os mais abertos a interferências externas que comportariam mudanças de seus pontos de vista, chamados de *open-mind*, e os mais fechados que não acatariam outras fontes para o seu saber, que não seja o texto sagrado (no caso dos cristãos, a Bíblia e, no caso dos islâmicos, o Alcorão) ou autoritativo que foi erigido como fundamento, chamados de *closed-mind*. (Lima, 2011).

Em se tratando de fundamentalismo religioso nas redes sociais, os autores Meneses e Sarriera apontam a necessidade do seu aprofundamento epistemológico: “... Além das questões relativas à própria complexidade do tema, nos deparamos com a dificuldade de acessar materiais relevantes e atualizados sobre o tema no Brasil” (2005, p. 55). Também os autores Libório & Guimarães afirmam: “Encontramos poucos subsídios sobre a temática, especialmente no Brasil, o que torna evidente ser ela um campo fértil de pesquisa no campo epistemológico.” (2015, p. 235).

Diante dessa necessidade de aprofundar a produção acadêmica que correlaciona fundamentalismo religioso e redes sociais, principalmente do tipo *closed-mind*, uma pergunta se torna relevante: por que discutir o fundamentalismo religioso nas redes sociais? Não seria conveniente discutir tal tema somente na literatura ou no interior das Igrejas e Mesquitas?

Segundo Carranza (2009), a maioria dos grupos de fundamentalistas religiosos, seja do Oriente Médio como do Ocidente Cristão, se por um lado contestam a modernidade, por outro utilizam as conquistas tecnológicas provenientes da própria modernidade, principalmente das redes sociais, para disseminar seus ideais e angariar prosélitos. Em certo sentido, esses grupos são conservadores que se adaptam secularmente e com frequência vemos que seus membros

comungam com outros fundamentalismos econômicos, culturais, étnicos, engrossando camadas vulneráveis a radicalismos sociais.

Por isso o interesse em discutir aqui o fundamentalismo religioso no ciberespaço, justamente para tentar analisar como os fundamentalistas religiosos têm reverberado suas demandas fora dos seus “templos”, conforme descreve Silveira: “O ciberespaço e a convergência digital tornaram-se, de forma crescente e complexa, campo em que as religiões e os fenômenos religiosos expressam modos de pertencer, credos religiosos e políticos.” (2014, p. 23).

Disso decorre a necessidade de fomentar a produção acadêmica que estabeleça relação entre o uso das redes sociais e fundamentalismo religioso, averiguando as possíveis apropriações que podem emergir dessa relação:

São muitas as variáveis que apontam essa guinada do fundamentalismo religioso no mundo que se tornou global pelos caminhos da tecnologia da informação e da comunicação; e que ao mesmo tempo ampliou suas fontes de tensão, ora envolvendo o mercado internacional global, ora atingindo a estabilidade social das nações. (Neves, 2016, p. 60)

Assim, estudar o Fundamentalismo religioso nas redes sociais é no fundo compreender como essa relação pode gerar diversos comportamentos, inclusive hostis e agressivos, principalmente quando os fundamentalistas religiosos de teor *closed-mind* interagem no ciberespaço com uma postura de afirmação radical de um princípio religioso para além de toda dúvida, com pretensões de legitimação e universalidade que permite ações de supressão de toda diferença.

É mister recordar que as redes sociais enquanto possíveis propiciadoras de saúde, não somente são transmissoras de conteúdos religiosos, mas através do rádio, da *Internet* e da televisão as pessoas podem se conectar, compartilhar consolos, confortos e a emancipação da

fé. Em processos de doença aparecem até as correntes de oração que unem pessoas em torno da fé e externam sua solidariedade (Meneses & Sarriera, 2005).

Contudo, de propiciadora de saúde, o uso das redes sociais, também pode se tornar perturbadora quando enaltecidas pelo fundamentalismo religioso, pois quando se cria uma rede social, de alguma maneira, seu usuário também é construído a tal ponto que se constitui uma mútua influencia entre a rede social como um todo e cada membro participante dela, podendo criar padrões engessados de comportamento e de relacionamento entre seus membros pois, apesar de atraente para as pessoas que procuram respostas prontas, facilmente “. . .o fundamentalismo convida, sem dizê-lo, a uma forma de suicídio do pensamento.” (Pontifícia comissão bíblica, 1993, p. 42).

Nessa esteira, a relação fundamentalismo religioso e redes sociais “... se torna ainda mais assertiva, potencializada e superabundante quando observada sob a ótica da possibilidade de conflito em qualquer lugar do planeta tendo as redes sociais, e suas formas instantâneas de comunicação, como maior aliada.” (Neves, 2016, p. 72). O fato é que as redes sociais amplificam, repercutem, dinamizam e problematizam diversas questões, inclusive, o fundamentalismo religioso, sendo possível, encontrar usuários que transitam aleatoriamente em diversas crenças e até mesmo, entre aquelas contraditórias ou conflitantes entre si.

Diante das diversas redes sociais que disputam a atenção dos seus usuários, as autoras Santos e Porto (2014), afirmam que na atualidade o Facebook é a rede social que melhor caracteriza o leque das redes sociais. Trata-se de uma base de dados de fácil acesso em que o usuário com o mínimo de recurso cognitivo, pode acessar essa rede, que atravessa diferentes países, culturas, extratos sociais, níveis etários, crenças religiosas, entre outros. Por esses motivos e por se tratar da rede social mais popular no Brasil, que a escolhemos para averiguar com maiores minúcias, na tentativa de compreender seus significados mais profundos para além do texto e imagem.

O “Curtir”, “Compartilhar” e “Comentar” no Facebook: Uma Análise

Segundo Lúcia Amante (2014), o Facebook foi criado em 2004 por um grupo de quatro jovens universitários de Harvard: Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes. Os estudantes visavam criar um espaço no qual as pessoas se encontrassem e compartilhassem opiniões e fotografias, com o intento inicial somente de uma rede de comunicação para os estudantes da própria universidade.

Contudo, rapidamente o projeto se expandiu entre as universidades americanas, conectando jovens de mais de 800 instituições e em menos de um ano já tinha 1 milhão de usuários ativos. O filme *A rede social*, *The social network*, lançado em 2010 de David Fincher, descreve a história do Facebook. Em 2014, essa rede social já possuía cerca de 1,23 bilhões de usuários e organizações de diversos países, sendo 61,2 milhões de usuários brasileiros.¹⁷

O usuário, ao criar o seu perfil no Facebook, pode ou não preencher um quadro de informações básicas, que compreende gênero, nascimento, naturalidade, domicílio atual, idioma, formação escolar, acadêmica, status de relacionamento, autodescrição no campo “sobre você” até opções políticas e religiosas. É possível se conectar a grupos, criar rede de contatos com interesse comum, tornar-se seguidor dos perfis de celebridades, clubes e outras organizações. A comunicação entre os usuários acontece por meio de mensagens privadas, públicas ou através do mural, onde se podem inserir fotos, clipes de vídeo ou música e, todos estes posts podem ser curtidos, comentados ou compartilhados pelos “amigos” ou seguidores.

O Facebook disponibiliza ainda calendário de aniversários, com emissão de alertas sobre os aniversários da lista de amigos, calendário de eventos, que informa data, local e até envio de convite para o evento, bem como, disponibiliza uma variedade de jogos de entretenimento. Nota-se que através do conjunto de referências pessoais que podem ser inscritas

¹⁷ Dados fornecidos pela consultoria do site eMarketer.Cf.: <<<http://www.emarketer.com>>>. Acesso em: fev. 2014.

no Facebook é possível traçar um perfil do usuário mais ou menos delineado, dependendo da opção tomada por este, uma vez que nem todos os campos são de preenchimento obrigatório.

Amante (2014) também descreve que os motivos que levam as pessoas ao uso do Facebook são manter as relações já existentes, buscar novas amizades, ser divertido, tornar-se mais popular, ocupar o tempo, expressar ideias e se auto apresentar. Além disso, esta rede social pode ser utilizada para fins de gerenciador de tarefas (contatos, eventos, fotos, etc.), de atividades estudantis, acadêmicas e profissionais.

Diante das ferramentas disponíveis pelo Facebook e suas motivações para utilizá-las, como interpretar ou entender a reação dos seus usuários? Segundo Recuero (2008), o texto ainda é o mais utilizado por seus usuários, existe estreita relação da “fala com a escrita” através da oralização do texto, o popularmente chamado de *Internetês*, que se adapta a diferentes dispositivos tecnológicos voltados para comunicação, tais como, celular, smartphones, tablet’s e notebooks.

Por isso, para se analisar as diversas formas de apropriações que o Facebook oferece aos seus usuários, é relevante observar como suas ferramentas estão associadas às intenções, afetos e cognições geradoras de subjetividades e formas de coesão social. Entre as diversas ferramentas, selecionamos as mais recorrentes e tabulamos (*Tabela 1*) da seguinte maneira:

Tabela 1.

Relação entre linguagem textual dos Sites de Redes Sociais e marcadores conversacionais.

Linguagem textual	Descrição	Exemplo
Onomatopéias	Termos usados para simular sons orais e para marcar elementos verbais e não verbais.	Pow, Aff, Boom
Emoticons	Junção das palavras emotion (emoção) e icons (ícones). São elementos gráficos, como desenhos, letras e símbolos que são utilizados para representar elementos não verbais.	Reações faciais e estados de humor.
Oralização	É a aproximação textual da linguagem falada, a exemplo das gírias ou para representar tons de voz e estado de humor com o uso das letras em caixa-alta e/ou repetição de letras.	“LEGAL!”, “Curtiiiiiiiiii”.
Abreviações	Formadas por contrações de palavras para agilizar o processo de digitação.	“Blz” = beleza, “Bj” = Beijo, “Vlw” = Valeu e FDP = filho da puta.
Pontuação	Indica hesitação, pausa ou silencio na demora de resposta dos pares que estão interagindo	Uso de reticências (...)
Léxicos de Ação	Descritores de ação, escritas no texto ou como parte pré-programada	“usuário X está escrevendo” ou o botão Curtir.
Indicadores de direcionamento	Organizam e indicam para quem, ou qual assunto, a mensagem ou contexto daquela conversa será dirigido.	“@” para indicar o direcionamento

Tabela elaborada a partir das definições dos autores José Carlos Ribeiro e Marcel Ayres e organizada em E. O. dos Santos e Porto (2014, pp. 213–216).

A tabela acima (*Tabela 1*) demonstra como as análises de postagens no Facebook, podem ser facilmente mitigadas, se centradas apenas na linguagem textual e corretamente redigida. Faz-se necessário compreender os aspectos paradigmáticos das estruturas dos signos que são negociados diante dessas novas formas de interação. Notamos que os escritos são reveladores das sensações, emoções e sentimentos, principalmente quando associados às figuras, imagens, fotos e depoimentos postados pelos seus usuários. Nesse sentido, faz necessário analisar os significados e diferenças entre as ferramentas *curtir*, *comentar* e *compartilhar*, abundantemente utilizadas pelos seus usuários.

Iniciemos pela ferramenta “curtir”, que numa primeira abordagem parece ser compreendida como uma maneira de tomar parte numa postagem sem necessariamente elaborar uma resposta. Trata-se de uma maneira de manifestar apoio e dizer que a postagem foi visualizada. No entanto, numa abordagem mais profunda, Recuero (2014) afirma que o “curtir” algo adquire uma série de contornos de sentido, pois, como não há a elaboração de um enunciado para explicitar a opinião do usuário, essa ferramenta se torna uma forma menos comprometida de expor sua opinião diante da postagem.

Com certa semelhança à ferramenta “curtir”, o “compartilhar”, segundo Recuero (2014) é a possibilidade de maior visibilidade e alcance da postagem, pois se trata de tomar parte na divulgação da postagem, para apoiar uma determinada ideia, um manifesto ou uma mensagem permitindo que os usuários construam algo que possa ser passível de discussão, uma vez que revela o interesse de quem compartilhou, tornando assim, um relevante para a rede social, com igual valor para aquele que compartilha e para aquele que foi compartilhado.

Por último, e não menos importante, mas talvez o mais peculiar para a nossa análise, temos a ferramenta do “comentário”, que não apenas sinaliza uma participação, mas demanda maior esforço pessoal para registrar o efetivo apreço ou repúdio diante de uma postagem do Facebook, pois revela cumplicidade de quem comenta. Mesmo porque aquilo que é comentado facilmente pode ser descontextualizado e migrado para outras redes por meio das ferramentas de compartilhamento, tornando passível de receber novos comentários.

Se no início deste estudo havíamos apontado que a produção acadêmica tem demonstrado certo *continuum* entre a vida real e virtual, após percebermos as diferenças entre *curtir*, *compartilhar* e *comentar*, merece destaque o fato de que muitos usuários do Facebook, são um tanto reticentes para manifestarem suas opiniões, principalmente na utilização da ferramenta “comentar”:

Dentre os usuários entrevistados, claramente há uma reticência em comentar. A maioria deles explicitou um certo receio com as interpretações de suas falas em contextos diferentes, receios com relação à tensão com outros usuários, receios com a ocorrência de atos de ameaça a face e efeitos negativos sobre sua reputação. (Recuero, 2014, p. 122)

Por isso, na análise da reação dos usuários, se torna relevante, o tipo de ferramenta e quantidade de vezes que foi utilizada e, no caso, do “comentário”, revela maior apropriação e um possível gerador de tensão, pois diferentemente do “curtir” e “compartilhar”, na utilização do “comentário”, o usuário *toma partido* e pode se abrir para um diálogo ou desencadear discursos de incidência à intolerância. Também é preciso estar atento às imagens, sons e textos que interagem na liquidez do ciberespaço, gerando interfaces, conexões e encontros imprevistos na linha de tempo dos usuários do Facebook, pois tudo isso vai compor o significado das postagens.

Também Dias & Couto (2011) analisam que as simples perguntas do Facebook podem revelar camadas mais profundas sobre a identidade e perspectivas de mundo do seu usuário. Por exemplo, “o que estou fazendo agora?” dá pistas do “quem sou eu”, ou seja, o modo de existir no digital é atravessado pelo estar visível ao outro. Nesse mesmo sentido, quando o usuário se depara e responde quem sou eu?, ele é atravessado pela pergunta da própria origem e sentido de sua vida, desencadeando de alguma maneira, um relacionar-se consigo mesmo. Dessa maneira, “. . . o usuário é interpelado a falar de si, de sua subjetividade, do seu pensamento, das suas ideias sobre o mundo e os acontecimentos.” (p. 641).

Nesta esteira, uma pesquisa realizada pelos alunos da graduação e mestrado em psicologia da Argentina e do Brasil, revelou que as interações via Facebook despertam algumas emoções não verificadas na vida presencial, como a ansiedade da espera de uma resposta ou da reação diante do que foi postado, pois mesmo com um controle emocional, os textos escritos

deixam transparecer as emoções das pessoas, dependendo em grande medida do temperamento delas. Uma pessoa mais controlada, naturalmente escreverá algo mais racional e uma pessoa temperamental quando impulsionada pelo calor das emoções, não se preocupará com o texto, escreverá *o que vem à cabeça*. Nessa abordagem, o texto também poderá ser um termômetro da emoção: é possível sentir a reação da pessoa pelo seu texto, pelo que ela expressa e pela forma como ela se expressa. (Rosa et al., 2016, p. 266).

Também, segundo a reportagem de Tatiana Dias ao portal da UOL, o Facebook atualmente possui mais de dois bilhões de usuários. Desse número, mais de dois terços acessam diariamente essa rede social. Seu valor de mercado está na casa dos US\$ 450 bilhões, com taxa de crescimento anual em torno 8%. Seu modelo de negócios é baseado na coleta, agregação, análise e monetização de dados dos seus usuários, por meio de uma atuação praticamente invisível aos olhos dos usuários, mas incessante e vigorosa, pois conseguem analisar até mesmo a velocidade de como o usuário arrola os perfis, sua pressão no dedo e o que essas informações dizem sobre sua personalidade ou estado de vida atual.¹⁸

A reportagem cita como exemplo dessa violação de privacidade, o caso do pesquisador Alexander Kogan que criou um teste de personalidade no Facebook, recolheu dados comportamentais de 87 milhões de pessoas como objetivo de traçar perfis detalhados para identificar pessoas mais vulneráveis a mudar de opinião e, portanto, mais suscetíveis a anúncios apelativos ou *fake news*¹⁹ com fins políticos. Essas informações foram vendidas para a *Cambridge Analytica* e para outras consultorias, que usou tais informações sem consentimento

¹⁸ DIAS, Tatiana. O algoritmo é mais embaixo: como a promessa de liberdade da *Internet* resultou em invasão de privacidade e ameaças à democracia. Cf.: <<<https://tab.uol.com.br/crise-facebook/#o-algoritmo-e-mais-embaixo>>> Acesso em: 02 mai. 2018.

¹⁹ Notícias falsas que são propositalmente elaboradas com o intuito de enganar os leitores.

dos seus usuários. Uma dessas consultorias foi contratada pelas campanhas bem-sucedidas a favor do *Brexit*, no Reino Unido, e na eleição de Donald Trump, nos EUA.

Disso decorre, a necessidade de superar a utilização ingênua do Facebook, principalmente diante de postagens de fundamentalistas religiosos ou de *haters*, também conhecidos por *trolls*, que vão ao ciberespaço para promover o ódio pelo ódio, humilhar ou mesmo desestabilizar pessoas e/ou grupos sociais. (Rebs, 2015).

O fato é que transitamos numa linha muito tênue entre das diversas formas de apropriação que as redes sociais oferecem aos seus usuários, que vai desde interesses pessoais, empresariais, monetários até a violação de privacidade e implicações no seu bem-estar psíquico, como por exemplo, a ansiedade. Parece que o Facebook sabe mais sobre a vida do usuário do que o próprio usuário.

Curiosamente no Brasil existem políticas públicas com a finalidade de oferecer acesso à *Internet* às pessoas com demandas socioeconômicas menos favorecidas, como o Programa Nacional de Banda Larga [PNBL], no entanto, não percebemos ainda projetos arrojados na área de educação que promova a utilização saudável das redes sociais. O fato é que dependendo da forma como a pessoa se apropria do Facebook e da religião, se poderá favorecer ou comprometer o seu exercício da cidadania, contribuir ou prejudicar o seu bem-estar psíquico. Nesse sentido, Silveira & Avellar (2014), alertam que na rolagem pelo Facebook e o subjacente contato com as várias religiões é possível que o usuário vá se tornando um “transreligioso”, que num diálogo respeitoso poderá ser fonte de enriquecimento e convivência com o diferente, mas dependendo de sua apropriação poderá fomentar confrontos de incitação à violência social, de difícil mensuração.

Considerações Finais

Visitando a produção acadêmica em torno das redes sociais e, particularmente do Facebook, é possível observar como essa rede social promove o exercício híbrido de uma

comunicação colaborativa, participativa, aberta e em constante construção. Sendo que, ao construí-la, o usuário também é construído. Porém, dependendo da forma de apropriação do usuário com essa hibridação, em última análise, será constituída a relação eu-tu nos cotidianos da atualidade, uma vez que não é mais possível admitir uma ruptura entre o real e o virtual, o “aqui” e o “lá”, e sim uma fusão, um *continuum*, de difícil delineamento das fronteiras de demarcação.

Na interação ativa e participativa, aliada ao deslocamento do fundamentalismo religioso dos “templos às redes sociais”, a literatura tem indicado a apropriação dos fundamentalistas *closed-mind* das redes sociais para angariar prosélitos, formar militantes, justificar suas demandas sócio-políticas e até mesmo articular e/ou estimular atentados terroristas, não permitindo o diálogo e a convivência com o diferente, tão caras e necessárias na atualidade. Faltou nesse artigo dados quantitativos ou qualitativos, que articulasse os dados encontrados na literatura com uma análise sistematizada das postagens típicas do fundamentalismo religioso no Facebook e suas implicações no bem-estar psíquico dos seus usuários.

O itinerário que percorremos nesse artigo, nos permite discorrer que tanto as redes sociais como o fundamentalismo religioso, “vieram para ficar” e ignorá-los ou negá-los, não seria o melhor caminho. Por isso, apontamos a necessidade de pesquisas futuras que acompanhe e aprofunde ambos os fenômenos, vislumbrando no ciberespaço um recurso para a vivência da democracia e do respeito à crença alheia, que supere a negação e supressão do diferente, características típicas dos fundamentalistas religiosos de vertente *closed-mind*.

Referências

- Amante, L. (2014). Facebook e novas sociabilidades - contributos da investigação. In C. Porto & E. O. dos Santos (Orgs.), *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* (p. 27–56). Campina Grande, PB: EDUEPB. <https://doi.org/10.7476/9788578792831>
- Arendt, H. (2010). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Armstrong, K. (2017). *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. (H. Feist, Trad.). São Paulo: Companhia de bolso.
- Barifouse, R. (2016, junho). “As mídias sociais estão deixando as pessoas tristes e ansiosas. Queremos mudar isso.”, diz Orkut sobre sua nova rede. *BBC News Brasil*.
- Bauman, Z. (2008). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.) (2º ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Carletti, R. S. (2016). Religião e internet: como pensarmos a “religião” hoje? *Revista Último Andar*, 1(29), 19–31.
- Carranza, B. (2009). O Brasil, fundamentalista? *Revista Encontros Teológicos*, 52(1), 147–166.
- Castells, M. (2005). A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In M. Castells & G. Cardoso (Orgs.), *A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Ação Política. Conferência promovida pelo Presidente da República*. (p. 17–30). Belém, PTR: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Dias, C., & Couto, O. F. do. (2011). As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem em (Dis)curso*, 11(3), 631–648. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322011000300009>
- Gibson, W. (2008). *Neuromancer*. (F. Fernandes, Trad.) (4th ed). São Paulo, SP: Aleph.
- Levy, P. (2010). *Cibercultura*. São Paulo (SP): Ed. 34.
- Lévy, P., & Neves, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34.

- Libório, L. A., & Guimarães, V. R. (2015). Influências psicossociais e religiosas do fundamentalismo bíblico na saúde integral dos adeptos de uma Igreja. *PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, 6(12), 217–236. <https://doi.org/10.25247/paralellus.2015.v6n12.pp.217-236>
- Lima, J. A. (2011). Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno. *Revista Crônos UFRN*, 12(1), 90–104.
- Meneses, M. P. R., & Sarriera, J. C. (2005). Redes sociais na investigação psicossocial. *Aletheia*, 1(21), 53–67.
- Moromizato, M. S. & Ferreira, D. B. B. & Souza, L. S. M. & Leite, R. F. & Macedo, Nunes, F. & Pimentel, D. (2017). *O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índices de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina*. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 41 (4), 497-504, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4RB20160118>
- Neves, R. X. (2016). O Fundamentalismo Religioso: O uso da informação e a contra informação numa sociedade que vive em redes de comunicação. *Revista Lumen*, 1(2), 59–74.
- Pontifícia comissão bíblica. (1993). A interpretação da Bíblia na Igreja. Santa Sé. Recuperado de <http://w2.vatican.va/content/vatican/it.html>
- Powel, J. (2010). *33 milhões de pessoas na sua rede de contatos*. (L. Abramowicz, Trad.). São Paulo, SP: GENTE. Recuperado de <https://books.google.com.br/books?id=0Zt-CXcM90oC>
- Rebs, R. (2015). *Os haters e o discurso de ódio: Construindo Sentidos e Identidade nos Sites de Redes Sociais*. Recuperado de <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0695-1.pdf>
- Recuero, R. (2008). Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. *Revista Verso e Reverso*, 3(51). <https://doi.org/10.4013/ver.20083.01>
- Recuero, R. (2009). Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *Revista FAMECOS*, 16(38), 118–128.
- Recuero, R. (2012). As redes sociais na Internet e a Conversação em Rede. *CISECO*, 1, 1–4.

- Recuero, R. (2014). Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Revista Verso e Reverso: revista da comunicação*, 28(68), 114–124.
- Rojo, Roxane; Barbosa, Jaqueline P. (2015) *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. Série Estratégias de ensino. São Paulo: Pará-bola editorial.
- Rosa, G. A. M. e, Santos, B. R. dos, & Faleiros, V. de P. (2016). Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. *Psicologia USP*, 27(2), 263–272. <https://doi.org/10.1590/0103-656420130026>
- Santos, E. O. dos, & Porto, C. (2014). *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar*. S.L: SciELO Books - EDUEPB.
- Silveira, E. J. S. da. (2014). Tradicionalismo católico no ciberespaço: juventude, política e espiritualidade. *Revista Ciências da Religião, História e Sociedade*, 12(2), 20–42.
- Silveira, E. J. S. da, & Avellar, V. L. (2014). Questões metodológicas da pesquisa sobre religião na internet. In Silveira, E. J. S. da, & Avellar, V. L. (Orgs.). *Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivências em Ciências da Religião* (p. 15-48). São Paulo (SP): Loyola.

**FUNDAMENTALISMO CRISTÃO E ISLÂMICO NO FACEBOOK:
ANÁLISE DE ALGUMAS POSTAGENS**

Fundamentalismo Cristão e Islâmico no Facebook: Análise de Algumas Postagens

Introdução

Na rede social Facebook verificam-se postagens das mais diversas origens e conteúdos em torno de muitos temas, inclusive de temas religiosos. As postagens religiosas podem variar, e vão desde expressões mais inefáveis até as mais agressivas, chegando ao extremo da incitação à violência. Essas postagens despertaram o interesse pelo tema do fundamentalismo religioso e a forma como ele reverbera nas redes sociais e, provavelmente, na vida das pessoas.

Nesse sentido, é possível que as redes sociais tenham se tornado “arenas digitais”, nas quais se avolumam discussões apreciativas, depreciativas, pejorativas e indignativas, que podem implicar no estado de bem-estar psíquico dos usuários. Esses mesmos usuários, por sua vez, na medida em que interagem digitalmente, tornam-se produtores e difusores de formação e informação acerca de qualquer tema. Portanto, não são somente espectadores, mas atores (agentes) em relação a outros usuários e a grupos conectados em rede e que apresentam seus diferentes pontos de vista.

Não obstante, o fato de que cada usuário, pela mediação de um perfil, possa apropriar-se da rede social como um indivíduo na perspectiva das interações, impressões e reações, é possível afirmar que no ciberespaço tem muito daquilo que se poderia chamar de “espaço público como espaço de alteridades”. Nesse “lugar”, cada um é outro em relação a cada outro, de modo que o discurso fundamentalista religioso pode impactar e produzir impressões de alteridade. (Arendt, 2010)

Segundo Lima (2011), entre os vários tipos de fundamentalismos, existem os mais abertos a interferências externas que comportariam mudanças de seus pontos de vista, chamados de *open-mind*, e os mais fechados, chamados de *closed-mind*, que não acatariam outras fontes para o seu saber que não seja o texto sagrado (no caso dos cristãos, a Bíblia e, no caso dos muçulmanos, o Alcorão), ou ainda algum outro discurso autoritativo erigido como fundamento.

O presente artigo se utilizará, portanto, do estudo de caso para abordar a segunda vertente, a *closed-mind*, por entender que o fundamentalismo religioso cristão e o islâmico podem desencadear a intolerância com a diferença, chegando a promover sua negação e supressão. Isso alcança um alto nível de idealização, levando o sujeito crer-se imune a qualquer interrogação e dispensado da convivência com outros, constituindo praticamente uma militância altamente ideológica, tanto em nível pessoal como grupal.

Assim, o objetivo desse artigo é colocar em análise postagens e comentários de *fanpages* do Facebook, que possam ser tipificadas de cunho de fundamentalismo religioso, entrevendo as possíveis implicações no bem-estar psíquico dos usuários, na medida que interagem com esses conteúdos e recursos disponíveis na rede. Para tanto, foram escolhidas duas *fanpages*, *Padre Paulo Ricardo*²⁰, de orientação cristã e a *Lei Islâmica em Ação*²¹, de orientação Islâmica, percorrendo assim, o itinerário que alguns fundamentalistas religiosos têm percorrido, “dos templos às redes sociais”.

Método

Para discutir o fundamentalismo religioso no Facebook, dentre as várias metodologias que são possíveis de serem encontradas na literatura, seguiremos os procedimentos metodológicos descritos por Silveira e Avellar (2014). A estratégia de construção e tratamento dos dados se fará em dois momentos: no primeiro apresentaremos os ferramentais de acesso ao conteúdo na *Internet* e, no segundo, a análise de conteúdo para discutir as postagens e comentários oriundos das respectivas postagens.

Entre os vários ferramentais de acesso ao conteúdo das postagens do Facebook, elencaremos somente os que serão utilizados no presente estudo: (a) seleção dos atores (indivíduos, grupos ou instituições); (b) seleção dos tipos de conexões que podem ser formais

²⁰Cf.: <<<https://pt-br.facebook.com/padrepaulo/>>>

²¹Cf.: <<<https://www.facebook.com/pg/LeiIslamicaEmAcao/>>>

(hierárquicos) ou informais (amizade ou inimizade); (c) coleta de dados; (d) elaboração de gráficos e matrizes nos quais as informações coletadas serão cruzadas e codificadas; (e) tipologização de dados: (e.a) dados de estrutura, que diz respeito a quantidade de conexão de um “nó” produzido e recebido; (e.b) dados dinâmicos, isto é, a expansão da própria postagem que pode gerar cooperação, adaptação, conflitos, entre outros. (Silveira & Avellar, 2014, pp. 35–36).

Para a análise de conteúdo dos comentários seguiremos os seguintes passos:

- a. registro adequado do conteúdo; b. elaboração de categorias para distribuir o conteúdo;
 - c. correlação dessas categorias no contexto da pesquisa e elaboração de critérios de análise a partir da literatura acadêmica sobre o tema; d. aplicação dos critérios e desdobramentos da análise; e. realização da análise e apresentação dos resultados.
- (Silveira & Avellar, 2014, pp. 39–40)

A complexidade do fenômeno das redes sociais e a forma como os usuários constroem sua implicação no ciberespaço, fazem com que a tradicional separação entre sujeito e objeto seja substituída por uma compreensão diferenciada, onde estes dois polos se interposicionam, entreposicionam e se interpolam, criando uma unidade diádica de sujeito-objeto (Silveira & Avellar, 2014).

Diante da complexidade e até mesmo dificuldade de quantificar e mensurar o alcance do fenômeno do fundamentalismo religioso de vertente *closed-mind* na vida das pessoas, optamos por um estudo de caso a partir de duas *fanpages* do Facebook, uma cristã e outra islâmica.

A escolha da fanpage de orientação cristã, de nome *Padre Paulo Ricardo* se deu em virtude do fato de que o Brasil é considerado um país majoritariamente cristão. Vale considerar que, até 1517 o cristianismo era a religião homogênea da Cristandade Medieval. No entanto, com a Reforma Protestante daquele ano, houve um desdobramento que desencadeou o

nascimento do Protestantismo e a instituição da Igreja Católica Apostólica Romana, concomitantemente. O Protestantismo, por sua vez, abriu um amplo leque de novas e variadas denominações cristãs, o que desafia qualquer tentativa de quantificação.

Nesse amplo leque que se abriu, temos os evangélicos, os pentecostais, os neopentecostais, além daqueles que não se enquadram em nenhuma dessas denominações. Muito embora se tenha configurado essa heterogeneidade, é possível assinalar certo ordenamento centrado na Bíblia, na doutrina e na autoridade do líder religioso. Assim, esse ordenamento pode ser o ponto em comum para as diversas denominações cristãs, incluindo o catolicismo.

Por isso, a escolha pela *fanpage* de um clérigo católico deveu-se ao fato de que o seu discurso é tipicamente fundamentalista, isto é, centrado na Bíblia, na doutrina e na autoridade, características fundantes do cristianismo da Reforma e da Contra Reforma.²² Como não sabemos a legítima procedência religiosa dos usuários *fanpage* *Padre Paulo Ricardo*, podemos supor que aquelas reações às postagens podem ser tanto de católicos como de não-católicos ou de pessoas sem proveniência religiosa. A página conta com mais de um milhão de seguidores e, além disso, o sacerdote tem um programa semanalmente transmitido pela emissora de TV Canção Nova²³. Por meio desses canais de comunicação, o sacerdote promove discursos que seguem uma linha de pensamento fundamentalista e, por isso é considerado um padre radical por muitos seguidores, conforme veremos adiante.

Na esfera do islamismo, foi escolhida a *fanpage* brasileira *Lei Islâmica em Ação* pelo fato de, muito embora, se trate de uma religião de predominância no oriente médio, norte da

²² A Reforma Protestante foi liderada por Martinho Lutero, que publicou suas 95 teses em 31 de outubro de 1517, protestando em frente à igreja do Castelo de Wittenberg, contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica Romana. A Contra-Reforma foi a resposta da Igreja Católica frente às críticas da Reforma Protestante.

²³ Emissora de televisão católica, com sede em Cachoeira Paulista - SP, fundada pelo sacerdote religioso salesiano Mons. Jonas Abib em 1978. O canal possui grande alcance de telespectadores no Brasil, na América Latina e em alguns países europeus.

África e Ásia-pacífico, nos últimos anos tem avançado para o ocidente e, razoavelmente, no Brasil. A página foi idealizada pelo moderador José Atento, que afirma na referida *fanpage* possuir uma bagagem de trinta anos de contato direto com o mundo islâmico, por meio de estudo das fontes primárias de textos escritos por muçulmanos e para muçulmanos. Também é relevante promover a pesquisa do fundamentalismo religioso islâmico a partir do Centro-oeste do Brasil, já que na região fronteiriça, a zona de livre comércio no Paraguai atrai imigração do mundo árabe que, na sua maioria, são islâmicos.

Como estratégia de organização dos dados para posterior análise, utilizaremos as categorias *indignação* e *invalidação* com via para identificar as postagens mais próximas àquilo que se designa como fundamentalismo religioso-xenofobista e religioso-político. Em algumas postagens parece que o usuário fica tão incomodado no seu bem-estar psíquico que o conduz ao que chamamos de indignação. Sob esse impulso, o usuário não apenas visualiza, mas reage à postagem, desencadeando um processo de invalidação total ou parcial, sendo demasiadamente agressivo. Essa reação é compreendida como negação e até mesmo tentativa de supressão do “outro”.

De antemão assinalamos que o fundamentalismo religioso não se esgota nessa tipificação, mas trata-se aqui de uma tentativa de reuni-los em torno de matizes em que a produção acadêmica mais tem se debruçado nos últimos anos e, possivelmente, os mais emergentes no cristianismo e no islamismo. (Armstrong, 2017, p. 63; Berger, 2017, p. 14). Por se tratar de uma rede social, e as *fanpages* são páginas abertas, isto é, de domínio público, a presente pesquisa não precisou ser submetida a comitê de ética. Todas as postagens foram recolhidas diariamente, entre os dias 1º e 31 de janeiro de 2018. Para tanto, utilizamos como recurso aplicativo a Ferramenta de Captura do Windows, para recortar somente as postagens e, em seguida, salvá-las numa pasta com o respectivo nome da *fanpage* e, dentro desta, organizados por data e horário de captura.

Análise e Discussão

Iniciaremos a análise e discussão do Fundamentalismo religioso-xenofobista, com uma postagem e seus respectivos comentários da *fanpage Padre Paulo Ricardo*. Entendemos por categoria religioso-xenofobista aquela postura que vê no outro ou no diferente, uma ameaça à crença creditada. Essa categoria pode ser encontrada tanto no interior dos próprios grupos fundamentalistas, *ad intra*, como para fora dos seus grupos – *ad extra*.

O primeiro caso, *ad intra*, acontece quando alguns correligionários fundamentalistas de uma mesma religião discordam entre si de algum ou de alguns aspectos, ou limitam a experiência religiosa ao aspecto puramente racional, desconsiderando a mitologia e a religiosidade da experiência religiosa. Na década de 1980, por exemplo, quando os grupos pentecostais operavam numa perspectiva mais dada ao *mythos* e às emoções, foram acusados pelos fundamentalistas de “... superstição e fanatismo, chegando mesmo a definir o movimento como o ‘último vômito de Satã’” (Armstrong, 2017, p. 251).

No caso *ad extra*, é possível explicitá-lo a partir do exemplo da cultura WASP²⁴, em que os Estados Unidos da América se compreendem como “o povo escolhido por Deus”. Os demais povos seriam os “diferentes”, que deveriam acatar os ideais americanos para serem admitidos entre os “escolhidos de Deus”. Nota-se que, em ambos os casos, o outro se torna não somente o “diferente”, o estrangeiro, o estranho, mas alguém ou algo que, de alguma maneira, constitui uma ameaça. Por causa disso, o diferente pode ser denominado até mesmo de demônio, e que deve ser combatido e extirpado. Compreendemos isso como invalidação.

Durante o mês da nossa pesquisa, averiguamos que a *fanpage Padre Paulo Ricardo* reuniu as seguintes reações: 370.102 curtidas, 8.621 compartilhamentos e 10.468 comentários,

²⁴WASP é uma sigla em inglês: White, Anglo-Saxon and Protestant, que significa Branco, Anglo-Saxão e Protestante. Surgiu no início do século XX tendo por base o combate a raça, nacionalidade (ou regionalidade) e religião alheia, com objetivo de preservar os valores tradicionais por meio de uma religiosidade inflexível. (Whiterup, 2004) Vale recordar que até hoje, negros, mulçumanos, judeus e hispânicos ainda sofrem algum tipo de preconceito.

conforme podemos visualizar no Gráfico 1. A partir da terceira vez que uma palavra se repetia nos comentários de uma mesma postagem passamos a elencá-la como palavra recorrente. Com isso, é possível verificar as palavras mais frequentes na *fanpage* do sacerdote, conforme apresentado no Gráfico 2.

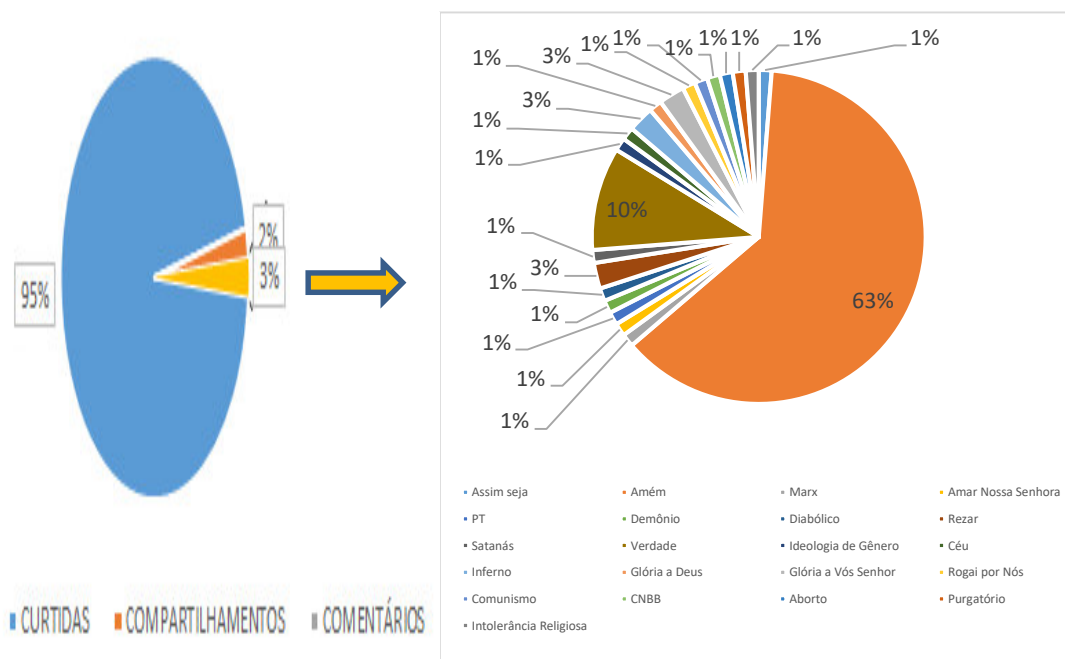


Gráfico 1.

Reações da *fanpage* Padre Paulo Ricardo no Facebook, no período de 1º a 31 de janeiro de 2018.

Gráfico 2.

Palavras recorrentes nos comentários da *fanpage* Padre Paulo Ricardo no Facebook, no período de 1º a 31 de janeiro de 2018.

Notamos que a *fanpage* em análise promoveu em um único mês 389.191 reações, ou seja, quase 400 mil pessoas se manifestaram reativamente ao seu conteúdo, algumas vezes essas manifestações se encontravam carregadas de juízos de invalidação. Esses dados são corroborados por Neves ao afirmar que: “são muitas as variáveis que apontam essa guinada do fundamentalismo religioso no mundo que se tornou global pelos caminhos da tecnologia, da informação e da comunicação ... atingindo a estabilidade social das nações.” (2016, p. 60).

No *Gráfico 2*, encontramos palavras como diabólico, inferno, purgatório, intolerância religiosa, demônio, satanás, que de alguma maneira podem incidir o processo de demonização do outro, categoria típica do fundamentalismo religioso-xenofobista. Assim, selecionamos para

análise e discussão uma postagem do dia 1º de janeiro de 2018, às 16h30 (Imagem 1). Até o momento da sua captura, a postagem havia alcançado 1.900 curtidas, 441 compartilhamentos e 71 comentários.

Num primeiro momento, a imagem apresenta de maneira centralizada a figura de uma pessoa, aparentemente uma mulher seminua a julgar pela tarja de censura, vestindo uma peça de roupa vermelha e trazendo batom vermelho nos lábios. A pessoa se encontra ajoelhada ou agachada entre outras duas pessoas que, a julgar pela vestimenta, parecem ser seguranças. No fundo da imagem é possível ver mais pessoas, provavelmente transeuntes, observadores da cena. É possível ainda visualizar parte de um edifício que lembra os arcos de uma igreja.

A foto foi postada acompanhada com o *link* que direciona para o texto intitulado “Se existe um Anticristo, haveria também uma Antimaria?”. Na legenda da postagem encontra-se ainda a seguinte reflexão: “Se existe um Anticristo, como dizem as Escrituras, talvez exista também um complemento feminino para ele: UMA ESPÉCIE DE ‘ANTIMARIA’. Mas, como ela seria?”

Imagem 1. Postagem capturada da *fanpage* Padre Paulo Ricardo no Facebook, no dia 1º de janeiro 2018.

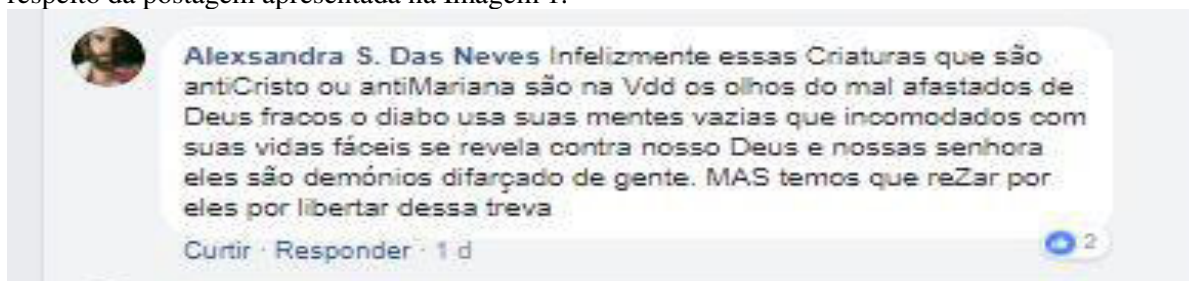


A cena expressa na forma de foto, congela apenas um instante de um conjunto mais amplo e mais rico da livre manifestação de pessoas em sociedade, pelas razões que as motivaram. Ao vincular o texto com a foto, o autor da postagem a associa a outra questão de ordem religiosa, que aparece pelo uso da categoria teológica “Anticristo” que, em resumidas palavras, é o demônio, máxima expressão do inimigo a combater. Mas, não para por aí. Em seguida, propõe-se a metáfora da “antimaria”, que recorda a Virgem Maria²⁵, fazendo uma alusão à figura central da postagem, o que parece transferir, desta forma, todo o mal demoníaco para a cena retratada. Essa postagem também fala de um complemento feminino para o anticristo, algo assim com uma “demônia”, o que pode assinalar uma indignada invalidação de toda militância em torno das questões femininas, de gênero, de sexo, etc.

Essa mesma postagem permitiu comentários, dentre os quais selecionamos alguns para análise. Na legenda, o autor da postagem dá a entender que se existisse uma “Anti-Maria”, esta teria a representação da mulher utilizada na imagem selecionada para ilustrar o seu texto por meio da pergunta: “Mas como ela seria?”

Assim, no primeiro comentário que selecionamos, o usuário, que chamaremos de Usuária 1²⁶, inicia sua fala afirmando que a mulher em questão é o Anticristo (ou Antimaria) respondendo de imediato à pergunta da postagem:

Imagem 2. Comentário de Usuária 1 na *fanpage* “Padre Paulo Ricardo” no Facebook a respeito da postagem apresentada na Imagem 1.



²⁵ Segundo o Catecismo da Igreja Católica, nº 496, a virgem Maria, também chamada de “Nossa Senhora” concebeu Jesus Cristo por obra do Espírito Santo, sem sêmen.

²⁶ Deste ponto em diante, todos os usuários serão identificados por números.

Infelizmente essas Criaturas que são antiCristo ou antiMariana são na Vdd os olhos do mal afastados de Deus fracos o diabo usa suas mentes vazias que incomodados com suas vidas fáceis se revela contra o nosso Deus e nossas senhora eles são demônios disfarçado de gente. MAS temos que rezar por eles por libertar dessa treva. (sic)

A Usuária 1, ao reagir à postagem, faz uso da expressão “criatura”, talvez uma referência à pessoa que aparece na foto e também se referindo a todas as pessoas desse mesmo tipo. Ora, que tipo de conotação tem a expressão “criatura” nesse contexto? Talvez remeta a uma classificação de tudo que existe pelo respectivo nível de dignidade, deixando transparecer que uma “criatura” se encontra ainda em um estado “in-natura”, embrutecido e rústico, muito próximo à animalidade e guardando uma distância daqueles com uma suposta maior evolução espiritual.

Quando a mesma usuária adjetiva a postura da mulher na imagem como “vida fácil”, excentricamente expressa na fala e com uma referência explícita ao ideal feminino de Maria como Mãe de Jesus, imaculada, virgem e santa, termina produzindo um juízo de depreciado valor em relação à forma como as mulheres vivem, percebem e decidem suas vidas. O ideal é usado para julgar, condenar, recriminar e discriminar outros modos de vida. A isso a produção acadêmica tem chamado de *closed-mind* (Lima, 2011), por se tratar de um discurso fechado e de invalidação do diferente.

Percebemos ainda que as afirmações da Usuária 1, tais como “olhos do mal”, “afastados de Deus”, “libertar dessa treva”, além dos próprios termos “diabo” e “demônios”, vão ao encontro da tipificação de fundamentalismo religioso-xenofobista. O outro se torna não somente o “diferente ou estrangeiro”, mas alguém que, de alguma maneira, constitui uma ameaça, produzindo o processo de demonização, pelo qual o mal deve ser combatido ou até mesmo extirpado. (Bonome, 2009)

Além disso, é preciso destacar que a usuária 1 reagiu à postagem com um comentário, ferramenta do Facebook, que segundo Recuero (2014), denota tomada de partido, cumplicidade e indignação diante do que viu e leu. Quem comenta não somente “assina”, mas se torna gerador de novos discursos. Talvez, ciente disso, mesmo rejeitando o outro, a referida usuária se preocupa com sua “assinatura” e ameniza sua indignação e invalidação nas últimas linhas, afirmando a necessidade de “rezar por eles”, uma maneira de entregar para Deus ou uma espécie de remissão diante do que foi expresso. Estranha polarização que passa de uma indignação feroz à uma indiferença glacial.

Por conseguinte, vale recordar que além desse comentário há outros 70, entre os quais é possível identificar variados exemplos de fundamentalismos de matiz religioso-xenofobista. Conforme se nota abaixo, encontramos discursos diferentes e com projeções distintas:

Imagem 3. Comentário da Usuária 2.



Neste comentário da Imagem 3 a Usuária 2, utiliza a expressão “arder eternamente no fogo do inferno”, o que possivelmente indica a necessidade de um “purgar”. Dita uma sentença de condenação com duas faces bem definidas, por um lado o castigo e por outro a privação. O castigo se metaforiza com a expressão “ranger de dentes”, aflição do corpo e do psiquismo, uma experiência que talvez se localize no limite da desestruturação completa da pessoa, algo assim como um estado de decomposição. Por outro lado, está a privação da misericórdia, isto é, a privação do acolhimento e do cuidado na diferença.

Notamos que a locução verbal “vai ser”, e depois os verbos “arder”, “chorar” e “ranger”, denotam indícios de uma carga autoritária e até mesmo inquisitorial, incitando à agressividade e à teologia do medo, ou seja, a ideia de um Deus castigador. Nesse sentido, Renold Blank alerta que o fundamentalismo pode conduzir a uma era “... de novas fogueiras, de novas

inquisições e de uma intolerância agressiva contra todos e tudo que não participa da mesma opinião.” (1994, p. 13).

Na rolagem dos comentários da Imagem 1, encontramos usuários não apenas “demonizando” o outro, mas também “dando nome” ao demônio, conforme se nota na Imagem 4:

Imagem 4. Comentário da Usuária 3.



No comentário da Usuária 3, o “anticristo” não corresponde mais à cena da Imagem 1, mas é projetada na figura de alguém em específico: “O anticristo tem nome e endereço: Bergoglio e vive no Vaticano” (sic.). Como sabemos, Mário Bergoglio é um líder religioso com perfil pastoral e nome próprio, o Papa Francisco, atual e máximo líder do catolicismo, com seu estilo e postura que transita do eixo ortodoxo ao eixo ortoprático.²⁷ Então, possivelmente a Usuária 3 é alguém não católica ou uma pessoa católica insatisfeita com o modelo próprio de governo do Papa Francisco.

Caso a Usuária 3, seja uma pessoa católica, esse tipo de fundamentalismo, seria um típico *ad intra*, isto é, quando duas ou mais vertentes não conseguem dialogar no interior de uma mesma religião. De qualquer modo, o comentário é típico do fundamentalismo religioso-xenofobista por incitar a negação e a supressão do diferente, ou seja, a indignação levaria à invalidação de outras maneiras de conceber a mesma fé e doutrina.

Na sequência, abordamos outro comentário (Imagem 4) a partir da mesma postagem. Na mesma direção, o Usuário 4 afirma: “Anti cristo ja esta entre nos é o pastor Valdomiro” (sic.).

²⁷ Desde sua eleição até setembro de 2015, mais de três mil imagens e textos a ele relacionados podem ser agrupados nas seguintes categorias: “questões doutrinárias e morais (3%); questões sociais (40%); paz mundial entre governos e povos (25%); mulheres (7%); imigrantes e pobres (20%); meio-ambiente (5%)...” (Silveira, 2015, p. 9).

Imagem 5. Comentário do Usuário 4.



Segundo o site Gospel Prime²⁸, o Pastor Valdomiro, natural de Cisneiros - MG, estudou somente até o quinto ano do ensino fundamental e não possui curso de teologia nem oratória. Aos 16 anos, converteu-se ao evangelicalismo neopentecostal e, no final da década de 1990, fundou a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD). Possui vários livros publicados e, a partir de 2008, ganhou notoriedade pela imprensa televisiva após firmar parceria com o Grupo Bandeirantes e outros canais de rádios e TV.

O que levou o Usuário 4 chamar o Pastor Valdomiro de AntiCristo? Rivalidade? Seria ela uma pessoa católica? Diante da busca por possíveis respostas, o autor Borges (2009) observa que na história das religiões, existe uma luta permanente no sentido de saber qual delas tem o Deus mais poderoso e mais verdadeiro. Além disso, tanto a Usuária 3 quanto o Usuário 4 revelam um alto nível de indignação e invalidação do diferente, a tal ponto que “... o Deus de um se torna o demônio do outro.” (Armstrong, 2017, p. 251)

Disso decorre outro agravante, pois o diálogo e o respeito ao próximo são realidades tão caras não somente ao cristianismo, mas necessárias para a sociedade atual. Então, entre a indignação e a invalidação do outro, não seria possível encontrar um “respiro” para descortinar nichos de diálogo e respeito, antes de demonizar e/ou suprimir o diferente? Isso pode ter sido percebido até mesmo por outros usuários que também comentaram a mesma postagem (Imagem 1) do Padre Paulo Ricardo. Vale observar a Imagem 6:

Imagem 6. Comentário da Usuária 5.



²⁸Cf. Gospel Prime em <<<https://www.gospelprime.com.br/>>> Acesso em 04 jun. 2018 às 12h35.

Diferente dos comentários anteriores, a Usuária 5 parece manifestar sua indignação com a Imagem 1, a tal ponto de dizer que foi um erro o autor da postagem tornar aquilo público: “Nossa quem postou isso nesta página errou: não devemos ver isso, é nojento. Vcs não precisam fazer isso” (sic). Quando a referida usuária acena que não deveria ser postado naquela página ou “Vcs não precisam fazer isso”, é provável que ela esperasse outro tipo de reflexão e/ou conteúdos advindo daquela *fanpage* e de seu moderador, ou talvez seja expressão de uma indiferença de fundo, no sentido de que o moderador devia se poupar de ver e divulgar tais coisas, incomodadas desde a altura e pureza de sua fé.

Tendo como base os estudos de Silveira e Avellar (2014), notamos que a Usuária 5 estabelece tanto uma conexão formal (hierárquica), ou seja, questiona o autor da *fanpage*, que por sua vez representa a Igreja Católica, como também estabelece conexões informais, que podem promover amizade ou inimizade com os demais usuários que estão interagindo com a postagem da Imagem 1. Sem perder isso de visto, vale a reflexão: quando a mesma usuária chama a postagem de “nojento”, estaria ela indignada com a possível incitação à agressividade que o conteúdo da postagem parece sugerir?

No dicionário da Língua Portuguesa, a palavra “nojento” provém de “nojo” que significa repulsão do estômago, repugnância, náusea, além de outros sentidos, como tédio, aborrecimento e até mesmo luto²⁹. Talvez, por isso a Usuária 5, afirma a invalidação da postagem: “não devemos ver isso”. Essa mesma afirmação pode revelar alto nível de emancipação da referida usuária, ou ainda, um grau tão recrudescido de invalidação, que tal evento não merece a crítica de pessoas indignadas.

Nos comentários selecionados e analisados, percebemos uma eleição de categorias de fechamento, intolerância e até mesmo de incitação à violência. Isso porque os usuários não

²⁹ Cf. Verbetes *Nojento* em Holanda Ferreira, A. B. de (2018) em *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba, PR: Positivo. Recuperado de <https://dicionariodoaurelio.com/nojento>

somente “curtiram” a postagem, mas reagiram com seus comentários carregados de juízos e afirmações, sem ao menos perguntar ou manifestar interesse pelos motivos que constituíram aquela postagem. Tais reações demonstram também o quanto é vigorosa a atuação do fundamentalismo religioso-xenofobista na atualidade, onde facilmente o outro, pode receber comparativos irônicos e até mesmo o predicação demoníaco.

Antes de concluir o estudo de caso sobre o fundamentalismo cristão, talvez aqui uma pergunta possa parecer relevante: se parte do objetivo do presente artigo é discorrer sobre as implicações do fundamentalismo cristão no Facebook, por que analisar somente uma página de padre católico? De fato, buscamos e encontramos a *fanpage* “Eu escolhi esperar”³⁰, moderada pelo Pastor Nelson Neto Junior. A página conta com mais de 3 milhões de seguidores, sendo a maioria adultos jovens entre 18 e 30 anos, brasileiros, com formação de nível superior, mesclando evangélicos e outras denominações cristãs.

A página não apresenta postagens carregadas de discurso fundamentalista, tampouco os comentários dos seguidores sinalizam teor polarizado. Na verdade, os discursos do moderador e dos usuários têm um tom ameno e quase fraternal, conforme o gráfico abaixo que apresenta as palavras recorrentes por nós identificadas nos comentários de seguidores da referida *fanpage*:

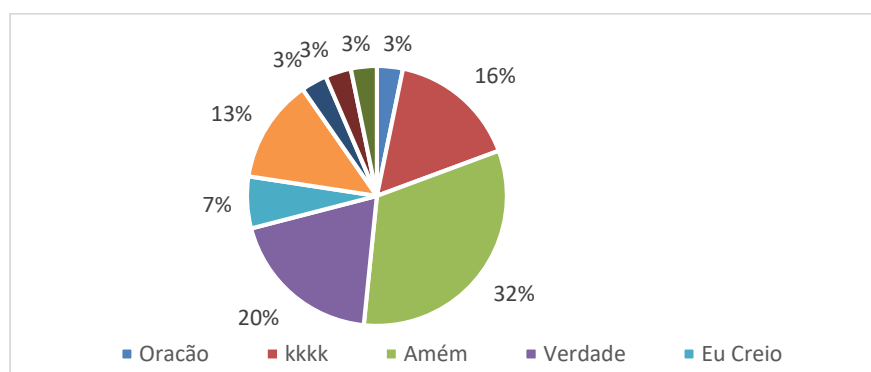


Gráfico 3.

Palavras recorrentes nos comentários da *fanpage* *Eu decidi esperar* no Facebook no período de 1º a 31 de janeiro de 2018.

³⁰ https://www.facebook.com/pg/euescolhiesperar/about/?ref=page_internal

Considerando que o fundamentalismo religioso é uma criação protestante que remete ao século XIX, surge uma intrigante questão: em que espaço virtual os protestantes expressam suas posições fundamentalistas? Estarão eles navegando em outras *fanpages*, como as páginas católicas, por exemplo, e ali apresentam suas reações?

Outra vertente do fundamentalismo se desprende do Islamismo, pelo que, na continuidade trataremos de analisar a partir de uma postagem, com alguns de seus respectivos comentários da *fanpage Lei Islâmica em Ação*. Algo recorrente entre os fundamentalistas islâmicos é o fundamentalismo religioso-político, que recorre ao ordenamento jurídico-constitucional, como viés de uma possível reversão do Estado Laico e legitimação de discursos e práticas religiosas, afinal “... para um muçulmano devoto, a política é o que os cristãos chamariam de sacramento. Uma atividade que deve ser sacralizada para se tornar um canal do divino”. (Armstrong, 2017, p. 63).

Segundo Bonome (2009), os fundamentalistas buscam justificativas religiosas para suas empreitadas. O autor cita como exemplo, o caso dos atentados ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Disso decorre que, estudar o fundamentalismo de matiz religioso-político se torna relevante, pois, é possível perceber sua tendência não somente religiosa, mas suas pretensões sócio-políticas.

Partindo dessa reflexão, e com o mesmo procedimento metodológico utilizado no tópico anterior, a *fanpage Lei Islâmica em Ação* alcançou ao longo do mês de janeiro de 2018 o número de 12.717 curtidas, 4.987 compartilhamentos e 1.365 comentários, podendo ser visualizado da seguinte maneira no *Gráfico 3*. As palavras mais recorrentes por parte dos seguidores desta página podem ser visualizadas no *gráfico 4*.

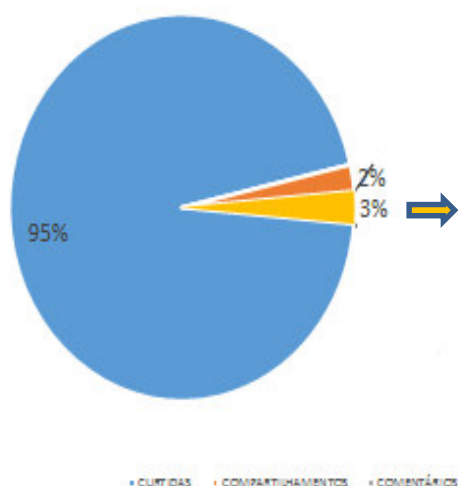


Gráfico 4.

Reações à fanpage *Lei Islâmica em Ação* no Facebook, no período de 1º a 31 de janeiro de 2018.

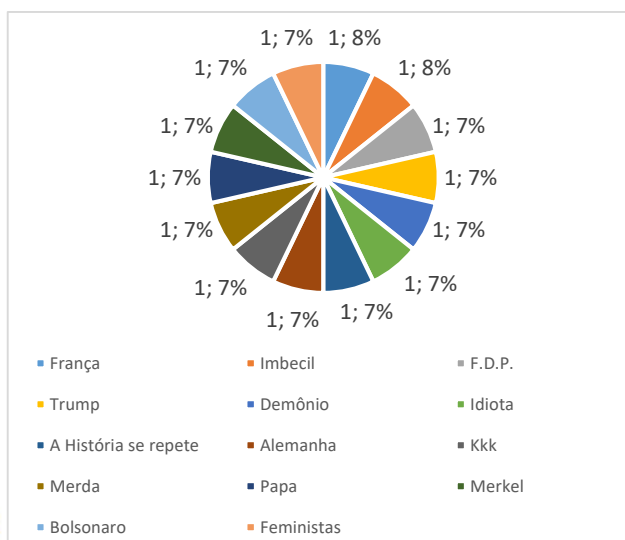


Gráfico 5.

Palavras recorrentes nos comentários publicados na fanpage *Lei Islâmica em Ação* no Facebook, no período de 1º a 31 de janeiro de 2018.

Notamos que a página *Lei Islâmica em ação* promoveu em um mês 19.069 reações. Esse quantitativo desperta uma pergunta: por que uma fanpage islâmica tem despertado tanto interesse no Brasil, a tal ponto dos usuários do Facebook curtirem, compartilharem ou comentarem suas postagens? Curiosamente as palavras recorrentes como França, Alemanha, Trump, Merkel, Papa, Bolsonaro e feministas, denotam, de alguma maneira, um viés de fundamentalismo religioso-político. Por que alguns grupos islâmicos assumem frequentes atentados à Europa? Tratar-se-ia de um revanchismo histórico?

Antes de adentrarmos à análise dos comentários, vale recordar que, segundo Aziz (1978), desde o ano 642 aconteceram várias incursões militares árabes e islâmicas à Europa. Mas foi em 750 que Abdul Rahman (731- 788), neto de um ex-califa, tomou Córdoba e assumiu o título de Emir (príncipe), declarando-se independente do califado central do Oriente. Em Córdoba, estabeleceu seu próprio califado e sua dinastia se manteve no governo da Espanha por 300 anos. Cristãos do norte da península acabaram reconhecendo e aceitando a superioridade do califado. O califado de Córdoba foi a primeira economia urbana e comercial que floresceu na Europa depois do desaparecimento do império romano. A Espanha permaneceu sob o governo de dinastias locais até a completa rendição aos reis católicos – isso no final do século XV.

Esses fatores nos possibilitam compreender o que encontramos na postagem do dia 1º de janeiro de 2018, às 16h (Imagem 7). Até o momento da sua captura, a postagem havia alcançado 208 curtidas, 77 compartilhamentos e 23 comentários.

Imagem 7. Postagem capturada a partir da fanpage Lei Islâmica em Ação no Facebook.



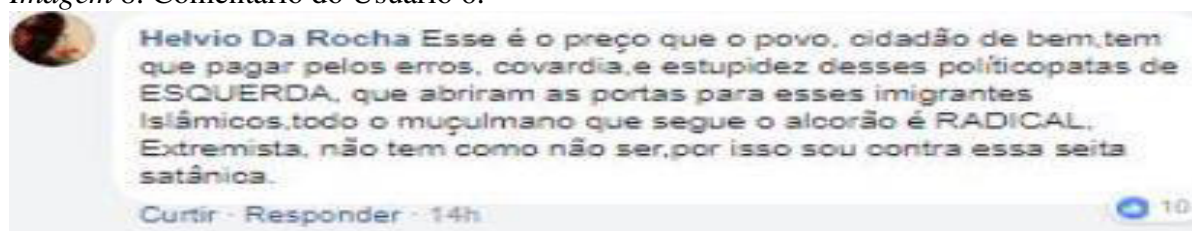
Conforme se nota, a imagem central da postagem apresenta no seu lado esquerdo uma viatura de polícia estacionada, a julgar pela sua identificação, além de dois policiais fotografados enquanto caminhavam. É possível ver a rua e a calçada vazias e com uma faixa de isolamento. Mais ao fundo, visualizamos uma área quadrada coberta por uma lona amarela e quase transparente, mas não é possível identificar o que há embaixo da lona. Acima da foto foi redigida a seguinte legenda:

Notícia de última hora: Quatro homens são esfaqueados até a morte na festa da Véspera de Ano Novo em Londres. Uma quinta vítima ainda está no hospital. É com pesar que damos essa notícia, pois o sentimento de esperança que preenche a cada um de nós nessa data, foi abruptamente trocado por tristeza e lamentos a essas famílias, pois os seus entes queridos morreram de uma forma tão grosseira. (sic)

Na verdade, a imagem acompanha um link que, por sua vez, direciona o leitor para a seguinte reportagem: BREAKING NEWS: Four men are stabbed to death in New Year's Eve horror The attacks happened in West Ham: Tulse Hill, Enfield and Old Street between 11am on December 31 and 2:30am on January 1.³¹

A postagem provocou 305 reações, dentre as quais selecionamos alguns comentários a partir das categorias de indignação e invalidação, numa tentativa de apontar a necessidade de aprofundar as implicações do fundamentalismo islâmico, na vida dos usuários do Facebook.

Imagem 8. Comentário do Usuário 6.



O usuário 6 estabelece a seguinte associação temática: “covardia e estupidez desses politicopatas de ESQUERDA” (sic). Se a compreensão de uma psicopatia passa pela perda e/ou criação de uma outra realidade, criando uma duplicidade em relação às condutas possíveis, então parece insinuar que existem políticos que operam de forma ambígua e distorcida em relação à realidade.

Neste sentido a politicopatia é uma postura de quem perdeu a realidade, construiu um mundo (Brasil) próprio e desde aí atua na realidade. A denominada tendência de Esquerda na política brasileira estaria então sendo tipificada desse modo: vive de suas fantasias e destrói o mundo real.

Nas últimas linhas do comentário do usuário 6, é possível perceber a indignação do usuário, “sou contra”, seguido imediatamente do processo de invalidação do diferente ao afirmar que o “outro” seria uma “seita satânica.” Aqui nos deparamos com o caráter aporético

³¹ BREAK NEWS: Quatro homens são esfaqueados até a morte no horror da véspera de Ano Novo. Os ataques aconteceram em West Ham: Tulse Hill, Enfield e Old Street entre as 11h do dia 31 de dezembro e 2h30 do dia 1º de janeiro.

do fundamentalismo religioso: a satanização de satã, isto é, o próprio satã lutando contra ele mesmo.

Neste caso, para quem valeria o predicado “RADICAL”? Para os muçumanos ou para o próprio usuário? O comentário do usuário 6 vai de encontro com os estudos de Silveira (2017), ao afirmar que, alguns fundamentalistas alcançam um alto nível de abstração que o tornam imunes a qualquer interrogação advinda das diversas realidades sociais, religiosas ou políticas. Nesse sentido, encontramos algo semelhante em outro comentário, conforme a Imagem 9:

Imagem 9. Comentário do Usuário 7.



O Usuário 7 parece incidir neste comentário um pedido de intervenção do Estado para que “os políticos corruptos” impeçam qualquer ação dos “refugihadistas muçumanos (sic)”. Sabemos que a palavra *Jihad* significa a “guerra santa” muçulmana com luta armada contra os infiéis e inimigos do Islã. Aqui o referido usuário não somente manifesta sua indignação, como invalida, sob ameaça de guerra civil, todos aqueles que não compartilham da sua opinião. Neste caso, quem de fato seriam os inimigos do Islã? Quem estaria incitando a violência?

As várias perguntas que emergem a partir do comentário na Imagem 9 podem revelar duas possibilidades: 1) o Usuário 7 desconhece o islamismo e, por isso, emite juízos precipitados e generalizados? 2) o referido usuário é alguém que conhece o islamismo e, por isso teme um revanchismo histórico e a instalação de novos califados na Europa ou até mesmo no Brasil?

Por conseguinte, e observando outros comentários a partir da mesma postagem, percebemos que quando os fundamentalistas religiosos se apropriam das redes sociais seus

discursos são amplificados e transferidos para outros contextos, ganhando novos contornos e significados, conforme verificamos abaixo:

Imagem 10. Comentário do Usuário 8.



No comentário do Usuário 8, o fato que ocorreu do outro lado do Atlântico, parece ganhar significado no Brasil. Nota-se que o texto foi redigido em caixa alta, que indica gritar, dizer aos berros, vociferar. Não fica claro se o usuário está incomodado com o conteúdo da postagem ou com os comentários de outros usuários. Aqui o usuário manifesta sua indignação frente ao futuro, bem como tenta invalidar quem nada fizer diante daquela postagem e/ou situação. Então, tratar-se-ia de uma preocupação com os fundamentalistas islâmicos ou com as tentativas de alguns usuários recorrerem ao Estado para a viabilização de leis que iriam de acordo com seus interesses?

Diante das várias perguntas elencadas nos comentários que tipifica o que chamamos de fundamentalismo religioso-político, facilmente se nota um combate entre o bem e o mal e, esse último, pode ser personificado “no outro”, numa pessoa que simplesmente pensa diferente ou nas novas vertentes de compreensão social: “... o mal assume diferentes máscaras: o pluralismo democrático, o secularismo, o comunismo, o ocidente capitalista, o Estado moderno eticamente neutro e por aí adiante”. (Pace & Stefani, 2000, p. 22). Com isso, é prudente pensar que seria muito arriscado esse tipo de fundamentalismo recorrer ao ordenamento jurídico para sancionar suas concepções religiosas.

Considerações finais

No decorrer do monitoramento das duas *fanpages*, foi possível perceber que, de fato, “... a religião voltou a ser uma forja que nenhum governo pode ignorar impunemente.” (Armstrong, 2017, p. 10). Na mesma direção, as redes sociais também vieram para ficar e, particularmente o Facebook, se destaca por suas fronteiras cada vez mais móveis e flexíveis

entre seus usuários, protagonistas e espectadores, tal que, ao construí-la, o usuário também é construído.

Disso decorre que, o fenômeno social do fundamentalismo religioso no Facebook alcança um “universal sem totalidade”, para aproveitar expressão de Avellar (2014, p. 60). Isso porque, as análises das postagens apontam que, no ciberespaço as religiões ou seus líderes religiosos perdem ou forçam a atuação de seus adeptos, aonde se encontra discursos que vai do mais suave ao mais polarizado com manifestação de indignação e de invalidação do diferente.

Para a nossa surpresa, foi possível averiguar nos comentários analisados que, independentemente de, se Deus e Alá existem ou não, os fundamentalismos cristão e islâmico têm demonstrado seu vigor e, no Facebook, têm alcançado dimensões universais. Por que expressões como “criaturas”, “olhos do mal”, “demônio”, “arder”, “fogo”, “ranger”, “merda”, “idiota” “nojento”, “nomes de parlamentares” foram mais recorrentes nos comentários? Se a religião está retornando, mesmo que seja numa perspectiva fundamentalista, onde ficaram as palavras amor e compaixão, tão caras ao cristianismo e ao islamismo?

Nessa esteira, merece destaque três questionamentos: 1) será que esses mesmos usuários do Facebook, fariam no interior de uma igreja ou mesquita, diante de seus líderes e demais fiéis, o mesmo que vociferaram nas postagens? 2) numa outra perspectiva, será que os fiéis estão falando no Facebook o que não teriam coragem de dizer diante de seus líderes religiosos? 3) será que os líderes religiosos estão perdendo o controle de suas respectivas religiões e, por isso, os fundamentalistas instrumentalizam a religião para demandas próprias e, em alguns casos, até mesmo contrárias a própria religião?

Como não foi possível analisar de forma pormenorizada a história do cristianismo e do islamismo, bem como o perfil dos usuários das respectivas *fanpages*, se abre a partir deste estudo a possibilidade de pesquisas que aprofundem os impactos psicossociais do fundamentalismo religioso no interior da própria religião e na vida dos usuários do Facebook.

Talvez , entre a crença e a militância; entre o relativismo e o fundamentalismo; entre a indignação e a invalidação; seja necessário redescobrir a necessidade da ética, do cuidado e do respeito para com o outro. Pois, no rolar do Facebook e o subjacente contato com as várias religiões, é possível que o usuário vá se tornando um “transreligioso”, que num diálogo respeitoso poderá ser fonte de enriquecimento e convivência com o diferente. No entanto, dependendo da sua postura, esse mesmo usuário poderá fomentar confrontos hostis, agressivos e de difícil mensuração. Isso porque, na interação com o Facebook, já não se admitem noções separadas da vida real da virtual, do “aqui” e do “lá”, mas se vive uma fusão, um *continuum* que coexistem simultaneamente.

Referências

- Arendt, H. (2010). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Armstrong, K. (2017). *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. (H. Feist, Trad.). São Paulo: Companhia de bolso.
- Aziz, P. (1978). *A civilização hispano-moura* (Vol. 2). Rio de Janeiro, RJ: Editions Ferni.
- Avellar, V. L. (2014). Cibercultura e religiosidade: interfaces. In Silveira, E. J. S. da, & Avellar, V. L. (Org.). *Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivências em Ciências da Religião* (p. 51-72). São Paulo (SP): Loyola.
- Berger, P. L. (2017). *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. (N. C. de M. Sobrinho, Trad.) (1º ed). Petrópolis, RJ: Edições Vozes.
- Blank, R. J. (1994). O Fundamentalismo questionado pelos Fundamentos Teológicos nos quais quer se fundamentar. *Vida Pastoral*, (179), 9–13.
- Bonome, J. R. (2009). *Fundamentalismo religioso e terrorismo político*. Goiânia, GO: Editora UCG.
- Borges, A. (2009). *Religião e diálogo inter-religioso*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0496-1>
- Holanda Ferreira, A. B. de. (2018). Nojento. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba, PR: Positivo. Recuperado de <https://dicionariodoaurelio.com/nojento>
- Lima, J. A. (2011). Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno. *Revista Crônos UFRN*, 12(1), 90–104.
- Neves, R. X. (2016). O Fundamentalismo Religioso: O uso da informação e a contra informação numa sociedade que vive em redes de comunicação. *Revista Lumen*, 1(2), 59–74.
- Pace, E., & Stefani, P. (2000). *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Brescia: Ed. Queriniana.

- Recuero, R. (2014). Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Rev. Verso e Reverso: revista da comunicação*, 28(68), 114–124.
- Silveira, E. J. S. da, & Avellar, V. L. (2014). Questões metodológicas da pesquisa sobre religião na internet. In Silveira, E. J. S. da, & Avellar, V. L. (Orgs.). *Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivências em Ciências da Religião* (p. 15-48). São Paulo (SP): Loyola.
- Silveira, E. J. S. da. (2015). Controvérsias católicas, repercussões públicas e o Papado de Francisco. *Anais do Congresso ANPTECRE*, 5(1), ST0905.
- Silveira, E. J. S. da. (2017). Hermenêutica trágica da intolerância religiosa: algumas notas teóricas. *Revista Labirinto*, 26(17), 141–162.
- Whiterup, D. D. (2004). *Fundamentalismo bíblico*. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo (SP): Ave-Maria.
-

Considerações Finais

Diante do fenômeno social do fundamentalismo religioso e das redes sociais numa abordagem interpolada, interposicionada e entreposicionada, seria muita pretensão apresentar algumas conclusões. Preferimos acenar de onde partimos o percurso que fizemos e onde estamos chegando com essa dissertação.

Diante do nosso objetivo geral de analisar os impactos das postagens de fundamentalismo religioso cristão e islâmico no Facebook, percebemos que no tocante ao primeiro objetivo específico, de levantar e discutir a compreensão de fundamentalismo religioso na sua relação de alteridade e diferenças na literatura, nos deparamos com uma complexidade, confusão e até mesmo dificuldade de tipificá-lo, no entanto, podemos situá-los, ao menos, a partir daqueles mais abertos a interferências externas, que seriam os chamados de *open-mind*, e os mais fechados, chamados de *closed-mind*, que não acatam outras fontes para o seu saber que não seja o texto sagrado ou algum discurso erigido como fundamento (LIMA, 2011, p. 98).

Averiguamos que a vertente *closed-mind* pode promover a intolerância com o diferente, além da negação e supressão, alcançando um alto nível de idealização que faz o sujeito crer-se imune a qualquer interrogação e dispensado da convivência com o diferente. Embora o termo seja aplicado a movimentos religiosos, na atualidade se constata muitos “fundamentalismos seculares - políticos, filosóficos, estéticos e mesmo culinários (como no caso de alguns vegetarianos) ou atléticos (como na fidelidade a um determinado time esportivo)” (Berger, 2017, p. 34). A literatura tem demonstrado sua migração da esfera religiosa cristã-protestante à um fenômeno social abrangente, complexo e vigoroso de difícil mensuração de alcance.

Foi diante dessa complexidade que nos propomos a discorrer a possível tipificação: religioso-xenofobista, religioso-político e religioso-científico. As possibilidades não se esgotam nessas tipificações, mas foi uma tentativa de discuti-los em torno dos matizes

fundamentalistas mais recorrentes na literatura e, possivelmente, os mais emergentes na atualidade. Percebemos que o tipo religioso-xenofobista apresenta questões profundas nas relações de alteridade, pois quando o outro não somente deixa de ser “um estrangeiro”, mas alcança o predicativo demoníaco, deparamos com um processo consciente e programado de invalidação e supressão do diferente.

O fundamentalismo religioso-político pode impactar profundamente a vida das pessoas, pois, a questão deixa de ser religiosa e ganha força de ordem social e política. Nessa mesma direção, não podemos desconsiderar que para um muçulmano devoto à sua crença, por exemplo, a política é o que os cristãos chamariam de sacramento. Uma atividade que deve ser sacralizada para se tornar um canal do divino (Armstrong, 2017). Nesse sentido, o tipo religioso-científico também apresenta forte incidência na vida das pessoas, pois é possível que nas universidades, aonde são formados os futuros profissionais e pensadores da sociedade, sejam influenciados e conduzidos não para o debate crítico e saudável da ciência, mas para se tornarem adeptos e militantes de determinadas correntes epistemológicas.

Em ambas as tipificações, averiguamos itinerários que vai desde movimento religioso para a ideologia acirrada, da postura de fiel para militância convicta, do *ad intra* da religião para demandas *ad extra* e ocupações políticas. Parece que ainda falta um longo caminho a percorrer para se encontrar nichos de diálogo e tolerância com o diferente, pois, curiosamente, na mesma medida em que são vulneráveis, os fundamentalistas são agressivos tal que, conforme Armstrong, “. . . democracia, pluralismo, tolerância religiosa, paz internacional, liberdade de expressão, separação entre Igreja e Estado - nada disso lhes interessa” (2017, p. 9). Assim, encontramos mitigadas pesquisas que abordam o fundamentalismo *open-mind* e que, também, não foi objeto de estudo da nossa dissertação. Talvez aqui fique a sugestão para posteriores estudos que aprofunde esse tipo de fundamentalismo, como possível caminho de construção

dos processos de alteridade e vivência da crença religiosa, sem cair no “ismo” do fundamentalismo.

No tocante ao segundo objetivo desse estudo, de analisar o fundamentalismo religioso na “arena das redes sociais” e seus impactos na vida público-privada das pessoas, percebemos que, de fato, assim como houve a emigração do termo fundamentalismo religioso da esfera cristã-protestante para demandas sócio-políticas, a literatura que pesquisamos tem acenado mais uma emigração: dos templos às redes sociais, aonde já não existem tantas diferenças entre o real e o virtual, o “aqui” e o “lá”, mas uma fusão, um *continuum*, de difícil e tênue delineamento de fronteiras.

Como as redes sociais, principalmente o Facebook, estão em constante construção, mutação e rotatividade, não se pode negar que, ao construir uma rede social, o usuário também é construído. Deste modo, as misturas de linguagens e de códigos apontam para novos hábitos culturais, nos quais texto, imagem e som, vão existindo à medida que as interconexões e o acesso *on-line* são realizados pelo usuário. Trata-se de compreender a rede social, para além de um fenômeno individualizado e estático.

Por conseguinte, numa análise mais profunda do Facebook, averiguamos que entre suas ferramentas mais utilizadas, como o *curtir*, *compartilhar* e *comentar*, esse último, revela uma tomada de partido por parte do usuário, conforme destacou Recuero (2014). Há opiniões que podem variar de tons, do mais suave ao mais agressivo, sendo possível encontrar manifestações não somente de indignação, mas de invalidação e de incitação à violência com o diferente.

Por isso, quando encontramos nas postagens do Facebook pessoas ou grupos fundamentalistas utilizando a ferramenta “comentário”, é possível que estejam externando sua coragem de dizer o que pensam e o que estão trazendo dentro de si, o que possivelmente seria mais difícil de manifestar dentro de uma Igreja ou Mesquita.

Em algumas postagens se encontram expressões como: “falo mesmo” ou “pronto, falei”, que parece revelar certo “desengasgo”. Aliás, numa rede social é mais difícil o controle das hierarquias e das organizações institucionais, enfraquecendo a própria religião, quando se desemboca no fundamentalismo religioso. Nessa esteira, será que os líderes religiosos estão perdendo o controle de suas respectivas religiões e, por isso, os fundamentalistas instrumentalizam a religião para demandas próprias e, em alguns casos, até mesmo contrárias a própria religião?

Curiosamente, tanto a revisão teórica como a nosso estudo de caso no Facebook nos trouxeram algumas questões-problemas: o que fazer com o fundamentalismo religioso nas redes sociais, uma vez que é praticamente impossível controlar seus atores-espectadores e mensurar seu alcance? Diga-se de passagem, que segundo a literatura pesquisada, ambos os fenômenos: fundamentalismo religioso e redes sociais vieram para ficar. Disso decorre que, ignorá-los ou negá-los não seria o melhor caminho. Afinal, observamos que os fundamentalistas religiosos, ao se apropriarem das redes sociais, têm alcançando diferentes extratos sociais e distintas localidades do mundo, angariando e formando prosélitos, justificando e articulando suas demandas terroristas, políticas, econômicas, viabilização de políticas públicas e leis de Estado.

Essas questões-problemas nos permitiram discorrer sobre o último objetivo específico da nossa dissertação: apontar a necessidade de aprofundar as implicações das postagens do Fundamentalismo religioso no bem-estar psíquico dos usuários do Facebook. De fato, quando os fundamentalistas religiosos se apropriam das redes sociais para identificarem e transferirem qualquer responsabilidade pessoal e histórica para as forças externas, como o processo de demonização do outro entendido como pessoa e/ou instituição, não podemos negar que esse processo alcança dimensões de problematização de compreensão e de relacionamento com o diferente, tema relevante à Psicologia Social.

Ao utilizarmos as categorias de indignação e invalidação, como estratégia de organização dos dados para identificar e analisar as postagens mais próximas àquilo que se designa como fundamentalismo religioso-xenofobista e religioso-político, nos deparamos com as seguintes palavras: “criaturas”, “olhos do mal”, “demônios”, “arder”, “fogo”, “ranger”, “nojento”, “merda”, “idiotas”, “nomes de parlamentares” entre outros. Deste modo, por meio de nossa análise dos comentários, foi possível demonstrar processos de indignação, invalidação e até mesmo de incitação de violência com o diferente, o que certamente, configura prejuízo nas relações interpessoais e no bem-estar psíquico, afinal a ruptura entre a vida *on-line* e *off-line* do usuário das redes sociais, é cada vez mais tênue, flexível e movediça.

Nesse sentido, considerando a imigração já realizada da esfera cristão-protestante para um fenômeno de tendências sócio-políticas, do deslocamento do templo às redes sociais, seria absurdo apontar um possível novo deslocamento: das redes sociais para vida *off-line* dos fiéis-usuários? Por isso a necessidade de pesquisas futuras que aborde numa perspectiva interdisciplinar a questão do fundamentalismo religioso e os impactos psicossociais no interior da própria religião e na vida dos usuários das redes sociais, particularmente, do Facebook. Tudo isso numa tentativa de descortinar diálogos maduros de convivência com o diferente, que ajude o usuário das redes sociais a aperfeiçoar seus benefícios e minimizar seus efeitos deletérios, como os possíveis prejuízos à sua saúde psicossocial.

Referências

- Armstrong, K. (2017). *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. (H. Feist, Trad.). São Paulo: Companhia de bolso.
- Berger, P. L. (2017). *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. (N. C. de M. Sobrinho, Trad.) (1º ed). Petrópolis, RJ: Edições Vozes.
- Lima, J. A. (2011). Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno. *Revista Crônos UFRN*, 12(1), 90–104.
- Recuero, R. (2014). Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Rev. Verso e Reverso: revista da comunicação*, 28(68), 114–124.
-

REFERÊNCIAS

Referências

- Alexander, D. (1991). El fundamentalismo es un Integrismo? *Revista Religiones Latino-americanas*, 1(1), 87–104.
- Amante, L. (2014). Facebook e novas sociabilidades - contributos da investigação. In C. Porto & E. O. dos Santos (Orgs.), *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* (p. 27–56). Campina Grande, PB: EDUEPB. <https://doi.org/10.7476/9788578792831>
- Arendt, H. (2010). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Armstrong, K. (2017). *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. (H. Feist, Trad.). São Paulo: Companhia de bolso.
- Aziz, P. (1978). *A civilização hispano-moura* (Vol. 2). Rio de Janeiro, RJ: Editions Ferni.
- Barifouse, R. (2016, junho). “As mídias sociais estão deixando as pessoas tristes e ansiosas. Queremos mudar isso.”, diz Orkut sobre sua nova rede. *BBC News Brasil*.
- Bauman, Z. (1998). *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.) (2º ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beer, P. A. de C., & Pondé, L. F. de C. e S. (2013). O Nome-Do-Pai no Fundamentalismo Religioso: Uma reflexão psicanalítica. *Último Andar*, 2(22), 47–62.
- Berger, P. L. (2017). *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. (N. C. de M. Sobrinho, Trad.) (1º ed). Petrópolis, RJ: Edições Vozes.
- Blank, R. J. (1994). O Fundamentalismo questionado pelos Fundamentos Teológicos nos quais quer se fundamentar. *Vida Pastoral*, (179), 9–13.
- Bonome, J. R. (2009). *Fundamentalismo religioso e terrorismo político*. Goiania, GO: Editora UCG.

- Borges, A. (2009). *Religião e diálogo inter-religioso*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-0496-1>
- Boudon, R., Bourricaud, F., Andrade, R. de C., Cohn, G., Alcoforado, M. L. G., & Ártico, D. (1993). *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Atica.
- Carletti, R. S. (2016). Religião e Internet: como pensarmos a “religião” hoje? *Revista Último Andar*, 1(29), 19–31.
- Carranza, B. (2009). O Brasil, fundamentalista? *Rev. Encontros Teológicos*, 52(1), 147–166.
- Carranza, B. (2015). Cristianismo pentecostal: nova face da Igreja católica. In A. da S. Moreira & P. L. Trombetta (Orgs.), *O pentecostalismo globalizado* (p. 70–93). Goiânia: Editora da PUC Goiás.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.
- Castells, M. (2005). A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In M. Castells & G. Cardoso (Orgs.), *A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Ação Política. Conferência promovida pelo Presidente da República*. (p. 17–30). Belém, PTR: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Clauret, B. (2013). Crítica da Cultura: na época da secularização vive-se o silêncio de Deus na cultura, mas as tradições religiosas ainda podem ter muito a dizer no espaço público. *Revista Cult*, 177(16), 36–37.
- Cunha, M. do N. (2007). *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Dias, C., & Couto, O. F. do. (2011). As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem em (Dis)curso*, 11(3), 631–648. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322011000300009>

- Dias, Z. M. (2008). Fundamentalismo: O delírio dos amedrontados - Anotações socio-teológicas sobre uma atitude religiosa. *Tempo e Presença*, 3(13), 1–6.
- Eco, U. (2000). Definições léxicas. In F. Barret-Ducrocq, E. Jacobina (Trad.), *A Intolerância* (1º ed). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para Internet* (1º ed). Porto Alegre: Sulina.
- Franco, R. (1992). Verdad o Libertad? *Revista Selecciones de Teología*, 1(124), 332–338.
- Gibson, W. (2008). *Neuromancer*. (F. Fernandes, Trad.) (4th ed). São Paulo, SP: Aleph.
- Holanda Ferreira, A. B. de. (2018). Nojento. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba, PR: Positivo. Recuperado de <https://dicionariodoaurelio.com/nojento>
- Kepel, G. (1992). *A revanche de Deus*. São Paulo, SP: Siciliano.
- Lane, S. T. M. (1994). A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In W. Codo (Org.), *Psicologia Social: o homem em movimento* (p. 10–19). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Levy, P. (2010). *Cibercultura*. São Paulo (SP): Ed. 34.
- Lévy, P., & Neves, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34.
- Libanio, J. B. (1984). *A volta à Grande Disciplina* (2nd ed). São Paulo (SP): Loyola.
- Libório, L. A., & Guimarães, V. R. (2015). Influências psicossociais e religiosas do fundamentalismo bíblico na saúde integral dos adeptos de uma Igreja. *PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, 6(12), 217–236. <https://doi.org/10.25247/paralellus.2015.v6n12.pp.217-236>
- Lima, J. A. (2011). Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno. *Revista Crônos UFRN*, 12(1), 90–104.

- Lionço, T. (2017). Psicologia, Democracia e Laicidade em Tempos de Fundamentalismo Religioso no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(spe), 208–223. <https://doi.org/10.1590/1982-3703160002017>
- Locke, J. K. (1992). Reflexiones sobre el fenómeno del fundamentalismo: Some Reflexions on the Phenomenon of Fundamentalism. *Revista Selecciones de Teologia*, 31(124), 326–331.
- Marsden, P. (2001). *Os talibãs: guerra e religião no Afeganistão*. Lisboa, PRT: Saraiva.
- Meneses, M. P. R., & Sarriera, J. C. (2005). Redes sociais na investigação psicossocial. *Aletheia*, 1(21), 53–67.
- Moltman, J. (1992). Fundamentalismo e modernidade. *Concilium*, 1(241), 141–148.
- Moromizato, M. S. & Ferreira, D. B. B. & Souza, L. S. M. & Leite, R. F. & Macedo, Nunes, F. & Pimentel, D. (2017). *O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina*. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 41 (4), 497-504, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4RB20160118>
- Nasr, S. H. (1990). O significado espiritual da Jihad. In R. S. Bartolho & A. E. Campos (Orgs.), *Islã: O credo é a conduta* (p. 269–326). Rio de Janeiro (RJ): Iser & Imago.
- Neves, R. X. (2016). O Fundamentalismo Religioso: O uso da informação e a contra informação numa sociedade que vive em redes de comunicação. *Revista Lumen*, 1(2), 59–74.
- Oro, I. P. (1996). *O Outro e o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo, SP: Paulus.
- Pace, E. (1990). *Il regime della verità: il fondamentalismo religioso contemporaneo*. Bologna: Società editrice il Mulino.
- Pace, E., & Stefani, P. (2000). *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Brescia: Ed. Queriniana.

- Paine, S. R. (2010). Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso (Atheist Fundamentalism against Religious Fundamentalism). *HORIZONTE*, 8(18).
<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2010v8n18p9>
- Pontifícia comissão bíblica. (1993). A interpretação da Bíblia na Igreja. Santa Sé. Recuperado de <http://w2.vatican.va/content/vatican/it.html>
- Powel, J. (2010). *33 milhões de pessoas na sua rede de contatos*. (L. Abramowicz, Trad.). São Paulo, SP: GENTE. Recuperado de <https://books.google.com.br/books?id=0Zt-CXcM90oC>
- Rebs, R. (2015). *Os haters e o discurso de ódio: Construindo Sentidos e Identidade nos Sites de Redes Sociais*. Recuperado de <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0695-1.pdf>
- Recuero, R. (2008). Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. *Verso e Reverso*, 3(51). <https://doi.org/10.4013/ver.20083.01>
- Recuero, R. (2009). Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na Internet. *Revista FAMECOS*, 16(38), 118–128.
- Recuero, R. (2012). As redes sociais na Internet e a Conversação em Rede. *CISECO*, 1, 1–4.
- Recuero, R. (2014). Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Rev. Verso e Reverso: revista da comunicação*, 28(68), 114–124.
- Reily, D. A. (1993). *História documental do protestantismo no Brasil* (2a ed. rev. pelo autor). São Paulo: ASTE.
- Ribeiro, C. O. (2013). Um Olhar sobre o Atual Cenário Religioso Brasileiro: Possibilidades e Limites para o Pluralismo. *Estudos de Religião*, 27(2), 53–71.
<https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v27n2p53-71>
- Rujo, Roxane; Barbosa, Jaqueline P. (2015) *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. Série Estratégias de ensino. São Paulo: Pará-bola editorial.

- Rosa, G. A. M. e, Santos, B. R. dos, & Faleiros, V. de P. (2016). Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. *Psicologia USP*, 27(2), 263–272. <https://doi.org/10.1590/0103-656420130026>
- Santos, A. S. dos. (2015). A convergência dogmática dos fundamentalismos. *Revista Contemplação*, 1(10), 68–81.
- Santos, E. O. dos, & Porto, C. (2014). *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar*. S.L: SciELO Books - EDUEPB.
- Silveira, E. J. S. da. (2014). Tradicionalismo católico no ciberespaço: juventude, política e espiritualidade. *Revista Ciências da Religião, História e Sociedade*, 12(2), 20–42.
- Silveira, E. J. S. da. (2015). Controvérsias católicas, repercussões públicas e o Papado de Francisco. *Anais do Congresso ANPTECRE*, 5(1), ST0905.
- Silveira, E. J. S. da. (2017). Hermenêutica trágica da intolerância religiosa: algumas notas teóricas. *Revista Labirinto*, 26(17), 141–162.
- Silveira, E. J. S. da, & Avellar, V. L. (Orgs.). (2014). *Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivências em Ciências da Religião*. São Paulo (SP): Loyola.
- Sofiati, F. M. (2012). *Religião e Juventude, os novos carismáticos* (2º ed). São Paulo, SP: Ideias & Letras; FAPESP.
- Souza, A. S. de, & Barbosa, W. do V. (2016). Iniquidade ou elã neo fundamentalista? Considerações sobre religião e política no Brasil. *Revista Numen: Estudos e pesquisa da religião*, 19(2), 113–140.
- Spink, M. J. P., & Spink, P. K. (2015). A Psicologia Social na atualidade. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: rumos e percursos* (2º ed, p. 679–700). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Vaggione, J. M. (2005). Família(s) y religión(s). *Revista Conciência latino-americana*, 14(12).

- Velasques Filho, P. (1990). O nascimento do 'Racismo' confessional: raízes do Conservadorismo protestante e do Fundamentalismo. In A. G. Mendonça & P. Velasques Filho (Orgs.), *Introdução ao Protestantismo no Brasil* (p. 111–131). São Paulo, SP: Edições Loyola; Ciências da Religião.
- Weber, M. (1991). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva* (Vol. 1). Brasília, DF: UnB.
- Whiterup, D. D. (2004). *Fundamentalismo bíblico*. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo (SP): Ave-Maria.